

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**SUPERESTRUTURA DA NOTÍCIA:  
MARCAS DA MOLDURA  
ATIVADAS NA LEITURA E NA ESCRITURA**

**Cláudia Belmonte Rahal**

**Prof<sup>a</sup>. Dr. Vera Wannmacher Pereira**  
**Orientadora**

**Porto Alegre**

**2006**

**CLÁUDIA BELMONTE RAHAL**

**SUPERESTRUTURA DA NOTÍCIA:  
MARCAS DA MOLDURA  
ATIVADAS NA LEITURA E NA ESCRITURA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr. Vera Wannmacher Pereira

Porto Alegre

2006

CLÁUDIA BELMONTE RAHAL

**SUPERESTRUTURA DA NOTÍCIA:  
MARCAS DA MOLDURA  
ATIVADAS NA LEITURA E NA ESCRITURA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Dr. Vera Wannmacher Pereira - PUCRS

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Dr. Dinora Moraes de Fraga - UNISINOS

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Dr. Clarice Beatriz da Costa Söhngen - PUCRS

Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal.

Alberto Manguel

## RESUMO

A presente pesquisa teve o objetivo de investigar as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas por alunos de 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola de Porto Alegre durante a leitura, e o uso dessas marcas, como determinante do gênero textual em estudo, no momento da escritura, verificando o nível de consciência lingüística e as correlações estabelecidas entre os dois processos pelos sujeitos da pesquisa. Para concretizar as investigações, utilizamos cinco instrumentos: uma forma representativa da moldura de uma notícia, uma entrevista a respeito das marcas identificadas na forma representativa, um texto/fonte, uma entrevista sobre as marcas reconhecidas na moldura do texto/fonte e a produção de uma notícia. Os resultados evidenciaram que há uma correlação positiva entre as marcas da moldura da superestrutura identificadas e reconhecidas durante a leitura e as utilizadas no momento da produção da notícia. A análise das entrevistas individuais realizadas com os sujeitos também deixa claro que o nível de consciência lingüística é fator decisivo na identificação da moldura da superestrutura da notícia.

**Palavras-chave:** Moldura da superestrutura da notícia, leitura e escritura, consciência lingüística.

## ABSTRACT

The present research was carried out with sixth grade students from a Primary School in Porto Alegre, Brazil, and aimed to investigate which signs of news superstructure frame are identified in the reading process and whether those signs are used as determiners of that specific linguistic text genre in the writing process. This allowed the assessment of degrees of linguistic awareness and the correlation made by the subjects between reading and writing processes. For that, five instruments were employed: a representative form of the frame of news article; an interview about the signs identified in the representative form; a source-text; an interview about the signs identified in the source-text frame; and the writing of a news article. The results indicated a positive correlation between the superstructure signs identified and acknowledged during the reading practice and those implemented in the writing of the news. The analysis of the subjects' individual interviews also confirmed that the degree of linguistic awareness is a key factor in the identification of news superstructure frame.

**Key -words:** News superstructure frame. Reading. Writing. Linguistic Awareness.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – União dos tipos de informação .....	32
Figura 2 – Relação das variações entre os tipos de informação .....	32
Figura 3 – Limite de informação visual no processamento de leitura .....	33
Quadro 1 – Identificação de marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia.....	64
Quadro 2 – Justificativas para identificação de marcas da superestrutura da notícia .....	65
Quadro 3 – Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas da superestrutura na moldura representativa da notícia .....	68
Quadro 4 – Reconhecimento de marcas da superestrutura no texto/fonte: notícia .....	69
Quadro 5 – Identificação da utilização de marcas da moldura da superestrutura na produção da notícias .....	70
Figura 4 – Identificação de marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia .....	74
Figura 5 – Reconhecimento de marcas da moldura da superestrutura no texto/fonte: notícia .....	77
Figura 6 – Nível de consciência lingüística .....	79
Figura 7 – Identificação da utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia na produção textual .....	82
Figura 8 – Identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia nas três situações da pesquisa.....	85
Figura 9 – Coincidências entre os três momentos de análise 1 e 2, 2 e 3 e 1 e 3.....	90
Figura 10 – Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia.....	94

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação de marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia .....	74
Tabela 2 - Reconhecimento de marcas da moldura da superestrutura no texto/fonte: notícia .....	76
Tabela 3 – Identificação da utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia na produção textual .....	81
Tabela 4 – Identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia nas três situações da pesquisa .....	85
Tabela 5 – Identificações coincidentes entre a situação 1 e a 2 .....	87
Tabela 6 – Coincidências entre a situação 2 e a 3 .....	88
Tabela 7 - Coincidências entre a situação 1 e a 3 .....	89
Tabela 8 – Identificação das marcas da moldura da superestrutura em três momentos de análise .....	89
Tabela 9 – Coincidências entre os três momentos de análise .....	90
Tabela 10 – Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia .....	93



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	18
1.1 TEXTO .....	19
1.1.1 Texto e moldura da superestrutura .....	19
1.1.2 Gêneros textuais: superestrutura da notícia .....	23
1.2 LEITURA .....	29
1.3 LEITURA E ESCRITURA .....	37
1.3.1 O contrato cooperativo.....	37
1.3.2 O papel da memória.....	40
1.3.3 A consciência lingüística.....	46
<b>2 PROBLEMA</b> .....	51
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	51
2.2 OBJETIVO GERAL .....	51
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	52
2.4 HIPÓTESES DE PESQUISA .....	53
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	54
3.1 UNIVERSO E AMOSTRA .....	54
3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....	55
3.2.1 Descrição dos instrumentos .....	55
3.2.2 Aplicação dos instrumentos .....	57
3.2.2.1 Aplicação-piloto dos instrumentos .....	58
3.2.2.2 Análise da aplicação-piloto .....	59
3.2.2.3 Aplicação definitiva dos instrumentos .....	61
<b>4 TRATAMENTO DOS DADOS</b> .....	63
4.1 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS A PARTIR DE ENTREVISTAS INDIVIDUAIS .....	63
4.1.1 Dados obtidos durante a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia .....	63
4.1.2 Dados obtidos durante a leitura da moldura do texto/fonte.....	69
4.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS A PARTIR DA PRODUÇÃO ESCRITA DE UMA NOTÍCIA .....	70
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS E AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES</b> .....	72
5.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS .....	72
5.1.1 Identificação das marcas da moldura da superestrutura na leitura da forma representativa .....	72
5.1.2 Reconhecimento das marcas da moldura da superestrutura na leitura do texto/fonte .....	76
5.1.3 Nível de consciência lingüística na leitura de marcas da moldura da superestrutra da notícia .....	78

	10
5.1.4 Utilização das marcas da moldura da superestrutura na produção textual.....	81
5.2 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES .....	84
5.2.1 Coeficientes de associação entre a forma representativa da moldura da superestrutura, o texto/fonte e a produção textual .....	84
5.2.2 Índice de coincidência na identificação de marcas da moldura por um mesmo sujeito diante das três situações da pesquisa .....	87
5.2.3 Correlação entre o nível de consciência lingüística, a identificação e a utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia .....	91
<b>6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>96</b>
6.1 ASPECTOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NA LEITURA .....	96
6.2 INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA LINGÜÍSTICA NA LEITURA E NA ESCRITURA .....	99
6.3 INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIOCOMUNICATIVOS NA LEITURA E NA ESCRITURA .....	101
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo de Língua Portuguesa, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, apresenta-se, geralmente, de forma compartimentada, destacando momentos específicos para a leitura e para a escrita. Observam-se as dificuldades de leitura e de escrita dos nossos alunos, enquanto se lida com a leitura como processo independente da escrita e, na mesma perspectiva, costuma-se apontar a qualificação da escrita como um caminho independente da leitura. Disso decorre a noção equivocada de que o domínio da linguagem ocorrerá de forma segmentada. Como processos independentes, leitura e escrita são trabalhadas no mínimo durante onze anos e pouco se tem alcançado em relação à qualidade de recepção e de produção escrita.

No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa já apontam, em suas propostas de ensino de língua, entre outras considerações, as diferenças existentes entre gêneros discursivos e tipologias textuais. A partir desse documento, mais do que nunca, torna-se necessário um repensar a respeito das práticas de leitura e de escrita em nossas escolas. No texto dirigido ao ensino de Língua Portuguesa, que aparece em Estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCNs), encontramos concepções importantes sobre linguagem, língua, texto, discurso e gênero. De acordo com os PCNs, as situações de ensino da língua precisam ser organizadas, fundamentalmente, considerando-se o texto como unidade básica de ensino e reconhecendo-se a diversidade de textos e gêneros que circulam socialmente, assim como suas características específicas.

Rojo (2000), em sua obra “A prática de linguagem em sala de aula – Praticando os PCNs”, apresenta, com clareza, a forma como os conteúdos de Língua Portuguesa encontram-se distribuídos nos PCNs, ou seja, por dois eixos de prática de linguagem: as práticas de uso da linguagem e as práticas de reflexão sobre a língua e a linguagem. Segundo os Parâmetros, a linguagem é percebida como ação

[...] interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de

uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Os homens interagem pela linguagem tanto em uma conversa de bar, entre amigos, ou ao redigir uma carta pessoal, quanto ao redigir uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional [...] (PCN, 2000, p.6).

Quanto à conceituação de língua, esta é vista como

[...] um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita ao homem significar o mundo e a sociedade. Assim, aprendê-la é aprender não somente as palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas aprender pragmaticamente os seus significados e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmos. (PCN, 2000, p.7).

Assim, conforme os PCNs, produzir linguagem significa produzir discursos: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, em um determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução.

Dessa forma, ao ensinar Língua Portuguesa, de acordo com os PCNs, a escola assume para si a responsabilidade de contribuir para assegurar aos seus alunos o acesso aos saberes da fala e da escrita necessários para que cada um seja capaz de interpretar os diferentes textos que circulam, de assumir a palavra, de produzir textos eficientes nas mais diversas situações. Então, se temos a consciência de que existem diferentes tipos de textos, torna-se necessário trabalharmos com essa diversidade, destacando a existência de diferentes maneiras de ler um texto. Para tanto, é recomendável que ensinemos o aluno a ler com objetivos diferentes, tornando-se consciente do que faz.

Essa situação merece um novo olhar por parte dos profissionais que trabalham com a Língua Portuguesa. Não adianta constatarmos que leitura e escritura são processos presentes e inter-relacionados no âmbito escolar. Devemos, sim, tratá-los com a máxima amplitude e complexidade em relação à compreensão e eficácia dos mesmos na aprendizagem da língua materna. Trata-se, aqui, de uma perspectiva de ensino que prevê a apropriação do código escrito, através da leitura e da escritura, para o desenvolvimento maior da competência comunicativa já adquirida pelo falante, entendendo-se este desenvolvimento, de acordo com Travaglia (2004), como o possibilitar ao falante utilizar cada vez um maior número de recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Com o apoio desses referenciais teóricos, exige-se, por parte do professor e, conseqüentemente, do projeto político pedagógico da escola, uma compreensão

e uma significação da prática com a linguagem na sala de aula. Faz-se necessário um ensino reflexivo da língua. Esse tipo de ensino visa a, segundo Travaglia (2004), capacitar o aluno a perceber o significado/sentido e a direção do dizer.

Nesse sentido, também como professora de Ensino Fundamental há dezessete anos, observo que os alunos utilizam marcas da superestrutura de determinados gêneros textuais no momento da leitura e da escritura, ou seja, há indícios, nos textos, que são considerados tanto pelo sujeito leitor, no momento da compreensão do texto lido, quanto pelo sujeito escritor, no momento em que irá selecionar marcas características do texto que será produzido (um bilhete, por exemplo, será escrito a partir de determinadas marcas: destinatário, assunto, assinatura). Além disso, constantemente, afirmações do tipo “escrevi assim porque adoro ler poemas” (tratando-se da estrutura do texto) fazem parte das verbalizações dos alunos durante as aulas de produção textual. Essas observações, oriundas da minha prática de ensino, levaram-me a pensar sobre até que ponto os alunos possuem ou não consciência do uso desses indícios e também me impulsionaram à curiosidade teórica, pois sempre acreditei na necessidade de sermos professores pesquisadores a fim de que embasemos teoricamente nossa prática de ensino com precisão e, por conseguinte, qualifiquemos nossa atuação em sala de aula.

Por causa dessa necessidade, primeiramente, busquei um curso de especialização em Leitura e Produção de Texto (2001-LA SALLE), durante o qual comecei a ler e a interessar-me mais pela relação entre leitura e escritura, através do conhecimento de estratégias de leitura. Já nessa época, percebi, conforme afirma Smith (1999), que “a maioria dos estudos sobre a leitura dá prioridade ao que deveria ser feito para melhorar o ensino, ao invés de, em primeiro lugar, priorizar a compreensão do processo de aquisição da leitura”. Dando continuidade à minha qualificação, ingressei no mestrado em Lingüística Aplicada (2005-PUC), em que, nas disciplinas de Psicolingüística e Lingüística Textual, pude aprofundar-me mais nos aspectos pertinentes ao texto, sua compreensão e produção.

Assim, o presente estudo possui essa junção necessária entre ensino e pesquisa, buscando investigar quanto a identificação de marcas da moldura da superestrutura servem de pista para que o leitor chegue ao reconhecimento do gênero textual notícia durante a leitura e no momento da escritura. Nesse sentido, esse estudo centra-se na conceituação de moldura da superestrutura, ou seja, marcas presentes na superestrutura, obedecendo à uma

disposição e à uma forma<sup>1</sup> definidas na forma global do texto. Van Dijk (1977) desenvolveu o conceito de superestrutura textual como um esquema cognitivo que encerraria os elementos essenciais da caracterização de um texto e que teria função relevante no processamento da linguagem e na organização da memória.

A superestrutura, esquema abstrato com categorias vazias, corresponde ao formato característico de determinado texto. Destaca-se, aqui, em forma de sintaxe textual, certa “moldura”, certas marcas ou esquemas textuais de natureza específica correspondente à identidade do texto. Parte-se, portanto, desse esquema cognitivo de Van Dijk (1977) para inserirmos a noção de moldura como sendo um dos aspectos da superestrutura textual.

Iniciou-se a presente pesquisa com a busca de estudos específicos que trabalhassem a relação entre leitura e escritura tendo como foco a moldura da superestrutura. No entanto, não foram encontrados estudos que contemplem direta e/ou amplamente o assunto do eixo desse trabalho. Existem pesquisas acadêmicas que investigam a compreensão leitora de determinados gêneros textuais, as estratégias de leitura utilizadas por leitores de diferentes faixas etárias, entretanto a maioria está voltada para as relações de sentido do texto.

Desse modo, pesquisando as relações entre a leitura e a escritura, bem como a influência de uma sobre a outra, como atividades cognitivas, temos a certeza de que, tendo-se em vista a complexidade dessas relações, há ainda muito a se explorar. Partindo da afirmação de Smith (1983) de que é necessário “ler como escritor e escrever como leitor”, já vislumbramos um caminho possível para olhar, de forma diferenciada e convergente, para os processos de leitura e de escritura. Smith (1989) afirma ainda que a leitura consiste em dar sentido a partir da linguagem escrita, sendo muito mais que decodificar a palavra impressa em sons. Segundo o autor, o aprendizado é mais um resultado da compreensão do que sua causa. Aprender a ler é, literalmente, uma questão de “entender a leitura”. Assim, para entendê-la e, por conseguinte, trabalharmos com a escritura, é preciso que compreendamos os processos cognitivos envolvidos na linguagem humana durante a leitura, ou seja, como ocorre o armazenamento e a recuperação de informações.

---

<sup>1</sup> Forma na presente pesquisa é compreendida como a apresentação dos elementos tipográficos: tamanho da fonte, uso de negrito, itálico, sublinhado.

Outro aspecto de igual relevância para o tema diz respeito à superestrutura do texto (Van Dijk, 1977) e a quanto as marcas presentes nessa estrutura são seletivas no momento da leitura, pois determinam o gênero textual (Marcuschi, 2005) e, conseqüentemente, o tipo de leitura do mesmo. Conforme Smith (1989), as convenções dos textos permitem que as expectativas dos leitores e as intenções dos escritores se encontrem. Também Kleiman (1999) afirma que são múltiplas as atividades cognitivas que constituem o processo em que o leitor se engaja para construir o sentido de um texto escrito e, igualmente, em que o escritor se envolve para deixar as pistas necessárias para tal empreendimento. Os leitores irão, assim, reconstruir a intenção do autor seguindo as orientações indicadoras.

Considerando que a 6ª série representa uma etapa dentro do Ensino Fundamental, na qual os alunos estão mais capacitados com o trabalho disciplinar em língua portuguesa, iniciado na 5ª série, e conseqüentemente já desenvolveram atividades sistematizadas relacionadas aos eixos de leitura e de escrita, a presente pesquisa, além da abordagem teórica sobre o assunto, é um relato de uma investigação com uma turma de sujeitos dessa etapa de ensino. Nesse instante, cabe registrarmos quem são os nossos sujeitos da pesquisa, em que situação de comunicação se encontram, o que lêem e o que escrevem e como realizam esses processos de leitura e de escrita, pois o perfil deles acarreta algumas expectativas e impulsiona um trabalho construtivo com a leitura, assim como com a escrita. São sujeitos leitores de gêneros diversificados tanto no ambiente escolar quanto no familiar e, portanto, com possibilidades importantes de realizarem leitura e escrita significativas.

Foi selecionado um gênero textual do cotidiano escolar do aluno de 6ª série, a notícia, como instrumento a ser analisado durante a pesquisa. Essa escolha está justificada, principalmente, pela abordagem teórica de Smith (1999) ao referir-se à leitura significativa, porque, nesta etapa, os alunos buscam nos jornais as mais variadas informações (desde o resultado do jogo do seu time de futebol até comentários a respeito de cinema, novela ou horóscopo). Dessa forma, os textos informativos, iniciando pela leitura e compreensão da notícia, são trazidos para a sala de aula como materiais que proporcionam atividades significativas com a leitura e com a escrita.

Nesse momento, partimos para a investigação dessa realidade dos alunos de 6ª série em relação ao trabalho com o gênero textual notícia. Para tanto, organizamos esta

dissertação, depois da introdução, em seis capítulos. O primeiro capítulo apresenta os pressupostos teóricos. A base teórica do estudo está centrada nos principais aspectos cognitivos implicados no processo da leitura e da escrita, mais especificamente relacionados à recepção (identificação e reconhecimento) e à produção de marcas da moldura da superestrutura do gênero textual notícia, cujas idéias são compartilhadas, principalmente, pelos seguintes autores: Van Dijk (1977), Orlandi (1999), Smith (1989/1999), Kato (1999), Travaglia e Koch (2000), Solé (1998), Kleiman e Moraes (1999), Kleiman (2000), Bonini (2002), Camps e Colomer (2002), Marcuschi (2005), Rossi (2002) e Poersch (1998/2001). Nesse capítulo são vistos os aspectos relacionados ao conceito de texto, à forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, aos gêneros textuais, ao processamento de leitura e às relações entre leitura e escrita.

O segundo capítulo apresenta o problema de pesquisa, no qual se encontram presentes a caracterização da pesquisa, os objetivos e as hipóteses. O destaque, então, é dado à existência, ou não, de correlação entre as marcas da moldura da superestrutura identificadas durante a leitura e, posteriormente, à aplicação dessas mesmas marcas no momento da escrita.

O terceiro capítulo é reservado à metodologia, que inclui o universo e a amostra, a descrição dos instrumentos, as aplicações piloto e definitiva. Determina-se, aqui, o objeto de investigação e descrevem-se os instrumentos e os procedimentos adotados na aplicação dos mesmos.

O quarto capítulo refere-se ao tratamento estatístico dos dados, no qual se apresenta como se procedeu ao levantamento e à organização das informações obtidas ao longo da pesquisa.

O quinto capítulo destina-se à análise dos dados e à avaliação das hipóteses. São analisados os dados oriundos das entrevistas individuais procedidas durante a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura de uma notícia e também os dados decorrentes da leitura da moldura do texto/fonte e da análise da produção de texto do mesmo gênero. À medida que a análise é desenvolvida, as hipóteses vão sendo avaliadas, para o que contribui a mensuração das hipóteses a partir do tratamento estatístico dos dados, também apresentada nesse capítulo.



O sexto capítulo contém a discussão dos principais aspectos dos resultados dessa pesquisa e aponta algumas razões que justificam os dados obtidos. É o momento de verificarmos quanto os resultados alcançados se correlacionam com as concepções dos teóricos estudados.

Na conclusão, os resultados são examinados em relação às hipóteses e aos objetivos da pesquisa. Ainda são apresentadas considerações que servem como sugestões pedagógicas ou sinalizam para a possibilidade de novas pesquisas a respeito do assunto.

Após a conclusão, seguem-se as referências e os anexos relativos aos instrumentos utilizados na investigação e o esquema da pesquisa.

# 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Primeiramente, por se tratar de uma pesquisa que parte de uma prática desenvolvida em sala de aula para uma análise teórica, cabe uma palavra para justificar de que forma chegamos aos pressupostos teóricos. O destaque de que os instrumentos de pesquisa seriam basicamente de dois tipos - instrumentos de leitura e instrumento de escritura - foi decisivo para a determinação da base teórica. Em relação aos instrumentos de leitura, analisamos o que denominamos, neste trabalho, forma representativa da moldura da superestrutura de uma notícia e também o texto/fonte, ou seja, a notícia da qual se originou a forma representativa. O instrumento de escritura analisado foi uma notícia produzida pelos alunos. Em virtude disso, tínhamos a clareza de que nosso estudo, por tratar da leitura e da escritura, iniciaria suas bases teóricas pela concepção de texto, de moldura da superestrutura e de gênero textual.

Partiu-se do estudo da concepção de texto de teóricos destacados dentro da Psicolinguística para chegar-se à concepção de texto que está presente em toda a pesquisa. Do mesmo modo, partiu-se do estudo da superestrutura de Van Dijk (1977) para se chegar à definição de quais aspectos embasam a análise do gênero textual selecionado, como marcas presentes na composição da moldura da superestrutura da notícia, durante a leitura e a escritura.

Assim, apresentaremos inicialmente as formulações conceituais a respeito de texto e de gênero textual de Van Dijk (1977), Orlandi (1999), Kato (1999) Travaglia e Koch (2000), Marcuschi (2005), Kleiman (2000), Bonini (2002), Rossi (2002), Camps e Colomer (2002) e Smith (1989) para delinear os pressupostos que subjazem à noção de texto, de moldura da superestrutura e de gênero textual, que compõem a primeira parte dos pressupostos teóricos, intitulada como “Texto”.

Da mesma forma, à luz das considerações de Smith (1989), Solé (1998), Kato (1999) e Kleiman (2000), chegamos à segunda parte dos pressupostos, “Leitura”. Nessa parte, o foco está no processamento de leitura, empregado neste estudo de recepção e

produção de notícia. Desse modo, dentre os aspectos abordados, estão a previsão e as estratégias realizadas durante a leitura, assim como o conhecimento prévio.

Finalizando, na terceira parte dos pressupostos teóricos, “Leitura e Escrita”, analisamos as possíveis relações entre esses processos cognitivos, principalmente a partir da noção do “contrato cooperativo”, apresentada por Smith (1999), apontando, também, questões importantes a respeito do conhecimento da memória, que sinalizam e demarcam pistas que serão ativadas durante a leitura e a escrita de textos, e da consciência lingüística, que explicitará as verbalizações conscientes dos sujeitos no que se refere às suas seleções diante dessas pistas. Além de Smith (1989/1999), outros teóricos, como Kato (1999), Kleiman (2000), Camps e Colomer (2002) e Poersch (1998) contribuíram para nossas constatações a respeito de correlações entre leitura e escrita.

## 1.1 TEXTO

Referirmo-nos a texto, em especial à sua forma, é destacarmos a idéia de superestrutura. Assim, abordaremos concepções teóricas a respeito da inter-relação entre texto e moldura da superestrutura e sobre essa inter-relação com os gêneros textuais.

### 1.1.1 Texto e Moldura da Superestrutura

Todos os autores destacados nesta pesquisa levam-nos a defender a posição de que existe uma inter-relação entre as formulações conceituais de texto e de moldura da superestrutura, sendo essa inter-relação demarcada pela forma do texto.

O texto, conforme Van Dijk (1977), apresenta três estruturas constituintes: a micro, a macro e a superestrutura. A microestrutura situa-se no nível local ou da sentença, enquanto a macro e a superestrutura relacionam-se ao nível global, ou seja, não definem

relações entre orações isoladas, mas o seu conjunto. O que diferencia a macroestrutura da superestrutura é que a primeira trata do conteúdo, enquanto a segunda da forma do texto.

Van Dijk (1977) apresenta a idéia de que uma superestrutura fornece a sintaxe completa para o significado global, isto é, para a macroestrutura do texto. Essa idéia faz com que a superestrutura seja vista como um elemento necessário ao processamento da linguagem, pois será ativada sempre que escritor/leitor se deparar com determinada situação comunicativa, preenchendo expectativas de leitura e de produção textual. O falante saberá, por exemplo, qual o esquema utilizado quando for narrar um conto e, da mesma forma, reconhecerá o esquema no momento da interpretação desse texto.

Também Smith (1999) refere-se a dois aspectos da linguagem: as características físicas – salientando, por exemplo, o volume ou a duração do número de pausas em uma passagem da fala, ou o tamanho ou tipo de letras de um texto escrito – e as referências ao significado. O autor destaca que podemos usar outras expressões para designar esses aspectos: *estrutura de superfície* - que são as marcas de informação visual que nossos olhos colhem em fixação na leitura e *estrutura profunda*, para o significado.

O texto, de acordo com Orlandi (1999), pode ter qualquer extensão: de uma simples palavra até um conjunto de frases. O que o define não é sua extensão, mas o fato de que ele é uma unidade de significação em relação à situação. Desse modo, a característica inerente a todo texto e que torna claro o tipo a que se pretende é a sua textualidade, isto é, determinadas propriedades que estabelecem a sua tessitura.

Kato (1999) considera o texto não apenas como unidade formal, mas também como unidade funcional, isto é, como uma unidade de comunicação. A autora define que o modelo de leitura que advém dessa concepção é aquele que considera a leitura como um ato de reconstrução dos processos de sua produção.

Travaglia e Koch (2000) concordam com Orlandi (1999), pois consideram que a textualidade ou textura é o que faz de uma seqüência lingüística um texto, e não uma seqüência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A seqüência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global.

Kleiman (2000) traz uma contribuição significativa à noção de construção de estrutura de texto a partir da utilização de pistas lingüísticas locais. A idéia abordada e defendida pela autora é que a construção da estrutura de superfície do texto estará interligada a dois aspectos globais profundos: um relativo à construção de um significado e que está diretamente ligado ao assunto, que seria a macroestrutura, e outro relativo à construção de uma armação sustentadora do assunto, que estaria relacionado ao gênero, que seria a superestrutura.

Marcuschi (1983) amplia a noção de texto, considerando para tal propósito os critérios que serão levados em conta. Assim, definimos texto por critérios internos, sob o ponto de vista imanente ao sistema lingüístico, ou recorremos a critérios temáticos ou transcendentais ao sistema, em que o texto constitui-se em uma unidade em uso ou unidade comunicativa. Ao optarmos pela segunda definição, estaremos ampliando a noção de texto como unidade lingüística, pois será visto como unidade comunicativa. Em 2005, Marcuschi apresenta a idéia de que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Para o autor, a distinção entre gênero e tipos textuais é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Quanto à noção de tipo textual, o autor identifica a presença de seqüências lingüísticas típicas que apontarão para determinada tipologia textual. Em relação aos gêneros textuais leva em conta a situação comunicativa de produção e recepção do texto, ou seja, importarão os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. A relevância desse destaque deve-se ao fato de que estaremos tratando com a leitura e com a escritura de determinado gênero textual (notícia) que será tipologicamente distinto de outros gêneros textuais.

Assim, definir texto, levando em consideração os estudos atuais da Psicolingüística, é afirmar que, mais que uma sucessão ou combinação de frases, o texto pode ser concebido como resultado parcial de uma atividade comunicativa. São os falantes/escritores que constroem o texto como possibilidade de concretizar suas intenções comunicativas e sociais através de uma manifestação lingüística concreta, estabelecendo uma interlocução com os

ouvintes/leitores. Cabe destacar que essa manifestação ocorre a partir de processos de ordem cognitiva, como afirma Koch (2004):

Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada com sucesso.

Para melhor compreendermos o que caracteriza um texto, poderemos tomar por base as metáforas utilizadas por Koch (1998) ao comparar o texto a três imagens: o “mapa da mina”, o “iceberg” e o “hipertexto”. A idéia do “mapa da mina” está relacionada às pistas deixadas pelo escritor sinalizando a tessitura do texto, a partir das quais o leitor irá construir o sentido do texto. O “iceberg” aponta para as duas estruturas: os explícitos, ou seja, as construções lingüísticas visíveis na superfície do texto, e os implícitos, isto é, os elementos submersos que serão inferidos do contexto sociocognitivo dos interlocutores. Por fim, a idéia de “hipertexto” refere-se ao fato de recorrermos constantemente a outros textos para construirmos o sentido de um texto em especial.

Essas metáforas, citadas por Koch (1998), resgatam a inter-relação entre texto e forma representativa da moldura da superestrutura da notícia. O “mapa da mina” será visto, na presente pesquisa, como as pistas ou marcas características que compõem a moldura da notícia; da mesma forma, a ponta do “iceberg”. Já a idéia de “hipertexto” será a base para que os sujeitos, considerando outros textos, cheguem ao gênero notícia.

A concepção de texto, pertinente a esta pesquisa, foi construída a partir das contribuições dos teóricos citados anteriormente, porque acreditamos que, devido à complexidade do presente estudo, que se propõe a analisar como as marcas da moldura da superestrutura interferem na leitura e na escritura, esse seja o caminho mais adequado. Desse modo, ao nos referirmos a texto, durante a pesquisa, estaremos compreendendo que no nível global, segundo Van Dijk (1977), encontra-se uma forma convencional, a superestrutura, ou seja, um esquema que organiza a macroestrutura (conteúdo global do texto). Nessa forma convencional estarão presentes as marcas (verbais e não-verbais) de uma notícia. O termo teórico superestrutura, também denominado por esquema, destaca a identidade do gênero, levando-se em consideração a funcionalidade, isto é, a situação

comunicativa de produção e recepção do texto. Também a partir da contribuição significativa em relação à estrutura de texto, apontada por Kleiman (2000), nesta pesquisa, a denominação de moldura da superestrutura é vista como uma armação sustentadora das marcas características do gênero notícia presentes na superfície do texto.

### 1.1.2 Gêneros textuais: superestrutura da notícia

Temos certeza de que, com a nossa experiência como leitores, reconhecemos muito rapidamente quando um texto pertence a um ou outro tipo familiar, geralmente quando reconhecemos algumas características textuais que nos sinalizam que tipo de mensagem pode ser aquela. Assim, partiremos da análise teórica da superestrutura da notícia.

Segundo Kleiman (1999), o conhecimento parcial, estruturado que temos na memória sobre assuntos, situações, eventos típicos de nossa cultura é chamado de “esquema”. O esquema determina, em grande parte, as nossas expectativas sobre a ordem natural das coisas. O esquema também nos permite economia e seletividade na codificação de nossas experiências, isto é, no uso das palavras com as quais tentamos descrever para o outro as nossas experiências.

Essa concepção de esquema explicitada pela autora está, como podemos perceber, ligada ao processamento da leitura do texto, mas, também, pode ser ampliada, de acordo com premissas da nossa investigação, como esquemas relacionados às expectativas dos leitores ao se depararem com a moldura da superestrutura do gênero notícia.

Os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória em forma de modelos cognitivos globais, entre eles estão as superestruturas ou esquemas textuais (Van Dijk, 2004), que são conjuntos de conhecimentos acumulados quanto aos diversos tipos de textos. É assim, por exemplo, que, de tanto ouvir histórias contadas por adultos, as crianças constroem seu modelo de história, que será a base para a construção do esquema ou da superestrutura narrativa, acontecendo o mesmo processo com relação a textos de outros gêneros.

Cada tipo particular de texto tem suas características próprias que determinam a sua natureza ou gênero textual. Quando nos deparamos com determinado texto, esperamos encontrar as características apropriadas, e a identificação das mesmas nos permite reconhecer rapidamente de que gênero é o texto em questão.

As propriedades que permitem identificar cada gênero textual constituem sua textualidade ou textura, ou seja, seqüências lingüísticas típicas (aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas) que serão norteadoras para a identificação do gênero. Da mesma forma, a superestrutura também engloba marcas estruturais globais, isto é, aspectos gráficos e não-verbais característicos de cada gênero textual. Uma reportagem, por exemplo, permite a construção de inúmeros significados pelo leitor a partir do tamanho e tipo de letras usadas em sua escrita, assim como do tipo de fotos. São propriedades que o fazem específico e permitem distingui-lo dos demais. Dessa forma, uma notícia jamais será confundida com outro gênero de texto, ou servirá para o mesmo propósito.

Se, por um lado, os tipos textuais estão ligados à natureza lingüística da composição, os gêneros textuais representam a materialização desses textos através de características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Caberá ao escritor/falante a escolha por determinado gênero textual a partir da sua intencionalidade comunicativa e considerando, também, a aceitabilidade por parte do seu leitor/ouvinte: o que será transmitido, para quem será transmitido e como fará essa transmissão. Nesse momento, sua opção será por uma notícia, por um bilhete, por um telefonema ou talvez por uma carta. Os gêneros são, em última análise, os reflexos de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura (Marcuschi, 2005).

Torna-se relevante essa distinção ao trabalharmos com a leitura e a escritura, pois ampliamos o olhar para esse objeto da escritura e da leitura, que é o texto, passando a enxergá-lo como uma construção de propriedades lingüísticas intrínsecas, e também como realizações lingüísticas e extralingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas.

A escolha e a adequação do gênero textual estão, portanto, relacionadas ao objetivo de interação comunicativa, dependendo do contexto em que será produzido o texto e,



principalmente, do contrato estabelecido entre os interlocutores. Um texto não é um produto acabado; ele é construído ou reconstruído em dado momento, pela relação estabelecida entre leitor e escritor. O “para quê” funcionará como determinante do “como” ao interagirmos com outras pessoas por meio da linguagem.

O texto assume uma nova concepção e possibilita novos estudos em relação à sua produção e à sua construção de sentidos. É no texto e através do texto que os sujeitos interagem, conforme afirma Koch (2004):

Portanto, na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que -dialogicamente- nele se constroem e por ele são construídos.

Para o presente estudo é importante salientar que o contrato estabelecido entre os interlocutores, baseado nos princípios de intencionalidade/aceitabilidade, foi determinante para a escolha e análise do texto (notícia) trabalhado com os sujeitos de 6ª série, assim como o foi a consideração feita a respeito da distinção entre tipos e gêneros textuais. Estamos trabalhando com texto do cotidiano desses sujeitos, logo as condições de produção desse texto serão significativas no momento em que analisarmos a identificação e o reconhecimento da moldura da superestrutura do texto durante a leitura e, também, a utilização das marcas dessa moldura na produção escrita dos sujeitos.

Os gêneros textuais são modelos comunicativos e, como tal, possuem uma superestrutura que os identifica como sendo uma notícia, por exemplo. Essa superestrutura está diretamente relacionada à forma global do texto, levando em consideração os aspectos esquemáticos, como posicionamento do título, do *lead*, da imagem, do corpo do texto, ou seja, o que está relacionado, segundo Kleiman (1999), à diagramação da notícia.

A importância do reconhecimento da superestrutura de um texto deve-se ao fato de que cada gênero textual cria uma expectativa no interlocutor, preparando-o para uma determinada reação. O vínculo estabelecido a partir da superestrutura do texto, no momento da leitura, ativa os modelos esquemáticos cognitivos na memória do leitor e, conseqüentemente, será um fator determinante para a compreensão leitora de determinado

texto, uma vez que o leitor cognitivamente engajado vai testar hipóteses que identifiquem a superestrutura do texto lido.

Orlandi (1999) aborda que saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente. Assim, a autora deixa-nos claro que não se lê da mesma forma um texto literário e um texto científico, um conto de fadas e um cálculo matemático.

Em seus textos, Van Dijk (2004) ressalta que cada leitor pode eleger, em uma notícia, determinadas informações mais importantes ou relevantes por conta do modelo cognitivo pessoal. Segundo o autor, esse modelo é uma representação mental na memória, é a cognição de um evento, de uma situação. A relevância dessa constatação encontra-se na possibilidade de organizarmos o processo de leitura, compreensão e produção de informações diante de um texto. As superestruturas aparecem, aqui, como esquemas para as formas convencionais dos textos, sendo que o conhecimento dessas formas facilita a recordação e a produção de textos.

Distinguir a estrutura de uma carta, de um relato ou de um diálogo ajuda o aluno a ativar seus conhecimentos referentes às características gráficas, formais e lingüísticas do texto, podendo, assim, codificar a informação textual dentro das categorias do esquema ativado, distribuindo os conteúdos nela. Posteriormente, pode utilizar esse mesmo esquema organizacional como um plano para retomar a informação quando necessitar dela.

Bonini (2002), em sua obra “Gêneros textuais e Cognição”, apresenta a superestrutura como esquema abstrato com categorias vazias, correspondentes ao formato característico de determinado texto. Nesse momento, reconhece que a superestrutura serve como poderoso recurso *top-down*, indicando, em forma de sintaxe textual, o modo como as proposições em um texto deverão ser processadas, como se fosse uma moldura. Corresponde, grosso modo, aos modelos de esquemas, marcos ou roteiros.

Travaglia (2000) chama a atenção para a reformulação da definição do conceito de coerência feita por Van Dijk (1983). Em seus trabalhos iniciais, considerava que a coerência era uma propriedade lógica do texto. Atualmente considera que a coerência não é apenas uma propriedade do texto, mas o que se estabelece numa situação comunicativa

entre usuários que têm modelos cognitivos comuns ou semelhantes, adquiridos em dada cultura.

Todo falante da língua possui o que chamamos de competência textual, ou seja, a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados, coerentes, valendo-se, de acordo com Travaglia (1998), de três capacidades básicas: capacidade formativa, capacidade transformativa e capacidade qualificativa. A capacidade formativa permite produzir e compreender um número potencialmente ilimitado de textos inéditos e avaliar, com convergência, a boa ou má formação de um texto dado. Já a capacidade transformativa diz respeito à capacidade de parafrasear, reformular e resumir um texto dado, bem como de avaliar a adequação do produto destas atividades. Por último, a capacidade qualificativa confere a possibilidade de tipificar, com convergência, um texto dado e a possibilidade de produzir um texto de tipo particular. Dessa forma, a competência textual, inerente a todo falante, em consonância com o conhecimento adquirido através da leitura e compreensão de diferentes gêneros textuais, desenvolve a competência comunicativa através do domínio de novas habilidades.

Na presente pesquisa, trabalhamos com o gênero textual notícia e, concordando com Travaglia (1998), vemos como é importante realizar a análise das marcas de relação entre as unidades de composição textual que a língua usa no gênero destacado, para que é relevante a capacidade qualificativa que possuímos como falantes.

Aproximando-se de Travaglia (1998), ao considerar as marcas que estabelecem a composição textual, Camps e Colomer (2002) destacam um nível de conhecimento em relação ao texto escrito: conhecimento paralingüístico. Acreditamos que esse destaque é pertinente à presente dissertação exatamente por referir-se ao conhecimento que os leitores possuem em relação ao texto escrito, como acerca de elementos tipográficos, convenções na distribuição e separação do texto, convenções na organização da informação de cada tipo de texto. Esses conhecimentos, conforme os autores citados acima, serão utilizados pelos leitores como facilitadores de sua leitura.

O estudo da organização textual característica de diferentes textos, de acordo com Rossi (2002), foi um tema bastante abordado pela Lingüística Textual, a partir dos anos 80, sob a denominação de “superestrutura textual”. Segundo a autora, na perspectiva de ensino

atual, devemos considerar como parte da organização textual não apenas o texto verbal, mas também todos os elementos não-verbais que compõem os gêneros textuais, representando a materialidade e o suporte de cada gênero.

A notícia, assim como a entrevista, a reportagem e o editorial, é um gênero jornalístico e, como tal, apresenta uma linguagem clara e objetiva, em que a exigência passa a ser o emprego do mínimo de palavras e o máximo de informação. Há, também, a necessidade de essa informação estar organizada segundo critérios específicos de diagramação.

No tocante ao gênero notícia, os manuais de estilo atêm-se, de modo geral, como forma de estruturação do texto, no que se refere à sua superestrutura, a dois elementos: a estruturação do *lead* e o corpo, através do princípio da pirâmide invertida, no qual se começa pelo fato mais importante para finalizar com os detalhes. O *lead* consiste normalmente no primeiro parágrafo da notícia e é a parte que apresenta um resumo, em poucas linhas, em que são fornecidas respostas às questões fundamentais do jornalismo: *o quê?* (fatos), *quem?* (personagens/pessoas), *quando?* (tempo), *onde?* (lugar), *como?* e *por quê?* O corpo da notícia é a parte que apresenta o detalhamento do *lead*, fornecendo ao leitor novas informações, em ordem cronológica ou de importância. Além do *lead* e do corpo, outros elementos compõem a moldura da superestrutura do gênero notícia: o nome do jornal, a data de publicação, o número da página, a seção ou caderno do jornal, a manchete, a identificação do jornalista, a foto com legenda e o e-mail para o contato com o autor da notícia. O título cumpre uma dupla função – sintetizar o tema central e atrair a atenção do leitor. A introdução contém o principal da informação e, no desenvolvimento, incluem-se os detalhes que não aparecem na introdução. Partindo dessa situação, elencamos, nesta pesquisa, sete marcas constitutivas da moldura da superestrutura da notícia: dados de identificação do jornal (o nome do jornal, a data de publicação, o número da página, a seção ou caderno do jornal), a manchete, o nome do jornalista, o *lead*, o corpo da notícia, a imagem com legenda e o e-mail do jornalista.

Outro aspecto importante em relação à notícia diz respeito às variações na estrutura e na linguagem dependendo do suporte, ou seja, uma notícia publicada em um jornal escrito geralmente apresenta um corpo bem mais desenvolvido do que uma notícia divulgada no

rádio ou na televisão. Da mesma forma, a linguagem da notícia escrita costuma ser mais formal que a da notícia falada.

Para o estudo a que nos propomos, é de extrema importância a identificação das marcas que compõem a moldura da superestrutura da notícia, incluindo aspectos verbais e não-verbais da diagramação da notícia, como denominou Kleiman (1999). O conhecimento dessa superestrutura funcionará como facilitador e organizador nos dois processos enfocados nesse estudo: leitura e escritura.

## 1.2 LEITURA

Ao nos referirmos ao processamento de leitura, primeiramente é importante destacar um ponto crucial para o nosso trabalho: não estamos buscando definições para leitura, mas considerando os aspectos que estão envolvidos na leitura. A leitura é inquietação, é dúvida, é questionamento, é previsão, é fazer perguntas ao texto e procurar as respostas. Como podemos constatar nas palavras de Smith (1999, p. 108):

Esta tendência a fazer perguntas específicas quando olhamos para algo se estende muito além da leitura de algo escrito. Como expliquei ao falar da “previsão” como a base sobre a qual encontramos o sentido do mundo, estaríamos constantemente perplexos ou surpresos se nunca tivéssemos certas expectativas ou perguntas em nossa mente.

Podemos concordar com Solé (1998), quando afirma que a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita e, da mesma forma, com Smith (1999), ao se referir à leitura como sendo uma questão de dar sentido a partir da linguagem escrita, em vez de se decodificar a palavra impressa em sons. Esse processo, identificado pelos autores, ultrapassa o estágio de uma simples decodificação de palavras ou sentenças, pois o leitor necessitará, além de decodificar o código escrito, de fazer uso de toda a sua gama de conhecimento de mundo, em que estarão presentes suas experiências, seus objetivos e idéias prévias. Trata-se, aqui, de uma leitura interativa em que o leitor e o texto trocam informações, em momentos nos quais se rejeitam ou se confirmam as previsões e inferências anteriores à leitura.

Ao nos referirmos à leitura interativa em que o leitor e o texto trocam informações, não poderíamos deixar de mencionar o papel relevante do conhecimento prévio nesse processamento. Destacaremos, nesse momento, Kleiman (1999) e Camps e Colomer (2002) para explicitar essa relevância. Segundo Kleiman, em sua obra “Texto & Leitor: aspectos cognitivos da leitura”, a compreensão de um texto é o processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor se utiliza justamente de diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Diante da colocação da autora, podemos depreender a complexidade da leitura e, também, a certeza de que, sem o conhecimento prévio do leitor, não haverá compreensão.

Camps e Colomer (2002) afirmam que os conhecimentos prévios que o leitor utiliza podem ser descritos e agrupados em dois itens: conhecimentos sobre o escrito e conhecimentos sobre o mundo.

Dentre os conhecimentos sobre o escrito, as autoras apontam dois tipos: o conhecimento da situação comunicativa e os conhecimentos sobre o texto escrito. Em relação ao primeiro, Camps e Colomer (2002) destacam que o leitor terá de entender o tipo de interação social proposta pelo escritor, isto é, que objetivo tem a comunicação, em que lugar e tempo se produz, como também terá de contrastar sua própria finalidade de leitura, que pode coincidir em maior ou menor grau com a do escritor.

Quanto ao segundo tipo, o leitor terá de entender que existem diferentes níveis de conhecimentos: os paralingüísticos (elementos tipográficos, convenções na distribuição e separação do texto), os das relações grafofônicas (capacidade de análise dos sinais gráficos integrados em unidades significativas), os morfológicos, sintáticos e semânticos (reconhecimento das diferentes unidades do código lingüístico) e os textuais (conhecimento das estruturas textuais mais tipificadas em nossa sociedade).

Complementando os conhecimentos prévios, segundo as referidas autoras, encontram-se os conhecimentos sobre o mundo, isto é, os conhecimentos que o leitor possui e que lhe permitem preencher os vazios da informação no decorrer da sua leitura.

No processamento da leitura, segundo Smith (1999), estarão presentes dois tipos de informações: visual e não-visual. A informação visual está baseada na decodificação, ou seja, nas informações que são obtidas através dos elementos lingüísticos presentes no texto. É importante destacar que, na verdade, conforme o referido autor, os olhos não vêem nada; a sua única função é colher a informação visual na forma de raios de luz e transformá-la em impulsos de energia nervosa que viajam ao longo dos milhões de fibras do nervo óptico em direção ao cérebro. A percepção visual, em outras palavras, envolve decisões por parte do cérebro. Já a informação não-visual engloba a habilidade geral do leitor em relação ao assunto apresentado no texto, o que o leva a compreendê-lo através de uma leitura para “além dos olhos”.

Há, contudo, estreita relação entre os dois tipos de informações, a ponto de tornarem-se complementares, sem a necessidade de um equilíbrio. Por exemplo, quanto mais informações não-visuais tivermos durante a leitura de um texto, de menos informações visuais necessitaremos. Por outro lado, os materiais técnicos ou outros tipos de textos com os quais não estamos familiarizados, necessitarão de mais informação visual para a compreensão. A leitura, como se percebe, sempre envolve uma combinação de informação visual e não-visual.

Smith (1999) apresenta três diagramas que demonstram as possíveis relações entre a informação visual e a informação não-visual.

No primeiro (figura 1), o autor deixa claro que a união dos dois tipos de informação é necessária à leitura.

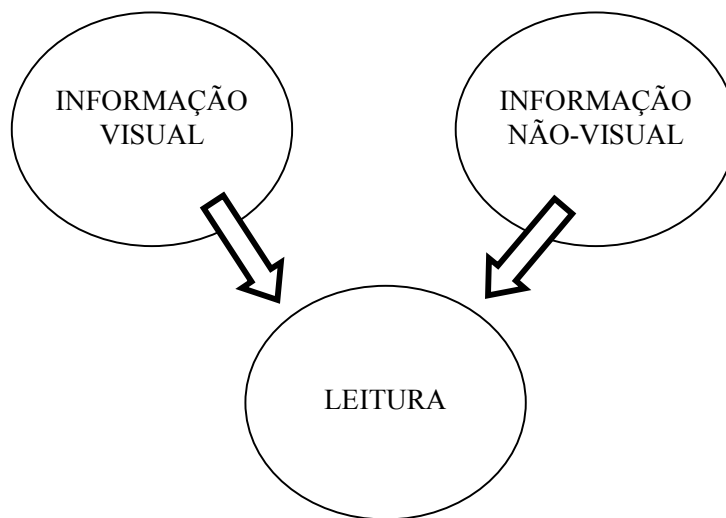


Figura 1 - União dos tipos de informação

Fonte: Smith, (1999).

No segundo (figura 2), a relação ilustrada é de que os tipos de informação podem ser intercambiados entre eles; há uma relação recíproca. Esse intercâmbio está relacionado ao que foi exposto anteriormente: quanto mais informação não-visual tiver o leitor, menos informação visual será necessária.

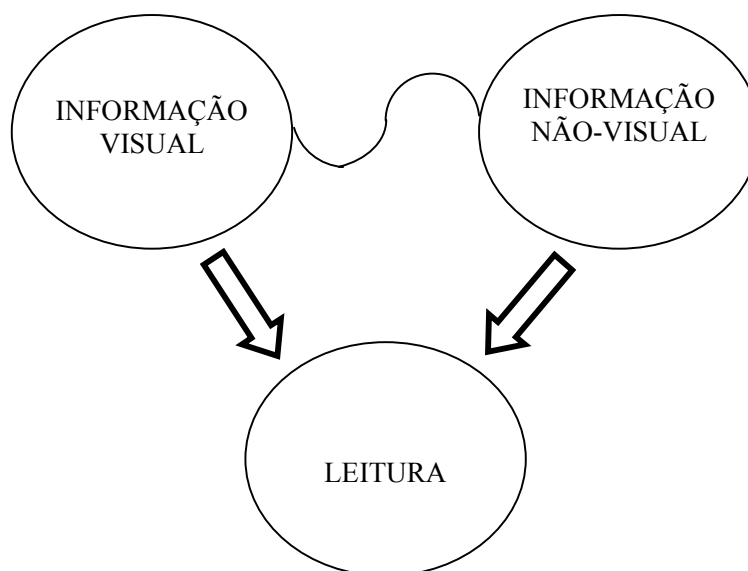


Figura 2 - Relação das variações entre os tipos de informação

Fonte: Smith, (1999).



No digrama a seguir (figura 3), o autor chama a atenção para o limite que o cérebro tem para lidar com a informação visual, tendo em vista que pode haver um congestionamento causado pelo excesso de informação visual entre os olhos e o cérebro.

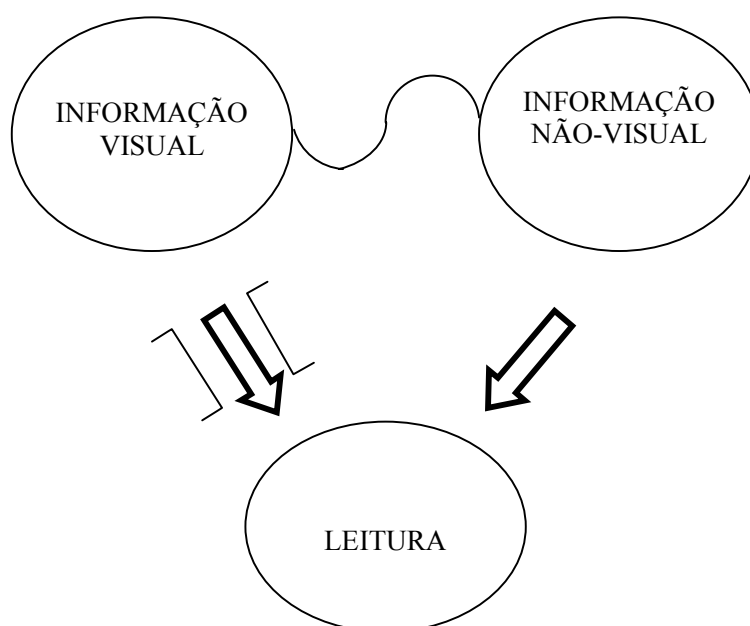


Figura 3 – Limite de informação visual no processamento da leitura  
Fonte: Smith, (1999).

A leitura é vista como uma atividade construtiva e criativa, tendo quatro características distintivas e fundamentais, segundo Smith (1989), ou seja, é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão. A objetividade da leitura encontra-se no fato de que todo o leitor terá uma finalidade com sua leitura, que será manifestada no momento da atividade. O caráter seletivo da leitura manifesta-se naturalmente, pois o leitor prestará atenção àquilo que é relevante ao seu objetivo. A leitura é antecipatória porque, ao definirmos nossos objetivos, iremos ao encontro dos mesmos durante o processamento da leitura, trabalhando com previsões. Por último, a compreensão é a base da leitura, não a consequência. A leitura é conquistada com a experiência, e não com o ensino.

Compreender o processamento de leitura é fator decisivo na presente pesquisa, uma vez que estaremos analisando o procedimento de sujeitos de 6ª série ao se depararem com a moldura da superestrutura do gênero notícia. Assim, cabe dizer que a informação visual recebida inicialmente através da observação passará para o cérebro, que determina o que e como vemos. Nesse momento, concordamos com Smith (1999) quando diz que os olhos não vêem nada; a sua única função é colher informação visual na forma de raios de luz e transformá-la em impulsos de energia nervosa que viajam ao longo dos milhões de fibras do nervo óptico em direção ao cérebro. O que vemos é a interpretação desse acúmulo de impulsos nervosos.

Outra noção importante, igualmente significativa para a presente investigação, é o fato de que tudo que é captado pela visão necessita de um tempo para o processamento no cérebro. Smith (1999) afirma que a quantidade de tempo requerida para que o cérebro tome uma decisão está relacionada ao número de alternativas que o cérebro tem para escolher diante de determinada informação. Sendo assim, diante da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, analisaremos a relação entre o número de alternativas que os sujeitos da pesquisa terão para chegarem à identificação do gênero notícia, através das informações visuais disponíveis, ou seja, das marcas presentes na referida moldura. Os dados de identificação do jornal (página, data, nome do jornal, caderno), a manchete, o nome do jornalista, o *lead*, a imagem com a legenda, o corpo da notícia e o e-mail aparecem como marcas identificadoras diante das alternativas de gêneros textuais que fazem parte das informações visuais do sujeito leitor, os quais representam estímulos visuais.

A visão da leitura como uma atividade construtiva e criativa também norteará nossa investigação, pois o leitor estará envolvido não só no reconhecimento de marcas da moldura da superestrutura, como também e, principalmente, na relação de interdependência dessas marcas para, objetivamente, selecionar informações e chegar à identificação do gênero textual trabalhado. Kato (1999) afirma que, na leitura proficiente, as palavras são lidas não letra por letra ou sílaba por sílaba, mas como um todo não analisado, um todo reconhecido instantaneamente e não por processamento analítico-sintético. Concordamos com a autora e acreditamos que ocorra o mesmo com o gênero textual: cada sujeito estará processando de forma “ideográfica” a globalidade da moldura, o que permitirá, ou não, a

identificação do gênero textual. Dessa forma, não será a identificação de uma ou de duas marcas que levará o sujeito ao reconhecimento do gênero notícia, mas o reconhecimento de um conjunto significativo dessas marcas.

Também é importante destacarmos a necessidade de previsão durante a leitura. De acordo com Smith (1999), prever não é uma habilidade nova e artificial que precise ser aprendida, mas a maneira natural de encontrar sentido no mundo. Se não perdermos de vista que há um limite para o cérebro no que diz respeito à possibilidade de captar informações visuais, podemos dizer que a previsão entraria como um facilitador para esse processo, pois estaríamos eliminando as alternativas improváveis.

A previsão está, assim, diretamente ligada à compreensão do texto. De acordo com Smith (1999, p. 78), prever é fazer perguntas e compreender é responder a essas perguntas: “enquanto lemos, enquanto escutamos uma pessoa falando, enquanto vivemos, estamos constantemente fazendo perguntas, e se essas questões forem respondidas, se não ficarmos com incertezas, estaremos compreendendo”.

Se prever representa uma habilidade natural, não há necessidade de ensinarmos a previsão para as crianças, pois saberão, diante de uma situação de leitura, construir suas hipóteses, desde que o material de leitura faça sentido para elas. Smith (1999, p. 84) também apresenta uma analogia interessante entre a criança e os cientistas:

Quando os cientistas estão conduzindo experimentos, eles estão se comportando como crianças. Os cientistas - na disciplina das suas atividades profissionais - fazem deliberada e conscientemente o que as crianças fazem natural, instintiva e facilmente.

Analisando-se a citação anterior, percebe-se que, para Smith, à medida que crescemos nos tornamos dogmáticos e isso faz com que percamos essa habilidade natural da criança de buscar caminhos através de uma disposição para procurar evidências que as conduzam a verdadeiras e significativas aprendizagens. Segundo o mesmo autor, o “método científico” é a maneira natural de aprender desde os primeiros anos de vida. Para as crianças, o princípio é sempre o mesmo: permanecer com uma hipótese e com a sua teoria por todo o tempo em que ela funcionar; modificar a sua teoria e procurar outras hipóteses sempre que ela vier a falhar.

Reconhecemos, portanto, a importância da previsão durante a leitura no momento em que a investigação propõe um desafio aos sujeitos leitores: chegar à compreensão de qual é o gênero textual destacado pela possibilidade de preverem marcas da moldura da superestrutura para determinados gêneros textuais. Assim, a forma representativa da moldura de uma notícia será diferente da forma representativa da moldura de uma carta. Prevemos cada marca ou cada conjunto de marcas a partir das nossas escolhas de textos e leituras.

Por fim, outra questão cuja discussão é indispensável neste capítulo refere-se à necessidade de um ensino de estratégias de compreensão leitora e estaremos, aqui, ratificando muitos dos pressupostos teóricos de Solé (1998). Na sua obra “Estratégias de leitura”, a autora apresenta dois pontos que julgamos importantes para o presente estudo: o primeiro tem relação com as estratégias de compreensão leitora serem procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a realizar, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança; o segundo decorre de diferentes textos despertarem diferentes expectativas no leitor.

Todo leitor, mesmo que de forma inconsciente, utiliza estratégias ou coloca-se no que costumamos chamar de atitude estratégica ao deparar-se com um desafio na leitura porque buscará respostas e, conseqüentemente, caminhos para chegar à compreensão do texto. Compartilhamos, desse modo, com Solé (1998) a idéia de que a caracterização da mentalidade estratégica é a capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções.

Em relação ao segundo aspecto mencionado pela autora, isto é, a circulação de uma diversidade de textos e o despertar de diferentes expectativas no leitor, salientamos que as superestruturas funcionam como esquemas de interpretação para o leitor, por isso é interessante que os alunos leiam diferentes textos na escola, que conheçam diversas superestruturas e se acostumem com essa diversidade. Para um leitor experiente, conhecedor de diferentes superestruturas, o simples fato de saber que vai ler uma notícia permitirá que atualize certas estratégias, o que o preparará para a leitura. Desse modo, os sujeitos da presente pesquisa, ao se depararem com forma representativa da moldura da superestrutura de uma notícia, de certa forma deixarão claro se estão familiarizados ou não

com a superestrutura desse tipo de texto e, caso a resposta seja afirmativa, utilizarão estratégias adequadas para enfrentar o desafio.

### 1.3 LEITURA E ESCRITURA

Neste item, leitura e escritura são vistos como processos cognitivos. A base teórica que subjaz a essa concepção engloba o contrato cooperativo, o conhecimento da memória e a consciência lingüística.

#### 1.3.1 O contrato cooperativo

Referirmo-nos à leitura é, necessariamente, pensarmos em escritura, pois ambas estão inseridas em um mesmo processo cognitivo que tem como fonte o texto. O texto é o oportunizador de sentido. A escritura começa na construção de sentido, e a leitura é uma atividade seqüencial, da qual o último momento é, também, a construção de sentidos. O produto da escritura é o texto e o produto da leitura é a construção de sentido, isto é, a compreensão.

Também nessa relação entre leitura e escritura é pertinente a afirmação de Smith sobre a leitura não poder ser separada do pensamento, já que representa uma atividade carregada de pensamentos e focalizada em um texto escrito. “A leitura pode ser definida como um pensamento que é estimulado e dirigido pela linguagem escrita.” (Smith, 1989, p. 36-37).

A compreensão, conforme Smith (1989), é mais apropriadamente considerada como um estado, o oposto da confusão. Compreendemos no momento que obtemos possíveis respostas para determinadas perguntas diante dos textos; no entanto, essa construção é mental e, portanto, impossível de ser quantificada como um número limitado. O significado

se constrói a partir da leitura e da compreensão das informações lingüísticas do texto ou do conhecimento de mundo que todo o leitor acessa no momento da leitura.

Ler, segundo o mesmo autor, é uma questão de formar um sentido da impressão; a significatividade é a base do aprendizado. Uma série de informações só terá sentido para as crianças no momento em que essas tiverem um propósito ou quando responderem a alguma de suas perguntas como leitores. Assim, a informação visual gráfica funcionará como uma forma de ambientar a criança àquele signo lingüístico; a palavra impressa proporcionará uma base efetiva para o aprendizado.

Esse aprendizado ocorre muito antes de a criança ingressar na escola, pois já está inserida em um contexto de informações escritas ou faladas, seja em casa, através do convívio com seus pais, seja junto a um grupo de amigos, em que o ler e o escrever fazem parte das brincadeiras infantis. Conhecem o modo como a palavra escrita é utilizada na comunidade da qual fazem parte.

Surge, dessa forma, o que Smith (1983) denominou de “Clube de Alfabetização”. Da mesma forma que as crianças aprendem a falar ouvindo, acabam reconhecendo as particularidades da linguagem escrita e associam-se a esse clube naturalmente, quase de maneira inconsciente. A função da linguagem, a intencionalidade de comunicação, faz com que as crianças invistam e percorram esse caminho do código escrito.

Tratando de educação e, mais especificamente do ensino da língua materna, não há quem não tenha um dia, em algum momento, escutado ou se indagado a respeito da relação entre ler e escrever. Será que aquele que lê mais escreve melhor? Essa sempre foi e continua sendo uma das principais questões quando o objeto estudado é o texto. No entanto, o que devemos pensar, antes de uma possível resposta até favorável, mas intuitiva, é sobre de que forma os educadores estão concebendo o trabalho com a leitura e com a escritura.

A maioria dos pesquisadores da leitura contemporâneos presta alguma atenção também à escritura, em maior ou menor grau. Smith (1983) é um dos pesquisadores que maiores contribuições trouxe a esse estudo, quando colocou a discussão do contrato implícito entre os leitores e escritores; estes deixam pistas demarcadas no texto para

aqueles as encontrarem no momento da leitura e da construção de sentido do texto. O autor percebeu que muitos dos recursos que usamos para escrever não se encontram nos livros e que não há formas de serem ensinados, não há explicações suficientes do professor para dar conta de todo o processo da escritura, no entanto os alunos os aprendem. Como isso é possível? Conclui-se que lendo e que não há como aprendê-los fora da leitura.

Na escritura temos como ponto de partida a idéia, o sentido, o qual é também o ponto de chegada da leitura. Enquanto a escritura constrói um texto a partir de um sentido, a leitura, a partir do texto, procura reconstruir o sentido que estava na mente do escritor. Repetindo-se o que disse Smith (1983): “ler como escritor e escrever como leitor” pode parecer que estamos, à primeira vista, fazendo um simples jogo de palavras; contudo, a afirmação representa uma nova concepção para abordarmos a questão da leitura e da escritura. Se a criança aprende a falar porque ouve como falante, e não como um simples ouvinte, é lógico que, lendo como escritor, busca decifrar as pistas lingüísticas deixadas pelo autor ao construir seu texto. Desse modo, estará habilitada a construir seus próprios textos, deixando suas próprias pistas para seus leitores; escrevendo naturalmente como leitora.

A leitura e a escritura são vistas como um empreendimento cooperativo, através do que o escritor apresenta as informações que julga não serem de conhecimento do leitor, ancorando-as em informações que julga já serem do conhecimento do leitor. Este, por sua vez, busca todas as pistas possíveis para reconstruir o texto lido.

Esse aspecto, que merece destaque ao tratarmos de texto e de construção de sentidos do texto, foi apresentado por Smith (1983), que o denominou “contrato cooperativo” entre escritor e leitor. Tal contrato está baseado no sintagma dado-novo, isto é, na perspectiva de que, em um texto, toda nova informação deverá ser ancorada em um dado já estabelecido (conhecido). Assim, o escritor deixará pistas, durante a produção, que serão seguidas pelo leitor no momento do processamento para construir os sentidos do texto. É importante destacarmos que a construção de sentido do texto passa por um equilíbrio entre o dado e o novo, possibilitando a continuidade de leitura compreensiva do texto. O escritor insere no texto todas as pistas necessárias para facilitar ao leitor a compreensão do mesmo. Por outro lado, o leitor espera encontrar as pistas que o guiem à construção do sentido, beneficiando-se com todas as marcas possíveis nessa reconstrução. Podemos dizer que, enquanto a

escritura constrói um texto a partir de um sentido, a leitura, a partir de um texto, reconstrói o sentido que estava na cabeça do escritor.

O “contrato cooperativo” é extremamente significativo no decorrer da pesquisa, pois pressupomos que o leitor chegará às características que o levarão a identificar determinado gênero textual a partir das pistas deixadas pelo escritor no momento da sua produção e, igualmente, só será capaz de produzir textos com superestruturas semelhantes se tiver se apropriado dessas marcas estruturais durante a leitura do mesmo gênero. Nosso foco principal é verificar quanto a leitura marca a escritura.

### 1.3.2 O papel da memória

A leitura tem sido chamada de atividade cognitiva por excelência pelo fato de envolver todos os nossos processos mentais. A compreensão de um texto exige o envolvimento da atenção e da percepção, da memória, do pensamento.

Conforme Bortoli (2002), a memória tem um papel preponderante no armazenamento das informações, em um conjunto organizado de experiências vividas pelos sujeitos ao longo da vida. O termo *memória* pode ser entendido de diferentes maneiras, ora como armazenamento de nova informação, ora como processo de se extrair essa informação armazenada.

A informação é informação uma só vez, depois já passa a ser conhecimento dado, estará armazenado na memória. Quando lemos um texto, recordamo-nos primeiro do que está mais “marcado”, ativado, pois os elementos centrais aparecem de maneira mais relevante em nossa memória, depois vêm os secundários.

Embora o foco da pesquisa não seja a compreensão do significado do texto como conteúdo lingüístico que estabeleça cadeias de sentidos, não podemos simplificar a relação existente entre esta e a compreensão, pelo sujeito leitor, do gênero textual. Detalhando mais essa relação, podemos destacar o que foi exposto anteriormente, ou seja, o fato apresentado



por Smith (1989) de que “ler é uma questão de formar um sentido da impressão, e a significatividade é a base do aprendizado” porque quanto mais a moldura tiver significatividade para o sujeito, mais o ajudará a compreender que se trata deste e não de outro gênero textual.

As marcas significativas e, conseqüentemente determinantes do gênero notícia, poderão surgir, também, em função de os sujeitos estarem ou não habituados com esse tipo de leitura ou de escritura, pois terão a possibilidade de se recordarem, de ativarem as informações não-visuais disponíveis e armazenadas na memória. Nesse momento poderemos verificar se os sujeitos são ou não “sócios deste clube”, ou isto é, se há um lugar significativo de leitura de notícias jornalísticas para esse grupo.

O papel da memória na correlação entre leitura e escritura representa, como vimos, um fator de destaque na presente pesquisa, portanto faz-se necessário um esclarecimento maior sobre o que é memória, ou, no mínimo, a respeito de qual memória estaremos tratando. Smith (1989) refere-se à complexidade da memória como tópico geral do aprendizado, ou seja, a como armazenamos e utilizamos toda a teoria do mundo, construindo sentidos e conhecimentos. A partir de Smith (1989) e das abordagens de Kato (1999), Kleiman (2000) e Poersch (2001), trataremos da memória e de sua significatividade em relação à convergência entre a leitura e a escritura.

A memória humana refere-se àquilo que armazenamos, conservamos e evocamos de nossa própria experiência pessoal; assim, todos nós guardamos e recordamos dados com fortes componentes emocionais. Nesse momento é importante esclarecermos, também, como ocorre o armazenamento e como poderá se dar a evocação de determinados dados sempre que haja necessidade. Smith (1989) destaca quatro aspectos ou características de operação da memória: *input* (ou como o material é recebido), capacidade (o quanto pode ser mantido), persistência (quanto tempo pode ser mantido) e recuperação (fazê-lo sair novamente).

De acordo com a duração e com a função, podemos distinguir, ainda segundo Smith (1989), três aspectos de memória: armazenamento sensorial, memória de curto prazo e memória de longo prazo. O armazenamento sensorial está diretamente relacionado à informação do ponto de vista de sua chegada a um órgão receptor, tal como o olho, até que

o cérebro tenha feito sua decisão perceptiva. O segundo aspecto, memória de curto prazo, envolve o breve período de tempo durante o qual podemos manter a atenção em algo imediatamente após sua identificação. Por fim, existe a memória de longo prazo, que envolve tudo que sabemos sobre o mundo, nossa quantidade total de informação não-visual.

Mais do que reconhecer esses três aspectos, é essencial avaliarmos quanto cada um relaciona-se com o processamento da leitura e da escrita. O que faz diferença na leitura é a efetividade do cérebro para utilizar o que já sabe para extrair sentido da informação recebida: dessa forma, o armazenamento sensorial funcionará como uma porta de entrada, como um primeiro contato do leitor com a informação em um curto espaço de tempo, pois a fixação maior ocorrerá na memória de curto prazo. Justamente por isso é que é chamada de “funcional” ou de “intermediária”; já que nos permite reter aquilo a que estamos dando atenção em um determinado momento, estabelecendo relações entre o que acabamos de ler e a informação seguinte. Por essa razão destaca-se sua importância central na leitura. O material na memória de curto prazo deve, contudo, ser acionado tão rapidamente quanto possível, pois a compreensão leitora será prejudicada no momento em que o leitor reter por mais tempo uma informação, não prosseguindo na compreensão adicional com novas informações. Já o papel da memória de longo prazo, na leitura e na escrita, é inerente a seu próprio significado: guardamos e recordamos, estabelecendo inter-relacionamentos de dados. A memória de longo prazo será ativada constantemente pelo leitor/ escritor durante o processamento e a construção da textualidade.

Kato (1999) aborda dois tipos básicos de processamento de informação: o que chama de *top-down* (literalmente = descendente) e o que chama de *bottom-up* (literalmente = ascendente). Distingue os dois ao dizer que o processamento descendente é uma abordagem não-linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não-visuais e cuja direção é da macro para a microestrutura e da função para a forma. Nesse tipo de processamento, o estímulo visual aciona “esquemas” que estariam armazenados em nossa memória de longo prazo. Já o processamento ascendente fará uso linear e indutivo das informações visuais, lingüísticas, e sua abordagem será composicional, isto é, o significado será construído através de análise e síntese do significado das partes.

Um fator mencionado pela autora, como decorrência do uso de um ou outro processamento, que julgamos importante para a pesquisa, é a possibilidade desses tipos de

processamentos poderem servir de base para descrever tipos de leitores. Teremos, assim, de acordo com a autora, três tipos de leitores: aquele que privilegiará o processamento descendente, aquele que utilizará basicamente o processo ascendente e o terceiro, que utilizará os dois processos. O primeiro demonstrará fluência e velocidade, apreendendo mais facilmente as idéias gerais do texto, mas nem sempre buscará confirmá-las com os dados do texto; utilizará mais seu conhecimento prévio que as informações efetivamente dadas pelo texto. O segundo, ao contrário do primeiro, fará pouca leitura nas entrelinhas, pois estará mais preocupado com a informação visual do texto, sendo vagaroso, pouco fluente e demonstrando dificuldade de sintetizar as idéias do texto. Por fim, o último, chamado pela autora de “leitor maduro”, será aquele que utilizará, de forma adequada e no momento apropriado, os dois processos como complementares. A distinção entre os três tipos de leitores, apresentada por Kato (1999), é importante para o reconhecimento do tipo de leitores envolvidos na pesquisa. Analisando os procedimentos dos sujeitos durante a leitura da moldura representativa da superestrutura da notícia e do próprio texto/fonte, evidencia-se o tipo de leitor, considerando-se o tempo dispensado para a leitura dos instrumentos e a forma como é feita.

Kleiman (2000), sem discordar dos autores anteriormente citados, aborda os principais mecanismos e capacidades envolvidas no processamento de um texto: a percepção e interpretação do *input* gráfico, a memória de trabalho, que tem a capacidade de fatiamento, ou seja, de organização da informação recebida através dos olhos; a memória intermediária, como repositório de conhecimento ativado em alerta e a memória longo termo, também chamada de memória semântica ou memória profunda, que trata do conhecimento e das regras para seu uso e organização.

Todos esses aspectos são relevantes para a pesquisa, pois consideram que grande parte do material que lemos é previsto ou inferido, não diretamente percebido. Exemplificando essa situação, a autora relaciona o processamento que ativamos para o reconhecimento de uma pessoa a distância (altura, cor, maneira de caminhar, por exemplo) com o processamento que realizamos durante a leitura, durante a qual podemos reconhecer estruturas e associar um significado a elas através de determinadas pistas que funcionarão como unidades significativas.

Hoje sabemos que o ponto comum entre a leitura e a escritura são as redes neuronais estabelecidas a partir das sinapses, ou seja, o ponto de encontro entre um axônio e um dendrito. Cada neurônio tem uma porção de saídas e entradas que o conectam com outros neurônios. O transporte de informação através de um axônio faz-se por impulsos elétricos que provocam certas reações químicas ativadoras de outros impulsos que levam a informação a outro neurônio.

O conhecimento sobre esse fenômeno estabeleceu um novo paradigma, chamado de conexionismo. O conexionismo (Poersch, 2001) é um paradigma cognitivo baseado nos achados da neurociência e não em hipóteses explicativas (o simbolismo hipotetiza a existência da mente para explicar os processos cognitivos). Todos os processos cognitivos ocorrem no cérebro; a mente nada mais é do que o conjunto desses processos. Para os conexionistas, então, a idéia central é de que “o cérebro processa informações usando redes de neurônios-células nervosas que se comunicam pela transmissão de impulsos elétricos por filamentos denominados axônios”.

A sinapse embasa tanto a leitura como a escritura. Ao longo da leitura, teremos que ativar os dados armazenados na memória e isso acarretará uma rede de sinapses a fim de reconstruirmos o sentido do texto e, da mesma forma, durante a escritura, ocorrerá o processamento do pensamento também a partir das sinapses. Como podemos constatar, o aprendizado e o uso da leitura pressupõem a alteração de ligações sinápticas específicas. De acordo com Poersch (2001) o leitor passa a configurar em seu cérebro uma substância de conteúdo semelhante àquela existente no cérebro do escritor ao produzir o texto.

O referido autor apresenta, dessa forma, considerações importantes a respeito da aprendizagem, pois afirma que a aprendizagem, além de reforçar sinapses, também provoca reajustes nas redes neuronais já existentes. Nesse momento, chama-nos a atenção para o que será considerado aprendizagem, ou seja, conhecimento novo, e sobre o que não passará de uma recordação ativada durante o processamento de leitura. No paradigma conexionista,

Todo dado de entrada constitui um estímulo. Se esse dado encontrar uma resposta - isto é, um caminho interneuronal previamente marcado, dizemos que houve uma ativação, uma *recordação*; isso não constitui aprendizagem, não constitui conhecimento novo. Se não for encontrado um caminho marcado, será necessário que esse dado (novo) seja integrado a algum conhecimento existente. Para isso, é preciso traçar um novo caminho, estabelecer uma nova conexão interneuronal. Adquirimos conhecimento, aprendemos. (Poersch, 2001, p.405)

É clara a relevância do paradigma conexionista para esta pesquisa porque as marcas da moldura da superestrutura funcionarão como dados de entrada, constituindo estímulos para que os sujeitos reconheçam o gênero textual notícia, através de uma recordação ou de uma aprendizagem.

A compreensão do papel da memória é básica para a compreensão da própria proposta da pesquisa: é necessário termos consciência de que possuímos uma estrutura cognitiva, assim denominada por explicitar o fato de que temos em nossas cabeças uma organização do conhecimento. Segundo Smith (1989), o cérebro constantemente engaja-se em atividades de formar relações, em suas transações diárias de compreender e aprender acerca do mundo à nossa volta.

Cabe a ressalva das analogias apresentadas pelo autor ao chamar a atenção para que nosso cérebro não é um álbum de lembranças, cheio de fotografias e gravações de segmento do passado, tampouco uma biblioteca em que fatos e procedimentos úteis estão guardados sob títulos apropriados para possível futura utilização, ou um banco, em que guardamos pedaços de informações depositadas por professores e livros. Salienta ainda o autor que

Em vez disso, o sistema de conhecimento, em nossas cabeças, é organizado em um modelo de trabalho intrincado e internamente consistente do mundo, construído através de nossas interações com o mundo e integrado em um todo coerente. Sabemos bem mais do que jamais nos ensinam. (SMITH, 1989, p.22).

Assim, é através da teoria de mundo, dessa estrutura cognitiva organizada e inconsciente, que cada sujeito terá a possibilidade de reconhecimento das marcas presentes na moldura da superestrutura da notícia. Será através da interação com o mundo que o sujeito conseguirá extrair sentido do texto.

Como já foi mencionado, esse sistema de conhecimento do mundo possui uma estrutura que está organizada, consoante nos apresenta Smith (1989), em categorias, em algumas regras para a especificação de relações das categorias e em uma rede de inter-relações entre as categorias.

Primeiramente, é importante explicitarmos claramente essa terminologia para, posteriormente, estabelecermos sua relação com o processamento de leitura e de escrita presente na pesquisa. “Categorizar”, nas palavras de Smith (1989), significa tratar alguns objetos ou eventos como iguais, ainda que diferentes de outros objetos ou eventos. Esta noção é relevante no momento em que reconhecemos que as categorias são convenções necessárias para organizarmos nossa experiência, não esquecendo de que a linguagem reflete a maneira como determinada cultura organiza sua experiência.

Quanto às regras para a especificação de categorias, o autor refere-se à necessidade de discriminarmos a existência de uma especificação, ou de um conjunto de regras que determinarão se um objeto (ou um evento) pertence àquela categoria. Dessa maneira, estaremos determinando atributos significativos, também chamados de características distintivas, diante dos objetos.

Essas definições tornam-se importantes no decorrer da pesquisa, principalmente no momento em que determinadas marcas da moldura da superestrutura serão identificadas e reconhecidas pelos leitores da pesquisa, sendo categorizadas mediante especificações (dados de identificação do jornal, manchete, nome do jornalista, *lead*, corpo da notícia, imagem com legenda e e-mail do jornalista), formando a rede de inter-relações através de regras determinadas pelo gênero notícia.

### 1.3.3 A consciência lingüística

Tratar de consciência lingüística é referir-se à habilidade do indivíduo de descrever e de agir sobre os próprios conhecimentos lingüísticos. É através da escola que a criança adquire consciência do sistema lingüístico, consciência essa que desempenhará papel preponderante no desenvolvimento de seu raciocínio. De acordo com Poersch (1998), o processo da conscientização constitui um *continuum*, que parte do totalmente inconsciente, passa por níveis que denotam pré-consciência, um simples dar-se conta (conhecimento tácito) e chega ao nível da consciência plena (conhecimento explícito). Chegar ao nível de

consciência plena é ter a possibilidade de explicitar e monitorar determinada atividade, pois o objeto em foco será alvo de reflexão, tendo o sujeito consciência do que é percebido e aprendido.

A comunicação do conhecimento explícito alcançado pelo sujeito ocorrerá através da verbalização. Poersch (1998), ao referir-se à linguagem como um sistema verbal para fins comunicativos, distingue o produto e o processo oriundos desse fim, chamando a atenção do leitor para a possibilidade de ambos serem analisados; o que dependerá de uma opção metodológica. Se a opção for analisar o produto, teremos a metalinguagem, mas se a opção for analisar o processo, teremos a metacognição. Logo, podemos ter consciência tanto do produto quanto do processo.

Essa noção é significativa para a presente pesquisa, pois diante de determinados instrumentos (forma representativa da moldura de uma notícia e texto/fonte) analisaremos o que o sujeito sabe e como sabe, ou seja, o processo. A metalinguagem estará ligada ao produto (reconhecimento das marcas da moldura da superestrutura da notícia), enquanto a metacognição embasará o estudo dos processos de leitura e de escritura no que diz respeito ao modo como cada sujeito chegou a determinadas escolhas, à justificativa da presença de determinadas marcas como representativas do gênero notícia, enfim, a que estratégias foram utilizadas para esse fim. Nesse momento, são oportunas as citações de Poersch (1998, p. 7-8):

[...] É, sem dúvida, a consciência o elemento que nos permite fazer declarações explícitas sobre a linguagem e seus usos – *metalinguagem*. Se possuímos um nível baixo de consciência dos fatos – não permitindo uma descrição plena embora se consiga dar conta de sua existência -, em vez de falar de consciência, mais correto seria falar de uma sensibilidade, de um mero “dar-se conta de”.

[...] Os processos *metacognitivos* dizem respeito aos aspectos conscientes; ao mesmo tempo em que desempenha uma atividade cognitiva, o indivíduo lança mão (de forma voluntária) de algumas estratégias de ação e de reflexão que ele considera ideais para atingir o propósito desejado. Nesse sentido, diríamos que o indivíduo estaria monitorando seu próprio comportamento, e as estratégias por ele utilizadas são, portanto, metacognitivas.

Kato (1999) também distingue dois tipos de estratégias ao tratar da aquisição de leitura: estratégias cognitivas (inconscientes) e metacognitivas (conscientes). A autora

destaca que a oposição entre “cognição” e “metacognição” é inspirada em Vigotsky (1962) e sua lei do estado de consciência, segundo a qual o desenvolvimento do conhecimento ocorre a partir de duas fases, isto é, a fase do desenvolvimento automático e inconsciente e a fase em que se observa um aumento gradativo do controle desse conhecimento.

O estudo apresentado por Kato (1999) chama-nos a atenção, também, quando a autora refere-se à relação das estratégias no processamento da leitura. Afirma que o processamento consciente é, em grande parte, seqüencial e vagaroso, enquanto que as estratégias de processamento subconsciente aplicam-se de forma extremamente rápida, do meio para as extremidades (esquerda e direita), podendo várias estar operando paralelamente. No processo de leitura, o leitor pode ter consciência da interpretação final de um estímulo, mas não dos vários procedimentos ocorridos durante o processo, pois pode haver processos inferenciais que ocorram abaixo do nível de introspecção.

De acordo com Kato (1999), as estratégias metacognitivas ocorrem, por exemplo, quando o leitor sente alguma falha em sua compreensão. Essas estratégias funcionam, nesses casos, como mecanismos detectores de falhas e são resultados de um esforço maior de nossa capacidade de processamento. Assim, na aplicação prática da nossa pesquisa, esperamos que os sujeitos possam ativar as estratégias metacognitivas ao se depararem com a análise da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, caso considerem a necessidade de um esforço maior para a sua compreensão, pois estarão recrutando outros recursos cognitivos para solucionar o problema.

Orlandi (1998) nos esclarece a respeito do que seja um protocolo verbal. Trata-se de um instrumento de observação em que os sujeitos verbalizam a percepção do seu processo mental enquanto realizam certa tarefa, como por exemplo, a leitura de um texto. Descreve que há dois tipos de protocolos verbais: o de retrospecção, em que o informante relata o que percebeu de sua atividade mental acerca de uma tarefa já realizada, e o de introspecção, em que o informante descreve em voz alta o que vai captando de seu trabalho mental no mesmo momento em que cumpre a tarefa.

A consideração da autora torna-se importante porque se consideram relevantes as justificativas dadas pelos sujeitos da pesquisa ao sinalizarem as marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia. A modalidade escolhida foi de retrospecção,



representando um instrumento posterior à análise da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, e outro posterior a análise da moldura do texto/fonte.

Kleiman (2000) destaca que, ao tratar de estratégias de leitura, está se referindo a operações regulares para abordar o texto e que essas estratégias podem ser inferidas a partir do comportamento verbal (respostas, resumos, paráfrases) e não-verbal (se sublinha, se passa os olhos, se relê). Também a autora classifica as estratégias em cognitivas e metacognitivas. Estas seriam aquelas operações realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais o leitor tem controle consciente, sendo capaz de verbalizar e explicar sua ação; já as primeiras seriam aquelas operações inconscientes do leitor, no sentido de não haver chegado ainda ao nível consciente, que ele realiza para atingir algum objetivo de leitura. Kleiman (2000) ajuda-nos a compreender que o processamento de leitura é realizado estrategicamente e não através de regras, conforme deixa-nos claro:

Evitando abordagens rígidas, fixas, previsíveis, estaremos demonstrando na prática que a leitura é uma atividade individual, singular até na maneira de ler, pois o que queremos de uma leitura determina como faremos essa leitura. Essa flexibilidade própria do leitor maduro deve ser modelada desde os primeiros contatos com a escrita, num primeiro momento para fornecer um modelo que valha a pena ser imitado, para depois ser incorporado como parte constitutiva das estratégias de leitura e das atitudes do leitor. (Kleiman, 2000, p. 29).

O estudo desenvolvido por Kleiman é igualmente relevante para a pesquisa, pois nela analisamos se os sujeitos são capazes de dizer e explicar suas ações ao identificarem e reconhecerem as marcas da moldura da superestrutura na forma representativa e no texto/fonte.

Por fim, Camps e Colomer (2002, p. 46) asseguram que

O mecanismo de controle da compreensão implica um estado de alerta do leitor que permite detectar o erro a respeito tanto do processamento das sucessivas hipóteses e verificações, como de sua integração em uma compreensão global do que se lê. Trata-se de uma atividade metacognitiva, de auto-avaliação constante do leitor sobre seu próprio processo de construção de sentido, que lhe permite aceitar como válida a informação recebida e, portanto, continuar a leitura ou, caso contrário, adotar alguma estratégia que lhe permita refazer o processo para reconstruir o significado.

Conforme podemos perceber, todos os autores citados anteriormente apresentam considerações importantes para o estudo sobre consciência lingüística,

contribuindo para a análise qualitativa realizada a partir dos dados obtidos nas entrevistas individuais feitas com os sujeitos na presente pesquisa. Fica-nos claro que não se trata de demonstrar o conhecimento de um código, mas de ter desenvolvido certa consciência lingüística, pois além de compreender o uso de determinadas marcas, saberá explicitar porque isso ocorreu, estabelecendo relações entre o que identificou, o que utilizou e por que o fez.

Encerramos o capítulo dos Pressupostos Teóricos com uma citação de Kleiman e Moraes (1999):

Para todo leitor, um texto funciona como um mosaico de outros textos, alguns mais próximos, alguns mais distantes, alguns mais pertinentes, outros menos, mas todos eles influenciando a leitura. Entendemos um texto porque somos capazes de reconhecer esses traços e vestígios. Quanto mais elementos reconhecermos, mais fácil será a leitura e mais enriquecida será a nossa interpretação. Ou seja, a intertextualidade é um fenômeno cumulativo: quanto mais se lê, mais se detectam vestígios de outros textos naquele que se está lendo e mais fácil se torna perceber as suas relações com outros objetos culturais e, portanto, mais fácil é sua compreensão. (1999, p.62)

Com essa citação afirmamos nossa convicção de que o reconhecimento da superestrutura da notícia, através da identificação das marcas presentes em sua moldura, deve-se ao fato de a mesma fazer parte de um “mosaico” de outras notícias.

## **2 PROBLEMA**

Este capítulo diz respeito à caracterização da pesquisa e à apresentação dos objetivos e hipóteses.

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

A presente pesquisa parte de pressupostos teóricos da Psicolinguística, que abrangem estudos referentes à linha de pesquisa dos processos cognitivos da linguagem na língua materna. Esses pressupostos teóricos embasaram a pesquisa de campo realizada, correlacionando dados teóricos com dados empíricos obtidos através da aplicação de instrumentos.

### **2.2 OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral deste estudo é contribuir para pesquisas sobre a relação entre leitura e escrita no que se refere à identificação e ao uso de marcas da moldura da superestrutura de determinado gênero textual: a notícia.

## 2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como a proposta deste estudo é investigar de que modo o conhecimento das marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia revela-se na leitura e na escritura, os objetivos específicos obedecem à seguinte lógica:

- a) analisar as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas pelo sujeito, durante a leitura da forma representativa da moldura desse gênero textual e no decorrer da leitura de seu texto/fonte;
- b) verificar o nível de consciência lingüística dos sujeitos em relação à identificação das marcas da moldura da superestrutura da notícia durante a leitura da forma representativa desse gênero textual;
- c) analisar as marcas da moldura da superestrutura da notícia utilizadas pelos sujeitos na produção desse gênero textual, examinando as correlações existentes entre o nível de consciência lingüística dos sujeitos e a utilização dessas marcas na produção de notícia;
- d) examinar as correlações existentes entre as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas pelos sujeitos durante a leitura da forma representativa desse gênero textual e do seu texto/fonte e as utilizadas por eles na produção desse mesmo gênero textual.

## 2.4 HIPÓTESES DE PESQUISA

A partir dos objetivos específicos detalhados anteriormente, enunciam-se as quatro hipóteses de pesquisa, levando-se em consideração a leitura, a escritura e a correlação entre ambas:

a) há correlação positiva e significativa entre as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas pelos sujeitos durante a leitura da forma representativa da moldura e no decorrer da leitura da moldura do seu texto/fonte;

b) há correlação positiva e significativa entre o nível de consciência lingüística dos sujeitos e a identificação de marcas da moldura da superestrutura durante a leitura da forma representativa desse gênero textual;

c) há correlação positiva e significativa entre o nível de consciência lingüística dos sujeitos e a utilização das marcas da moldura da superestrutura da notícia na produção desse mesmo gênero textual;

d) há correlação positiva e significativa entre as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas pelos sujeitos no decorrer da leitura (forma representativa da moldura e texto/fonte) e as marcas por eles utilizadas durante a produção desse gênero.

### **3 METODOLOGIA**

Neste capítulo é apresentada a metodologia utilizada no estudo: a população-alvo e sua seleção, a descrição e a aplicação dos instrumentos para a coleta de dados.

#### **3.1 UNIVERSO E AMOSTRA**

A pesquisa foi desenvolvida junto a um universo de alunos de 6<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental de uma escola particular de Porto Alegre.

A amostra para a pesquisa de campo, determinado o universo de alunos da 6<sup>a</sup> série, é constituída pelos alunos que cursam pela primeira vez a 6<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, têm 12 anos e constituem uma turma homogênea, composta por 30 alunos, entre meninas e meninos. A escolha e a seleção dessa população obedeceram aos critérios descritos a seguir:

- a) os alunos encontram-se na mesma turma, portanto experimentam os mesmos tipos de atividades em relação à leitura e à escrita;
- b) existe, por parte da escola, uma preocupação em trabalhar com a leitura e com a escrita de forma sistematizada a partir da 5<sup>a</sup> série.

## 3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Os instrumentos foram definidos a partir dos objetivos e das hipóteses de pesquisa, abrangendo propostas relacionadas à leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, à leitura da moldura de uma notícia (texto/fonte) e à escritura de texto desse mesmo gênero.

### 3.2.1 Descrição dos instrumentos

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de cinco instrumentos: a) uma forma representativa da moldura da superestrutura da notícia para a identificação de suas marcas pelo aluno (Anexo A); b) uma entrevista para verificação da consciência lingüística do aluno em relação à identificação das marcas dessa forma representativa (Anexo B); c) o texto/fonte para reconhecimento dessas mesmas marcas (Anexo C); d) uma entrevista para verificação do reconhecimento das marcas presentes na moldura do texto/fonte (Anexo D); e) produção de uma notícia para verificação das marcas da moldura da superestrutura desse gênero utilizadas pelo sujeito (Anexo E).

Os instrumentos foram elaborados a partir da seleção do texto que seria trabalhado com os alunos (notícia), levando-se em consideração as marcas da moldura da superestrutura do gênero como facilitador para que o leitor identificasse o gênero textual no decorrer da leitura e utilizasse as marcas na produção de texto do mesmo gênero.

Em relação à forma representativa da moldura da superestrutura da notícia (instrumento A), adotou-se um código escolhido representado pela letra 'N'. Essa escolha foi aleatória em relação à letra, mas não à sua disposição no texto, pois o critério foi o de obedecer à presença de marcas identificadoras do gênero textual estudado. Dessa forma, os dados de identificação do jornal (nome, data de publicação, página, caderno) foram destacados na parte superior da página, todos em maiúsculas, sendo acrescentado o negrito

e o itálico para a presença de números. A manchete, centralizada e disposta na parte superior, também foi destacada em negrito, conservando-se o padrão de maiúsculas para o início de frase e para o nome próprio. O nome do jornalista seguiu o critério de maiúsculas e minúsculas características de nomes próprios. O *lead*, além do destaque de maiúsculas e minúsculas, foi colocado em negrito. O corpo da notícia apareceu em colunas e buscou-se manter os sinais de pontuação, assim como as iniciais maiúsculas. A imagem foi destacada em um grande ‘N’ diagramado em um quadro e complementada por uma legenda logo abaixo. Por fim, o e-mail do jornalista, posicionado na parte inferior da folha, manteve o arroba e os “enes” finais com pontos característicos do “.com.br”.

As entrevistas (instrumento B) foram realizadas individualmente com a finalidade de verificar como cada aluno processava a identificação das marcas da moldura da superestrutura da notícia. A pergunta inicial, por se tratar de uma forma representativa da moldura e não de um texto, foi se o instrumento analisado era um texto ou, diante da resposta negativa, se poderia representar um texto. A pergunta seguinte buscou identificar o gênero textual e, posteriormente, as marcas que levaram o sujeito a essa constatação, sendo solicitado que apontasse as mesmas na moldura. O questionamento final buscou evidenciar as pistas que o auxiliaram na tomada de decisão.

O texto/fonte (instrumento C) foi apresentado para os alunos com a solicitação de que realizassem a leitura do mesmo. A notícia selecionada apresentou um assunto de interesse para o grupo de alunos, sendo significativa desde o destaque da manchete, “A mania Google de fazer dinheiro”, o que possibilitou o envolvimento dos sujeitos durante a leitura.

As entrevistas relacionadas à leitura da moldura do texto/fonte (instrumento D) foram, também, realizadas individualmente e procuraram verificar o reconhecimento das marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia. A diferença entre essas entrevistas e as primeiras foi a possibilidade de construção de sentido, pois tratava-se, agora, de um texto.

O último instrumento (instrumento E) consistiu em uma produção textual. Os alunos receberam a proposta para escreverem uma notícia, tendo a possibilidade de optarem por



um assunto de seu interesse, mas respeitando as marcas da moldura da superestrutura que considerassem importantes para a identificação do gênero textual em estudo. Essa etapa do trabalho foi realizada no laboratório de informática da escola, a fim de disponibilizar aos alunos todos os recursos necessários para o trabalho (pesquisa sobre o assunto e diagramação do texto).

### 3.2.2 Aplicação dos instrumentos

É importante ressaltar que todos os instrumentos que fizeram parte da análise da presente pesquisa foram divididos em dois blocos para fins de aplicação: instrumentos de leitura e instrumento de escritura. Após a aplicação dos instrumentos de leitura, os sujeitos da pesquisa foram entrevistados com o objetivo de constatar o processamento utilizado na identificação (forma representativa da moldura da superestrutura) e no reconhecimento (moldura do texto/fonte) de determinadas marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia.

Quanto ao instrumento de escritura, após a produção de uma notícia pelos alunos, foi realizada, pela pesquisadora, a tabulação das marcas da moldura da superestrutura que identificam o gênero trabalhado.

A seguir são detalhados a forma de aplicação dos instrumentos e o tempo estabelecido para cada uma dessas atividades, a partir da aplicação-piloto dos cinco instrumentos da pesquisa. Posteriormente são tecidas considerações sobre a necessidade de modificações nos instrumentos ou nos procedimentos para a aplicação definitiva e, por fim, é apresentada a aplicação definitiva.

### 3.2.2.1 Aplicação-piloto dos instrumentos

Com o objetivo de verificar a adequação e o funcionamento dos instrumentos de pesquisa, foi realizada uma aplicação-piloto a um grupo de 25 sujeitos com características semelhantes às dos sujeitos da pesquisa – uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental, da mesma escola.

Os instrumentos foram aplicados, considerando-se os objetivos e as hipóteses de pesquisa, em dois momentos: instrumentos de leitura e instrumento de escrita.

Essa aplicação foi realizada em quatro etapas, obedecendo ao intervalo de uma semana entre cada uma, sendo realizadas sempre em uma aula de Língua Portuguesa de dois períodos (100 minutos). Primeiramente, os sujeitos da pesquisa receberam a proposta de analisar a forma representativa da moldura da superestrutura do texto selecionado para a presente pesquisa (notícia), buscando identificar as marcas que definiriam o gênero textual. As orientações para a identificação foram as seguintes: apontar e explicar o porquê de determinada marca ter chamado sua atenção como leitor na definição do gênero textual. Após a identificação, os sujeitos foram entrevistados individualmente a fim de verificarmos o nível de consciência lingüística em relação às justificativas apresentadas.

Na semana seguinte, passou-se à aplicação da segunda etapa do projeto. Nesse momento, os sujeitos contaram com o texto/fonte, ou seja, o texto original que deu origem à forma representativa da moldura da superestrutura trabalhada na semana anterior. O procedimento dos sujeitos foi de reconhecer no texto/fonte marcas da moldura da superestrutura do gênero textual. Em um segundo momento, os sujeitos receberam a forma representativa da moldura da superestrutura da notícia para compará-la com a moldura do texto/fonte. Essa etapa também contou com uma entrevista individual com os sujeitos que participaram da pesquisa, buscando verificar a consciência lingüística dos sujeitos em relação à significação das marcas como identificadoras do gênero textual notícia.

A terceira etapa do projeto foi o momento de produção textual. Cada sujeito foi orientado em relação a que sua produção textual da semana seria uma notícia. Essa etapa tinha como foco da pesquisadora verificar quanto e de que forma os sujeitos da pesquisa iriam utilizar nas suas produções as mesmas marcas da moldura da superestrutura identificadas durante a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura e da leitura do texto/fonte.

A última etapa representou um momento de análise. A pesquisadora e o sujeito/produzidor de cada texto buscaram verificar se, ao escrever, o sujeito havia utilizado determinadas marcas e, no caso de tê-lo feito, por que e como isso ocorreu. Para tanto, com cada sujeito, foi feita uma entrevista individual.

### 3.2.2.2 Análise da aplicação-piloto

A aplicação do projeto piloto foi muito importante para verificar as necessárias modificações nos instrumentos e no procedimento adotado no momento das suas aplicações, mas, principalmente, para que se pudesse analisar o modo de pensar e/ou proceder dos sujeitos de pesquisa ao se depararem com a forma representativa da moldura da superestrutura do texto selecionado (notícia) e posterior análise comparativa com a moldura do texto/fonte.

A aplicação-piloto, então, apontou-nos duas considerações relevantes: a adequação dos instrumentos de pesquisa e a necessidade de reformulações quanto ao procedimento adotado na aplicação dos instrumentos.

Levando-se em consideração as respostas dos sujeitos nas entrevistas, destacam-se algumas coincidências que revelam a adequação dos instrumentos. Primeiramente, chamamos a atenção a identificação de que o que estava diante de seus olhos não era um texto: uns nomearam o instrumento como “base de um texto”; outros, como “estrutura de um texto (tipo de formatação)”. Todos fizeram questão de argumentar que “um texto tem que ter

palavras pra comunicar pras pessoas o que tá escrito e o que quer dizer, ou mostrar, o que tá sentindo, o que viu [...]. Dá pra saber que é um texto, mas não vai saber o sentido”.

Depois dessa primeira constatação, a identificação da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia foi realizada levando-se em consideração os aspectos visuais destacados: todos partiam do título (letras grandes em negrito), nome do autor, parágrafos, imagem. Cada aspecto ou marca destacada servia para identificar, ao final da análise, a forma representativa da moldura da superestrutura.

Dessa forma, verificamos a adequação da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia como composição característica do gênero. Constatamos isso no momento em que, ao apresentarmos a forma representativa da moldura da superestrutura da notícia e optarmos, aleatoriamente, pela marca “N”, ela deveria representar uma identidade estrutural, ou seja, ao utilizarmos *N* (negrito e em itálico), estaríamos identificando a presença de um numeral, assim como o N (maiúsculo), em contraponto ao n (minúsculo) identificariam a letra maiúscula no início de frase, em nomes próprios ou em títulos. Da mesma forma, foi relevante avaliar a importância da localização espacial das marcas.

Ao analisar a moldura do texto/fonte e compará-la à forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, foi como se os sujeitos comprovassem e identificassem que, para representar uma moldura, há marcas significativas em cada gênero.

Por fim, ao serem questionados, depois de suas produções textuais, a respeito de por que salientaram o título do seu texto ou preocuparam-se em destacar a imagem, referiram-se à importância de deixar claro para um possível leitor que “[...] bom, esse texto é uma notícia [...] e não uma narração qualquer”, por exemplo.

Contudo, a necessidade de reformulações não recaiu sobre os instrumentos de pesquisa, mas sobre os procedimentos adotados. Constatamos a adequação das três primeiras etapas, no entanto julgamos ser mais adequado que a análise da quarta etapa ficasse sob a responsabilidade da pesquisadora. Essa análise diz respeito à verificação do processamento que conduziu os sujeitos à utilização de determinadas marcas da moldura da superestrutura da notícia ao escreverem seus textos. Como a parte que cabe ao sujeito já aparece nas marcas que o mesmo utilizou, julgou-se mais adequado um olhar apurado por

parte da pesquisadora para buscar os dados que ficaram arquivados na memória dos sujeitos durante as etapas de leitura.

Ainda em relação à aplicação dos instrumentos, verificou-se a necessidade de um intervalo de duas semanas entre uma etapa e outra, visto que o número de sujeitos aumentaria e, pela análise das entrevistas, constataram-se ritmos diferentes entre os sujeitos.

### 3.2.2.3 Aplicação definitiva dos instrumentos

A aplicação dos instrumentos foi dividida em três etapas, todas realizadas individualmente pelos sujeitos, obedecendo ao intervalo de duas semanas entre cada uma, e sendo realizadas sempre em uma aula de Língua Portuguesa de dois períodos (100 minutos). Os instrumentos foram aplicados pela própria pesquisadora, já que é a professora titular da disciplina na referida turma.

Na primeira etapa, os alunos receberam a forma representativa da moldura da superestrutura de uma notícia e foram orientados a analisarem-na de modo a identificarem o gênero textual ali representado. A instrução recebida era clara: toda marca identificada pelo aluno deveria ser apontada na forma representativa da moldura da superestrutura. Após as identificações, o aluno foi orientado a explicar como chegou a cada uma das marcas selecionadas. A média de tempo de cada entrevista foi de 15 minutos, pois se respeitou o ritmo e as observações verbalizadas de acordo com a linha de pensamento de cada sujeito.

Na segunda etapa, os sujeitos receberam a instrução para analisar a notícia “A mania Google de fazer dinheiro”. O primeiro questionamento foi sobre se estávamos diante de um texto e, em caso de resposta afirmativa, que tipo de texto era. O procedimento dos sujeitos foi de justificar, primeiramente, a idéia de texto pela possibilidade de leitura e construção de sentido - agora sabiam que se tratava de uma notícia sobre o Google - e de reconhecer no texto/fonte as marcas da moldura da superestrutura identificadoras do gênero

notícia. Todos os sujeitos receberam, após a leitura e análise da moldura do texto/fonte, a forma representativa da moldura da superestrutura da notícia com que haviam trabalhado há duas semanas, para que pudessem compará-la à moldura da notícia lida. Essa etapa também contou com uma entrevista individual para a constatação de quanto as marcas da moldura da superestrutura significam no reconhecimento do gênero. Nesse momento, verbalizações como “era bem o que eu pensava” ou “é a mesma forma” sinalizaram possíveis correspondências e conexões estabelecidas através da ativação de sinapses. A média de tempo dessa etapa foi de 20 minutos, pois se tratava de uma notícia de interesse e domínio dos alunos, já que acessam o Google constantemente em suas pesquisas escolares e não demonstraram dificuldades na comparação dos instrumentos como exposto anteriormente.

A última etapa representou um momento importante para a pesquisa pois, através da proposta de escritura de notícia, os sujeitos demonstraram a capacidade de utilizar na escritura as marcas da moldura da superestrutura identificadas durante as etapas de leitura. Cada aluno pôde selecionar um assunto de seu interesse (futebol, banda de música, teatro, jogos de computador, política) e recebeu a orientação clara de que deveria produzir uma notícia com todas as marcas que julgasse significativas para que um futuro leitor identificasse o texto produzido como um exemplo do gênero trabalhado. A média de tempo para a execução dessa etapa foi de 90 minutos, pois foi preciso escolher um assunto, buscar uma imagem e formatar o texto no laboratório de informática.

Todos os sujeitos envolvidos na pesquisa cumpriram as três etapas, validando os instrumentos e procedimentos adotados.

## **4 TRATAMENTO DOS DADOS**

A coleta dos dados foi realizada em duas etapas: a primeira se refere ao processamento de leitura e a segunda ao processamento de escrita.

Os dados coletados durante a aplicação dos instrumentos foram organizados a partir de entrevistas individuais (após a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia e após a leitura da moldura do texto/fonte) e da produção escrita de uma notícia (através das marcas da moldura da superestrutura utilizadas pelos sujeitos), sendo distribuídos estatisticamente em quadros que sinalizam as possíveis correlações, ou não, entre as situações de leitura e a de escrita.

### **4.1 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS A PARTIR DE ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**

#### **4.1.1 Dados obtidos durante a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia**

Conforme o quadro 1, verificamos as marcas da moldura da superestrutura identificadas pelos sujeitos. Para pontuarmos a identificação foi atribuído **1** para a presença da marca e **0** para a ausência da marca. Os aspectos apontados foram, também, justificados pelos sujeitos através das respostas dadas às questões da entrevista, durante a qual verbalizaram a reflexão a respeito das suas escolhas. Essas verbalizações foram compiladas levando-se em consideração a justificativa dos sujeitos diante de cada marca, conforme o quadro 2.

	<u>M1</u>	<u>M2</u>	<u>M3</u>	<u>M4</u>	<u>M5</u>	<u>M6</u>	<u>M7</u>
S1	1	1	0	1	1	1	1
S2	1	1	1	1	1	1	1
S3	1	0	0	1	0	1	1
S4	1	1	0	0	1	1	1
S5	1	1	0	0	0	1	0
S6	1	1	0	0	0	1	1
S7	1	1	0	0	1	1	1
S8	1	1	0	1	1	1	0
S9	1	1	0	1	0	1	1
S10	1	1	1	1	1	1	0
S11	0	1	0	1	1	1	0
S12	1	1	0	1	1	1	1
S13	1	1	0	0	0	1	1
S14	1	0	1	1	1	1	1
S15	1	1	0	0	1	1	1
S16	1	1	0	1	1	1	1
S17	1	1	0	1	1	1	1
S18	1	1	0	1	1	1	1
S19	1	1	0	1	0	1	0
S20	0	1	0	1	1	1	0
S21	0	1	0	1	0	1	1
S22	1	1	1	1	0	1	1
S23	1	1	1	0	0	1	0
S24	0	1	0	1	0	1	0
S25	1	1	1	0	0	1	1
S26	1	1	0	1	0	1	0
S27	0	1	0	0	1	1	1
S28	1	1	0	1	1	1	0
S29	1	1	0	0	0	1	0
S30	1	1	1	1	1	1	1

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** lead; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Quadro 1 - Identificação de marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia.  
Fonte: A Autora (2006).



	<b>M1</b>	<b>M2</b>	<b>M3</b>	<b>M4</b>	<b>M5</b>	<b>M6</b>	<b>M7</b>
S1	dados específicos tipo de apresentação	localização no alto, negrito, letra maiúscula	-----	introdução resumo, como preparação	parte mais técnica do assunto, parágrafo e pontuação	pela forma e função da legenda	arroba, possibilidade de contato
S2	localização no alto associado ao gênero	negrito e grande	vem depois do título associado ao gênero	passos da notícia, negrito	começa letra maior, parágrafos e pontuação	quadro e a descrição embaixo	arroba
S3	localização em cima	-----	-----	resumo, negrito	-----	bem grande, explicação	contato, arroba, ponto e enes, embaixo
S4	localização das especificidades em cima	negrito, destacada, maior	-----	-----	distribuição dos parágrafos, pontuação	grande, legenda embaixo	arroba
S5	pele lugar	letra maior, negrito	-----	-----	-----	ene grande, encaixa uma foto	-----
S6	localização das especificidades em cima	negrito e destacado	-----	-----	-----	grande, igual figura, com explicação	arroba
S7	localização em cima	longe do texto, destacado	-----	-----	começa letra maior, parágrafos	figura com nome fotógrafo	arroba
S8	localização em cima	em cima do olho, perto da foto	-----	texto pequeno	letra e extensão maior	moldura, quadrado, ene grande, descrição	-----
S9	localização em cima	em negrito	-----	parte curta do texto, chamada para a leitura	-----	embaixo tem legenda	arroba
S10	localização das especificidades em cima	localização	-----	resumo em negrito	história da reportagem	grande, identifica o que é	-----
S11	-----	está antes da notícia	-----	parte menor, negrito	restante sem o lead	quadrado, legenda e relação com o texto	-----
S12	localização das especificidades em cima	depois da identificação	-----	negrito, destaca notícia	detalhes da notícia	grande, legenda	arroba, possibilidade de contato
S13	localização	letra destacada,				caixa	arroba

	das especificidades em cima	grande, em cima, separada dos trechos	-----	-----	-----	grande, letra grande	
S14	localização das especificidades em cima	-----	localização	negrito	localização	espaço maior, legenda	arroba
S15	localização das especificidades em cima	negrito	-----	-----	localização	separado do texto, legenda	arroba
S16	localização das especificidades em cima	localização	-----	introdução	parte mais importante vai dizer a notícia	ene grande	arroba
S17	localização das especificidades em cima	localização	-----	resumo	o texto	figura com legenda	arroba
S18	em cima	localização	-----	resumo	apresenta detalhes	ene grande, legenda	arroba
S19	localização	negrito	-----	resumo	-----	Identificação	-----
S20	-----	identificação	-----	Identificação	conteúdo	localização	-----
S21	-----	identificação	-----	negrito	-----	grande e fotografia	identificação
S22	localização das especificidades em cima	localização e destaque	localização	negrito	-----	legenda grande, ene no meio	arroba
S23	localização das especificidades em cima	negrito, destacado	embaixo do título, associação ao gênero	-----	-----	grande	-----
S24	-----	negrito e maior	-----	resumo, negrito	-----	maior, legenda	-----
S25	localização das especificidades em cima	negrito, maior	letra maiúscula (nome) e minúscula	-----	-----	quadrado, fotografia	arroba, ponto e ene

			(sobrenome)				
S26	localização das especificidades em cima	negrito, em cima	-----	resumo, negrito	-----	do lado do texto, legenda	-----
S27	-----	negrito, destacado	-----	-----	o texto	moldura, legenda	arroba
S28	localização das especificidades em cima	grande, negrito, destaque	-----	resumo destaque, no início	detalhes	grande, legenda	-----
S29	localização das especificidades em cima	em cima, chama a atenção pelo lugar	-----	-----	-----	estrutura, fotógrafo	-----
S30	localização das especificidades em cima	grande, negrito	vem antes notícia, associação ao gênero	resumo, negrito	detalhes	relação com texto, legenda	arroba

Quadro 2 – Justificativas para identificação de marcas da superestrutura da notícia  
Fonte: A autora (2006).

A partir do quadro 2, chegamos à avaliação do nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia – quadro 3. Os níveis de consciência lingüística foram pontuados de acordo com o nível e condições da explicitação das justificativas relacionadas à identificação das marcas. Os critérios foram os seguintes:

a) para o nível de consciência plena (CP), quando o aluno identificou a marca da moldura da superestrutura da notícia e revelou habilidades cognitivas (identificação das marcas presentes na moldura da superestrutura) e metacognitivas (explicação da ação de identificação das marcas presentes na moldura da superestrutura) ao explicitar adequadamente a justificativa de cada marca, foram atribuídos **2** pontos;

b) para o nível de pré-consciência (PC), quando o aluno identificou a marca da moldura da superestrutura da notícia, mas não foi capaz de relatar claramente o porquê de sua identificação, ou seja, identificou, mas a justificativa apresentada é inconsistente, atribuiu-se **1** ponto;

c) para o nível inconsistente ( I ), em que o aluno não identificou a presença da marca da moldura da superestrutura da notícia, atribuiu-se 0.

	<b>M1</b>	<b>M2</b>	<b>M3</b>	<b>M4</b>	<b>M5</b>	<b>M6</b>	<b>M7</b>
S1	2	2	0	2	2	2	2
S2	2	2	2	2	2	2	2
S3	1	0	0	2	0	2	2
S4	2	2	0	0	2	2	2
S5	1	2	0	0	0	1	0
S6	2	2	0	0	0	2	2
S7	1	2	0	0	2	1	2
S8	1	2	0	1	1	2	0
S9	1	1	0	2	0	2	2
S10	2	1	0	2	2	2	0
S11	0	1	0	1	1	2	0
S12	2	1	0	2	2	2	2
S13	2	2	0	0	0	1	2
S14	2	0	1	1	1	2	2
S15	2	1	0	0	1	2	2
S16	2	1	0	1	2	1	2
S17	2	1	0	2	1	2	2
S18	1	1	0	2	2	2	2
S19	1	1	0	2	0	1	0
S20	0	1	0	1	1	1	0
S21	0	1	0	1	0	1	2
S22	2	2	1	1	0	2	2
S23	2	2	2	0	0	1	0
S24	0	2	0	2	0	2	0
S25	2	2	2	0	0	1	2
S26	2	2	0	2	0	2	0
S27	0	2	0	0	1	2	2
S28	2	2	0	2	2	2	0
S29	2	1	0	0	0	1	0
S30	2	2	2	2	2	2	2

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30 sujeitos)

Quadro 3 – Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas da superestrutura na moldura representativa da notícia.

Fonte: A autora (2006).

## 4.1.2 Dados obtidos durante a leitura da moldura do texto/fonte

O quadro 4 apresenta com clareza as marcas da moldura da superestrutura que são consideradas pelo sujeito leitor ao reconhecer o referido texto como uma notícia. Para pontuarmos o reconhecimento foi atribuído **1** para a presença da marca e **0** para a ausência da marca. Os aspectos apontados foram, também, justificados pelos sujeitos através das respostas dadas às questões da entrevista durante a qual verbalizaram a reflexão a respeito das suas escolhas.

	<b>M1</b>	<b>M2</b>	<b>M3</b>	<b>M4</b>	<b>M5</b>	<b>M6</b>	<b>M7</b>
S1	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>
S2	1	1	1	1	1	1	1
S3	1	1	1	1	1	1	1
S4	1	1	0	1	1	1	1
S5	1	1	0	0	1	1	0
S6	1	0	0	0	1	1	0
S7	1	1	0	0	1	1	0
S8	1	1	0	1	1	1	0
S9	1	1	1	1	0	1	1
S10	0	0	1	1	1	1	0
S11	0	1	0	1	1	1	0
S12	1	1	1	1	1	1	1
S13	1	1	0	0	1	1	1
S14	1	1	0	1	1	0	0
S15	0	1	0	1	1	1	0
S16	1	0	0	0	1	1	0
S17	1	1	0	1	1	1	1
S18	1	1	0	1	1	1	1
S19	1	1	0	0	0	1	0
S20	1	1	0	1	1	0	0
S21	1	1	0	1	1	1	1
S22	1	0	1	1	1	1	1
S23	1	0	0	0	1	1	0
S24	0	1	0	1	0	1	0
S25	1	1	0	0	1	1	0
S26	1	1	0	1	1	1	1
S27	1	1	0	0	1	1	0
S28	0	0	0	0	1	0	0
S29	1	1	0	0	1	0	0
S30	1	1	1	1	1	1	1

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30 sujeitos)

Quadro 4 - Reconhecimento de marcas da superestrutura no texto/fonte: notícia  
Fonte: A autora (2006).

## 4.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS A PARTIR DA PRODUÇÃO ESCRITA DE UMA NOTÍCIA

A última etapa para organização dos dados levantados está condensada no quadro 5, em que consta a identificação de utilização de marcas da moldura da superestrutura na produção de notícia. Para pontuarmos a utilização das marcas foi atribuído **1** para a presença e **0** para a ausência. Nesse momento, o levantamento de dados encaminhou para a verificação da correlação positiva entre leitura e escritura de notícia no que diz respeito à utilização de marcas identificadoras do gênero.

	<b>M1</b>	<b>M2</b>	<b>M3</b>	<b>M4</b>	<b>M5</b>	<b>M6</b>	<b>M7</b>
S1	1	1	0	1	1	1	1
S2	1	1	1	1	1	1	1
S3	1	1	1	1	1	1	1
S4	1	1	0	1	1	1	1
S5	1	1	1	1	1	1	1
S6	1	1	0	0	1	1	0
S7	1	1	0	0	1	1	0
S8	1	1	1	1	1	1	1
S9	1	1	1	1	1	1	1
S10	1	1	0	1	1	1	0
S11	1	1	0	1	1	1	0
S12	0	1	0	1	1	1	0
S13	1	1	0	1	1	1	1
S14	1	1	0	1	1	1	1
S15	0	1	0	1	1	1	0
S16	1	1	1	1	1	1	0
S17	1	1	0	1	1	1	0
S18	1	1	1	1	1	1	1
S19	0	1	0	0	1	1	0
S20	1	1	1	1	1	1	1

S21	1	1	1	1	1	1	0
S22	0	1	0	1	1	1	0
S23	0	1	0	1	1	1	0
S24	1	1	1	1	1	1	1
S25	0	1	0	0	1	1	0
S26	1	1	0	0	1	1	0
S27	0	1	0	1	1	1	0
S28	1	1	1	1	1	1	1
S29	1	1	1	1	1	1	1
S30	1	1	0	1	1	1	0

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista;  
**M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30 sujeitos)

Quadro 5 - Identificação da utilização de marcas da moldura da superestrutura na produção de notícia  
 Fonte: A Autora (2006).

Para o tratamento estatístico, consideraram-se a amostra e os instrumentos de pesquisa, sendo os dados organizados em um resumo tabular e gráfico do número de identificações das marcas da moldura da superestrutura da notícia em cada um dos instrumentos, conforme será analisado no capítulo seguinte.

## **5 ANÁLISE DOS DADOS E AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES**

Os dados dessa investigação foram analisados tendo em vista as quatro hipóteses da pesquisa, organizados de acordo com os instrumentos (forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, texto/fonte, produção de notícia e entrevistas individuais), com os processos (leitura e escrita) e com o nível da consciência lingüística dos sujeitos. Quanto à avaliação das hipóteses, foram considerados os testes de correlação.

### **5.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS**

A análise dos dados foi possível a partir dos instrumentos relativos à entrevista individual realizada com cada sujeito (Anexo B e Anexo D), em que constatamos semelhanças significativas no procedimento de leitura e de escrita dos sujeitos da pesquisa.

#### **5.1.1 Identificação das marcas da moldura da superestrutura na leitura da forma representativa**

A primeira coincidência surge exatamente no momento em que os sujeitos são indagados sobre se a forma representativa da moldura da superestrutura da notícia era um texto. Foi possível constatar que todos reconheceram não se tratar de um texto, mas de uma representação de texto. Podemos agrupar, entretanto, as verbalizações dos sujeitos em dois blocos: o daqueles que foram precisos desde o início, afirmando categoricamente “representa um texto porque só tem enes, eu não sei o que tá dizendo” ou “falta um assunto; só tem uma letra em tudo; não tem palavras, faltam informações”; e o dos outros, que



chegaram à sua conclusão de forma mais reticente, com verbalizações como “ele falar sobre alguma coisa, não fala, mas eu acho que é pra representar algum assunto” ou “só tem enes, enes, enes; acho que se tivessem palavras seria um texto, mas como só tem enes, não.” Embora fiquem claros esses dois grupos, a idéia de texto trabalhada na pesquisa, como uma unidade global significativa, organizada a partir de uma superestrutura, encontra-se presente, pois há, por parte dos sujeitos, nítida preocupação em conseguir ler e compreender o material: “não dá pra ler, pra entender o que tá escrito”, “isso é como se fosse uma folha de jornal; tá faltando as outras letras; o texto tem palavras e daí tu vai formando as frases e quando tu junta tudo forma um texto”.

Outro aspecto que consideramos como um dado significativo para essa análise foi a escolha e o tratamento dado aos verbos pelos sujeitos. Todas as escolhas demonstraram um processamento de leitura em que a inquietação, a dúvida, o questionamento e a previsão estiveram presentes: “*parece ser* uma folha de um jornal”, “eu *acho* que é um texto de jornal”, “aqui *seria* o lugar de uma imagem”, “*teria* que ter palavras”, “*se tivessem* palavras, seria um texto”. As escolhas dos verbos *parecer* e *achar* em contraponto a *ser* e *acreditar*, é digna de nota, pois, em uma situação de comunicação, dizer que “alguma coisa é” assume um valor decisivo, tanto quanto se o sujeito tivesse dito “eu acredito que é um texto de jornal”, porque a força de significação passa da força de uma suposição para a de uma certeza. Também a presença do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito imperfeito do subjuntivo confirma a dúvida, o levantamento de hipóteses no processamento da leitura.

Posteriormente à identificação de que se tratava de uma forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, veio a constatação de gênero, como podemos observar nas seguintes falas: “eu acho que é uma notícia sobre alguma coisa”, “isso tem toda a organização de um texto; as frases são formadas, tem os parágrafos bem formados e isso parece uma notícia de jornal”. Nesse momento, as marcas da moldura da superestrutura, características da composição de uma notícia (dados de identificação do jornal, manchete, nome do jornalista, *lead*, corpo da notícia, imagem com legenda e o e-mail do jornalista), foram identificadas pelos sujeitos obedecendo a certa regularidade de frequência, ou seja, houve marcas mais identificadas e outras menos, conforme identificamos na tabela 1 e na figura 4.

**Tabela 1 - Identificação de marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia**

Ordem	Marcas	Identificação	Percentual
1	M1	25	83,3
2	M2	28	93,3
3	M3	07	23,3
4	M4	20	66,7
5	M5	17	56,7
6	M6	30	100,0
7	M7	19	63,3

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali <sup>2</sup> (2006).

Na Tabela 1, percebe-se que a marca mais destacada foi a “imagem com legenda” (M6) com 100% de identificação e a menos destacada foi “o nome do jornalista” (M3), com 23,3% de identificação.

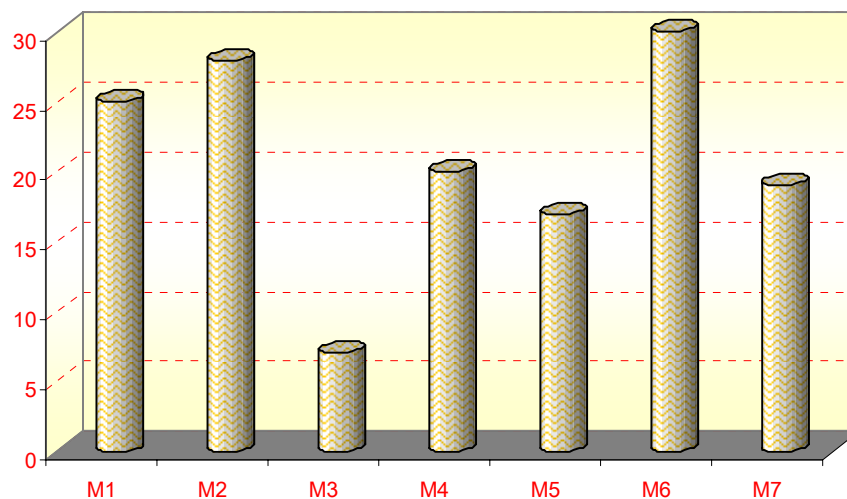


Figura 4 – Identificação de marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia

Fonte: Lorí Viali (2006).

<sup>2</sup> Prof. Dr. Lorí Viali foi o estatístico que realizou a análise descritiva dos dados

Além da “imagem com a legenda” (M6), os dados de identificação do jornal e a manchete também mereceram destaque. Analisando essa situação, a partir das referências apontadas pelos sujeitos durante as entrevistas, é possível verificarmos que a estrutura de superfície do texto, em que se encontram presentes as marcas de informação visual que nossos olhos colhem e fixam ao longo da leitura, possui marcas que se salientam mais pela forma gráfica (tamanho, cor da letra, negrito) e pelo posicionamento (no alto da página, ao lado do corpo da notícia). Essas marcas encontram-se na memória de longo prazo, como modelos esquemáticos que são ativados no momento da análise da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, como constatamos nas seguintes verbalizações: “também porque o jornal é um meio de informação que muitas pessoas lêem, eu leio às vezes. E é muito comum os aspectos como manchete, matérias com fotos, letras maiúsculas; tudo isso são coisas necessárias no jornal; os dados específicos do jornal”, “geralmente as imagens estão num quadro e embaixo tem uma descrição da imagem” e “ tá em negrito e bem grande; no alto da folha”.

Em relação as outras quatro marcas, podemos dizer que em três, *lead*, corpo da notícia e e-mail do jornalista, houve um número intermediário de identificação pelos sujeitos e que, em uma, o nome do jornalista, o índice de identificação foi muito pequeno. Analisando as verbalizações dos sujeitos, constatamos que os princípios de intencionalidade/aceitabilidade subjazem às falas dos entrevistados, quando estes identificam as três primeiras marcas, pois apontam o empenho do produtor em chamar a atenção do leitor para determinada situação, este, por sua vez, terá expectativas diante do conjunto lido: “aqui em negrito também pode ser um fato que aconteceu que chame muita atenção ou também uma apresentação ou introdução sobre um assunto. Pro leigo, pro leitor leigo que quando pega um jornal quer saber do que está falando”, “esta parte vem em negrito e depois começa o texto; é a parte que mostra, mais ou menos, como a notícia vai ser ou os passos” ou “aqui tem um e-mail. Nos jornais tem que ter o nome pra algum contato; se tu quer mandar alguma sugestão ou crítica pro jornal daí tem como se comunicar”. Por outro lado, a marca menos identificada foi a que se refere exatamente ao produtor do texto. Em uma primeira análise, e com certeza equivocada, está a negação do papel do autor do texto pelos sujeitos da pesquisa. Acreditamos que o fator mais provável

esteja relacionado ao modelo esquemático arquivado de texto, independentemente de se tratar do gênero notícia ou não, no que diz respeito ao posicionamento do nome do escritor, pois, geralmente, os textos lidos e trabalhados no contexto escolar trazem o nome do autor ao final. Essa constatação pode ser ressaltada pelo fato de que os sujeitos identificaram mais a presença do e-mail do jornalista (localizado na parte inferior da folha).

### 5.1.2 Reconhecimento das marcas da moldura da superestrutura na leitura do texto/fonte

Os dados obtidos através da análise do segundo instrumento, representado pela notícia (texto/fonte), em certa medida reforçaram as análises anteriores e apontaram outras perspectivas em relação à análise da moldura da superestrutura do gênero notícia, conforme a tabela 2 e na figura 5.

**Tabela 2 – Reconhecimento de marcas da moldura da superestrutura no texto fonte: notícia**

Ordem	Marcas	Reconhecimento	Percentual
1	M1	25	83,3
2	M2	24	80,0
3	M3	08	26,7
4	M4	19	63,3
5	M5	27	90,0
6	M6	26	86,7
7	M7	13	43,3

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lori Viali (2006).

Na Tabela 2, percebe-se que a marca mais destacada foi a “corpo da notícia” (M5) com 90% de reconhecimento e a menos destacada foi novamente “o nome do jornalista” (M3) com 26,7% de reconhecimento.

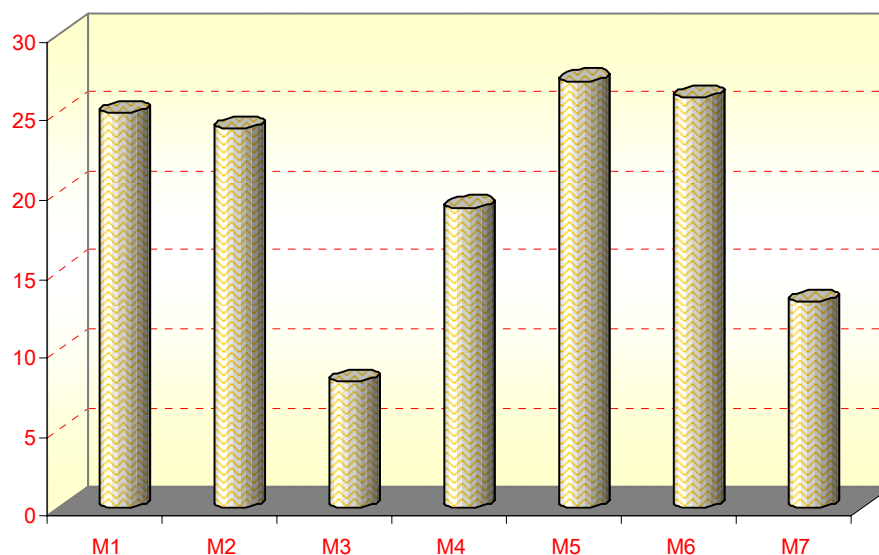


Figura 5 – Reconhecimento de marcas da moldura da superestrutura no texto fonte: notícia  
Fonte: Lorí Viali (2006)

Como pudemos perceber, continuaram sendo poucos os sujeitos que reconheceram o nome do jornalista, embora tivessem a possibilidade de lê-lo. As três marcas mais destacadas no primeiro instrumento (forma representativa da moldura da superestrutura da notícia) permaneceram bem pontuadas, contudo houve o acréscimo de outra marca como mais reconhecida: o corpo da notícia. Pelo destaque dado a essa marca, chegamos a algumas conclusões importantes em relação à moldura da superestrutura da notícia, contrapondo a forma representativa da moldura da superestrutura à moldura do texto/fonte. Na análise do primeiro instrumento, o *lead* era mais identificado que o “corpo da notícia”. Já no segundo instrumento, o reconhecimento do “corpo da notícia” supera o do *lead* e ganha destaque como uma das marcas mais reconhecidas pelos sujeitos da pesquisa. Analisando esses dados, vemos a relação entre a forma e o conteúdo. Primeiramente, o *lead* ganha destaque pela sua forma em negrito e seu posicionamento acima do “corpo da notícia”, tornando-se mais visível que o “corpo da notícia” na forma representativa da moldura da superestrutura. No entanto, quando o sujeito tem a possibilidade de ler o

texto/fonte, “o corpo da notícia” chama-lhe mais atenção, pois os dados significativos, para que o mesmo compreenda a notícia, estão nesse espaço colocados.

Ainda na forma representativa da moldura da superestrutura, quando os sujeitos identificaram o “corpo da notícia” já apontavam para pistas significativas dentro do texto: o papel da pontuação (aspas, travessão e parênteses), o ene maiúsculo e em negrito no início do texto e a presença de um *site* como fonte, através dos ‘nnn.nnnnnn.nnn’. Todas essas pistas foram confirmadas no momento da leitura do texto/fonte, como verificamos pelas verbalizações: “tem várias coisas entre aspas, coisas técnicas, coisas entre parênteses, porque pra ser um texto jornalístico tu não pode escrever tudo o que tu quer, senão fica muito grande”, “depois vem aqui o *site*, geralmente se põe o *site* dentro do texto” , “quando o entrevistado fala, tem o travessão” ou “geralmente tem essa letra maiúscula aqui no início da notícia”. Analisando a qualidade das respostas dos sujeitos, retornamos à concepção de texto como unidade global significativa, organizada a partir de uma superestrutura, pois os sinais de pontuação foram reconhecidos como elementos importantes na configuração do texto, ou seja, a utilização de aspas serviu para realçar determinada expressão. Também a construção de sentido dessa marca pode estar ligada à situação de leitura e de escritura do sujeito, no que diz respeito, principalmente, ao conhecimento prévio dos sujeitos da pesquisa, pois foi através desses dois processos que ocorreu a compreensão do uso e do valor de um travessão para indicar a fala de um entrevistado durante a notícia.

### 5.1.3 Nível de consciência lingüística na leitura de marcas da moldura da superestrutura da notícia

As verbalizações dos sujeitos no decorrer da leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia e da leitura da moldura do texto/fonte foram significativas para que chegássemos ao nível de consciência lingüística do grupo da pesquisa porque, pelo processo de cada sujeito, constatamos o tipo de estratégias adotado: estratégias cognitivas (inconscientes) ou metacognitivas (conscientes). Dessa forma, através

da verbalização dos sujeitos (quadro 2), chegamos ao quadro 3, onde pudemos constatar que o grupo encontra-se entre o nível de consciência plena (CP) e o de pré-consciência (PC).

Chegamos a esse resultado, conforme figura 6, pela possibilidade de cada sujeito obter 14 pontos no máximo no momento da identificação das sete marcas presentes na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia. Essa pontuação máxima justifica-se no momento em que o sujeito apresenta consciência plena (2 pontos) para cada uma das marcas. Considerando os 30 sujeitos obtendo o máximo de 14 pontos, temos então, o total de 420 pontos. Dessa forma, se todos os sujeitos demonstrassem pré-consciência (1 ponto) teríamos alcançado 210 pontos. Assim, analisando as justificativas obtidas, o total de pontos do nível de consciência lingüística resultou em 245.

<u>Níveis e pontuação</u>	<u>Pontuação X quantidade de marcas</u>	<u>Pontuação máxima para cada nível</u>
CP 2 pontos	2 pontos x 7 marcas = 14	14 x 30 = 420
PC 1 ponto	1 ponto x 7 marcas = 7	7 x 30 = 210
I 0 ponto	0 ponto x 7 marcas = 0	0 x 30 = 0

Figura 6 - Nível de consciência lingüística  
Fonte: A Autora (2006).

Verbalizações como “tem uma manchete como um título e um subtítulo que normalmente tu não encontra num texto convencional, mas numa reportagem jornalística tu sempre encontra”; “é tipo uma apresentação, tá dizendo o nome do jornal, a data o número da página; são os dados mais específicos do jornal” exemplificam o bom nível de consciência lingüística do grupo de sujeitos.

Outra etapa importante da pesquisa e que merece ser analisada diz respeito às verbalizações dos sujeitos no momento em que comparavam a forma representativa da moldura da superestrutura da notícia com a moldura do texto/fonte ao trabalharem com hipóteses e com escolhas selecionadas a partir das pistas. Interjeições denotativas de satisfação, como “era bem isso que eu tinha pensado”, tornaram-se significativas para este estudo porque, ao comparar a forma representativa da moldura com a moldura do

texto/fonte, os sujeitos perceberam que haviam ativado as mesmas marcas, reforçando as sinapses que já haviam sido estabelecidas. As verbalizações interjetivas, portanto, demonstraram a recordação do processo anterior, ou seja, houve o reconhecimento de que as previsões dos sujeitos, feitas durante a leitura da forma representativa, concretizaram-se no decorrer da leitura da moldura do texto/fonte.

Após as primeiras verbalizações de surpresa, compreendidas aqui como uma espécie de satisfação, chegamos às manifestações dos sujeitos que justificam a ligação entre a forma representativa da moldura da superestrutura e a moldura do texto/fonte, pela presença das mesmas marcas; ao mesmo tempo, diferenciam os dois instrumentos pela inserção do conteúdo no texto/fonte. A seguir são transcritas algumas respostas dos sujeitos, através das quais podemos verificar esse dado: “então a semelhança que já é notável, mesmo não tendo o conteúdo inserido, é de estrutura. Eu tenho os mesmos aspectos que são a foto, a manchete, os dados gerais, a introdução, a estrutura que marca mais”; “aqui eu não consigo ler as coisas. Só tem ‘enes’, então não tem como saber exatamente a notícia”; “de semelhante eles têm títulos, têm as mesmas coisas que já disse antes. Têm tudo, só que no primeiro não tá em palavras, não tem significado. E de diferente é que esse tem letras, tem palavras mesmo e que significam alguma coisa. Eu sei ler o que significa”.

Também o vocabulário utilizado pelos sujeitos é extremamente variado e significativo ao compararem os dois instrumentos: “dá pra *imaginar* que aqui é o texto, o dia, o e-mail”, “é muito semelhante porque, vamos dizer que o antigo ele é mais ou menos um mesmo *estilo*”, “as marcas *conferem* exatamente”, “de diferente tem que esse é mesmo um texto e esse outro tá representando, tá *simulando* um texto”. Analisando as palavras destacadas podemos concluir que elas traduzem, de certa forma, a relação básica trabalhada na presente pesquisa: todo gênero textual está configurado a partir de uma superestrutura. Assim, os alunos pontuaram, com o emprego dos verbos *imaginar* e *conferir*, a ocorrência de um processo cognitivo de leitura, ou seja, é necessário prever, inferir para chegarmos à constatação de uma idéia. Da mesma forma as idéias de *simulação* e de *estilo* estão ligadas à noção de representação, de composição característica da notícia.



#### 5.1.4 Utilização das marcas da moldura da superestrutura na produção textual

Prosseguindo, nossa análise recai nas produções das notícias pelos sujeitos da pesquisa. Nesse momento, evidencia-se claramente o cuidado que têm em construir seus textos a partir da moldura da superestrutura da notícia, nos quais as marcas identificadas na forma representativa da moldura e reconhecidas na moldura do texto/fonte passaram a ser determinantes para o gênero que estava sendo produzido. A tabela 3 e a figura 7 evidenciam, esse cuidado dos sujeitos na utilização, nos seus textos, das marcas da moldura da superestrutura da notícia.

**Tabela 3 - Identificação da utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia na produção textual**

Ordem	Marcas	Utilização	Percentual
1	M1	23	76,7
2	M2	30	100,0
3	M3	12	40,0
4	M4	25	83,3
5	M5	30	100,0
6	M6	30	100,0
7	M7	15	50,0

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

Na Tabela 3, existem três elementos com 100% de utilização. A marca menos destacada continua sendo “o nome do jornalista” (M3), com 40,0% de utilização, agora.

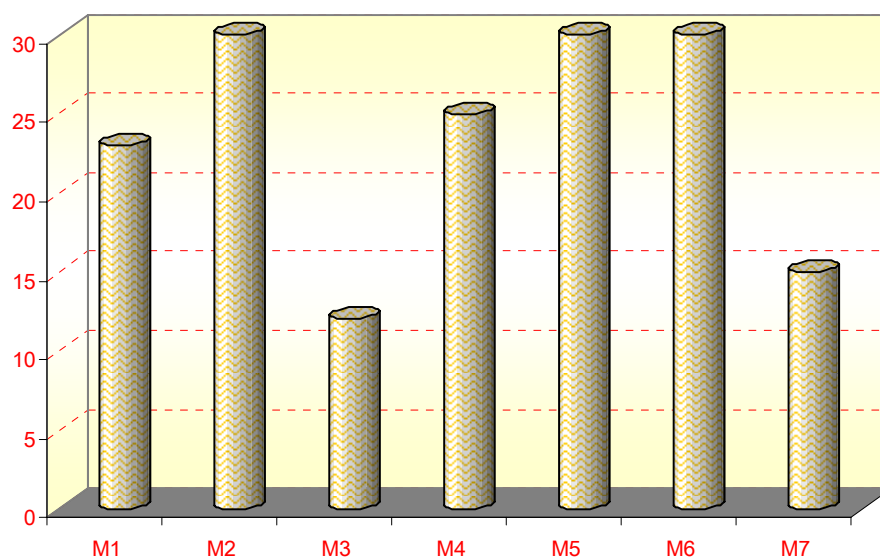


Figura 7 – Identificação da utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia na produção textual.  
Fonte: Lorí Viali (2006).

Nesse momento, observamos que três marcas obtiveram o índice máximo: manchete (M2), corpo da notícia (M5) e imagem com legenda (M6). Um dos fatores que influencia esse índice é o conhecimento prévio, pois, de todas as marcas da moldura da superestrutura da notícia, sem dúvida essas possuem uma representatividade unânime entre os leitores desse gênero. Ao se referirem a uma notícia, todos os leitores destacam a manchete como o elemento de chamada para a leitura, o corpo da notícia como a possibilidade de apresentar os detalhes ou as particularidades do fato noticiado e, como um complemento do texto verbal, a imagem ou fotografia que retrate ou destaque parte da notícia.

Por outro lado, o nome do jornalista (M3) continuou sendo a marca menos destacada na produção da notícia pelos sujeitos, embora o índice de utilização dessa marca tenha sido maior que no momento da aplicação dos instrumentos anteriores, ou seja, 40% em contrapartida aos 23,3 % na forma representativa da moldura e 26,7 no texto/fonte. O princípio de intencionalidade, principalmente pelo fator marcante da autoria do texto, isto é, eu escrevo para que alguém leia dentro de uma situação sociocomunicativa, deve ser considerado como um aspecto importante em relação ao aumento desse índice.

Além da seleção e da presença de determinadas marcas da moldura da superestrutura da notícia, todos os sujeitos demonstraram a preocupação com a

diagramação do texto, observando as colunas e o posicionamento de determinadas marcas, além do destaque gráfico, letras em maiúsculas e em negrito, compondo a superestrutura da notícia. Complementando a preocupação com a superestrutura, apareceram dados significativos em relação à escolha para o nome do jornal, para o tipo de seção na qual a notícia seria veiculada, para a manchete e, como tiveram a opção por um assunto de seu interesse, para a determinação do assunto.

Dessa forma, os exemplos a seguir apresentados ilustrarão um pouco do interesse desse grupo de sujeitos de 6ª série. Primeiramente, os assuntos selecionados aproximam-se da realidade dos sujeitos e discutem questões que, no entendimento do grupo, mereceriam transformar-se em notícias: Internacional e Grêmio, teatro de bonecos, Rebeldes, Black Eyed Peas, basquete, viagem e jogos de computador (Fans Ragnarok) ou de cartas (Magic The Gathering). Outras marcas da moldura da superestrutura da notícia, além do destaque gráfico anteriormente comentado, receberam uma atenção especial quanto ao conteúdo veiculado. Assim, manchetes como “O Mundo é Vermelho”, “Temos Black Eyed Peas”, “Rebeldia no Palco”, “Grêmio Ganha o Mundo” ou “O Jogo que a Garotada Está Curtindo” já determinam a intencionalidade presente no corpo da notícia e instigam a leitura da mesma. O nome e a seção do jornal também merecem nossa análise qualitativa, pois diversificaram-se os interesses, como percebemos em “Jornal Colorado”, “Jornal do Chico”, “Hora Certa”, “O Profeta Diário”, que são exemplos de alguns nomes de jornais, e em “Polícia”, “Esporte”, “Cultura”, e “Cinema”, exemplos de seções de jornal selecionadas.

Mais do que nunca, a análise que fazemos é de que o foco da pesquisa foi entendido pelos sujeitos, uma vez que compreenderam a importância da moldura da superestrutura da notícia como uma forma convencional, um modelo esquemático, a ser ativada sempre que forem ler ou produzir um texto do mesmo gênero.

## 5.2 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES

A avaliação das hipóteses obedeceu a critérios estatísticos de percentuais de frequências, tendo como objetivo verificar os coeficientes de associação entre as três situações (identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia na forma representativa, reconhecimento de marcas da moldura superestrutura no texto/fonte e a utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia na produção textual), o índice de coincidência na identificação de marcas da moldura um mesmo sujeito diante das três situações da pesquisa e verificar também a correlação entre o nível de consciência lingüística, a identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia e a utilização dessas marcas na produção textual.

### 5.2.1 Coeficientes de associação entre a forma representativa da moldura da superestrutura, o texto/fonte e a produção textual

Nesse momento é importante destacarmos a base teórica inicial desta investigação: o conceito de superestrutura, isto é, um esquema que organiza a macroestrutura do texto. Os três instrumentos da pesquisa foram organizados considerando-se a existência desse modelo esquemático como uma moldura presente na forma representativa, no texto fonte e na produção da notícia. Na seqüência de aplicação dos instrumentos, então, os sujeitos da pesquisa tiveram a oportunidade de comprovar a significação das marcas presentes na moldura da superestrutura selecionada por eles.

Assim, a tabela 4 apresenta todas as informações das marcas da moldura da superestrutura da notícia envolvidas em uma única tabela, considerando o número de identificações em cada uma das etapas.

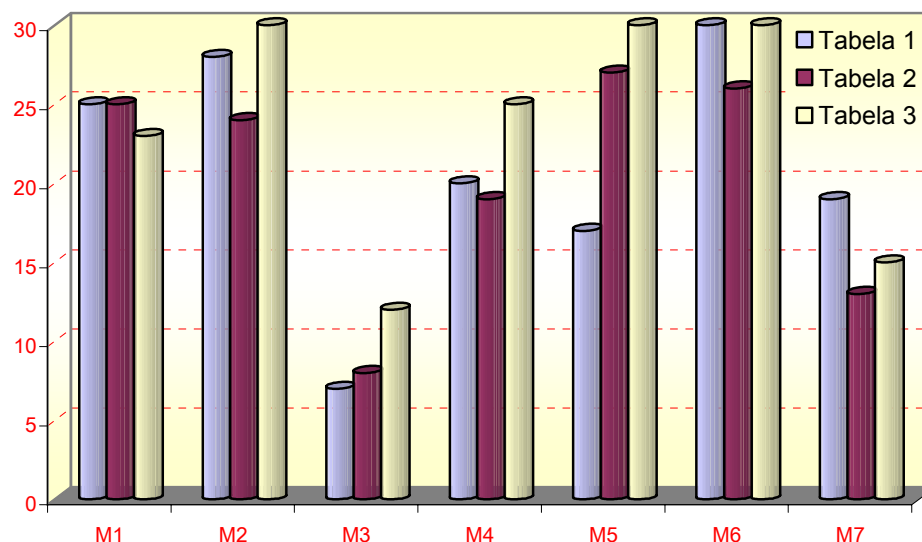
**Tabela 4 – Identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia nas três situações da pesquisa**

Marcas	Tabela 1	Tabela 2	Tabela 3
M1	25	25	23
M2	28	24	30
M3	7	8	12
M4	20	19	25
M5	17	27	30
M6	30	26	30
M7	19	13	15

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** lead; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

A figura 8 apresenta graficamente os dados da tabela 4, possibilitando um comparativo entre as três situações.



**Figura 8 – Identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia nas três situações da pesquisa**

Fonte: Lorí Viali (2006).

Os coeficientes de associação entre os três conjuntos foram calculados e forneceram os seguintes resultados:

(a) Tabela 1 versus Tabela 2

O valor do coeficiente ficou em **0,76**, fornecendo uma associação média entre as duas situações, isto é, entre a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura e a leitura da moldura do texto/fonte (notícia). Uma outra forma seria procurarmos o índice de coincidência médio entre os sete itens, que ficou em 20,3. Isso poderia ser expresso como um índice de coincidência percentual médio de 67,6%.

(b) Tabela 2 versus Tabela 3

Nesse caso, obteve-se um coeficiente relativamente maior, cujo valor é de **0,93**, indicando uma alta associação entre as duas situações: leitura da moldura do texto/fonte e produção de notícia. Aqui o índice médio de coincidências foi levemente menor, ficando em 19,7, com um acerto percentual médio de 65,7%. Deve-se notar que os dois índices não concordam necessariamente, pois avaliam aspectos diferentes. O coeficiente de associação mede quanto dois conjuntos de valores estão alinhados. A média é um representante dos dados que tende a ser ponto de equilíbrio do conjunto.

(c) Tabela 1 versus Tabela 3

A associação entre a situação 1 (leitura da forma representativa da moldura da superestrutura) e a 3 (produção de notícia) revelou um coeficiente de grau médio com valor de **0,73**, sendo o mais baixo das três situações calculadas. Nessa situação, o índice médio de coincidência ficou em 17,7 com uma coincidência percentual média de 59,0%.

Como pudemos observar, as três associações apresentaram valores positivos e significativos, corroborando as hipóteses iniciais da presente pesquisa.

### 5.2.2 Índice de coincidência na identificação de marcas da moldura por um mesmo sujeito diante das três situações da pesquisa

O índice foi definido como a identificação coincidente entre duas situações para o mesmo sujeito. É uma espécie de coeficiente de associação entre duas tabelas, conforme mencionado acima. Eles foram obtidos em valores absolutos e depois transformados em valores relativos (percentuais).

#### (a) Tabela 1 versus Tabela 2

A tabela 5 apresenta a identificação coincidente entre as duas situações: leitura da forma representativa da moldura da superestrutura (tabela 1) e da moldura do texto/fonte (tabela 2). Pode-se observar que o item com o maior índice de coincidência nas duas situações foi o M6 – imagem com legenda e que o item com menor índice foi o M5 – corpo da notícia.

**Tabela 5 – Identificações coincidentes entre a situação 1 e a 2**

Marcas	Valores absolutos	Valores percentuais
M1	22	73,3
M2	19	63,3
M3	19	63,3
M4	22	73,3
M5	17	56,7
M6	24	80,0
M7	19	63,3

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

## (b) Tabela 2 versus Tabela 3

A tabela 6 apresenta as coincidências entre as situações 2 e 3, ou seja, entre a leitura da moldura do texto/fonte e a produção de notícia. Podemos observar que a maior coincidência (80%) ocorreu no item M6, imagem com legenda, e a menor, com 50% de coincidência, ocorreu com o item M3, nome do jornalista.

**Tabela 6 – Coincidências entre a situação 2 e a 3**

Marcas	Valores absolutos	Valores percentuais
M1	18	60,0
M2	21	70,0
M3	15	50,0
M4	21	70,0
M5	23	76,7
M6	24	80,0
M7	16	53,3

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

## (c) Tabela 1 versus Tabela 3

O maior número de coincidências, com 26 ocorrências, entre a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura (situação 1) e a produção de notícia (situação 3), aconteceu com a marca 6, imagem com legenda; o menor número, 12 ocorrências, com a marca 3, nome do jornalista, conforme a tabela 7.



**Tabela 7 – Coincidências entre a situação 1 e a 3**

Marcas	Valores absolutos	Valores percentuais
M1	16	53,3
M2	24	80,0
M3	12	40,0
M4	19	63,3
M5	14	46,7
M6	26	86,7
M7	13	43,3

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

A tabela 8 resume as situações acima, colocando os três resultados em conjunto. Os dados estão em valores percentuais e foram calculados tomando-se como base os 30 respondentes.

**Tabela 8 – Identificação das marcas da moldura da superestrutura em três momentos de análise**

Marcas	T1 e T2	T2 e T3	T1 e T3
M1	73,3	60,0	60,0
M2	63,3	70,0	70,0
M3	63,3	50,0	50,0
M4	73,3	70,0	70,0
M5	56,7	76,7	76,7
M6	80,0	80,0	80,0
M7	63,3	53,3	53,3

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

A figura 9 apresenta graficamente os resultados da tabela 8.

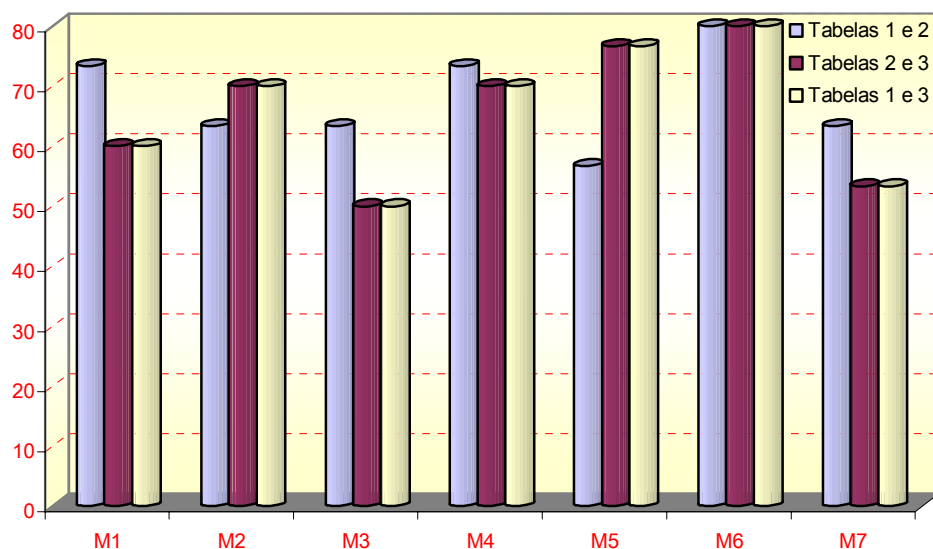


Figura 9 – Coincidências entre os três momentos de análise 1 e 2, 2 e 3 e 1 e 3  
Fonte: Lorí Viali (2006).

A tabela 9 apresenta as coincidências que ocorreram nos três momentos de análise (T1 e T2, T2 e T3, T1 e T3). A marca com menor índice de coincidência foi a três – nome do jornalista – com 10 ocorrências ou 33,3% de identificação nas três situações. A de maior índice de coincidência nas três situações foi a marca 6, imagem com legenda, com 24 ocorrências, ou 80% dos alunos a identificarem nas três situações.

**Tabela 9 – Coincidências entre os três momentos de análise**

Marcas	Valores absolutos	Valores percentuais
M1	15	50,0
M2	19	63,3
M3	10	33,3
M4	18	60,0
M5	14	46,7
M6	24	80,0
M7	11	36,7

**M1:** dados de identificação do jornal; **M2:** manchete; **M3:** nome do jornalista; **M4:** *lead*; **M5:** corpo da notícia; **M6:** imagem com legenda e **M7:** e-mail do jornalista (total de respondentes = 30)

Fonte: Lorí Viali (2006).

### 5.2.3 Correlação entre o nível de consciência lingüística, a identificação e a utilização de marcas da moldura da superestrutura da notícia

No que se refere ao nível da consciência lingüística do grupo, as justificativas apresentadas durante as entrevistas individuais realizadas com os sujeitos revelam claramente a percepção que possuem a respeito da existência de uma moldura como um esquema organizacional para o gênero notícia. As verbalizações, conforme foram apresentadas no capítulo 4, relativo ao tratamento dos dados, confirmam esse fato e comprovam que o nível no qual se encontram os sujeitos está entre a consciência plena (CP) e a pré-consciência (PC).

Diante da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, os sujeitos tiveram que recorrer às pistas presentes nessa forma, isto é, a leitura realizada obedeceu a critérios estabelecidos pelas marcas presentes nessa estrutura. Alguns sujeitos, primeiramente, estranharam a forma do material apresentado; mas, em seguida, buscaram as pistas que os levariam à identificação de “uma forma representativa de uma página de jornal, uma notícia”. Outros, de início, verbalizaram que era “um tipo de texto, dos enes”. Chama-nos a atenção, aqui, não o impacto inicial, mas o processamento de leitura realizado pelos sujeitos da pesquisa: suas incertezas, suas suposições, suas estratégias, suas inferências e suas conclusões. Durante esse processamento é que verificamos quanto o nível de consciência lingüística do grupo foi significativo, representando um percentual de 58,3%, como podemos acompanhar através da tabela 10.

Esse percentual está ligado ao conhecimento dos sujeitos sobre estruturas ou modelos textuais globais. Os sujeitos da pesquisa demonstraram processamento estratégico, levantando hipóteses operacionais eficazes a respeito das marcas da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia. Assim, diante dessa forma, os sujeitos demonstraram a aplicabilidade do intercâmbio de informação visual e não-visual apresentado por Smith (1999).

Como pudemos perceber, as estratégias de leitura representam procedimentos e, como tal, merecem destaque como conteúdos de ensino. Conforme Solé (1998) é preciso ensinar estratégias para compreensão dos textos e o que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Essa foi a prática dos sujeitos da pesquisa, ao enfrentarem os desafios de identificação e reconhecimento de marcas da moldura da superestrutura da notícia. O importante, diante do reconhecimento dessa moldura da superestrutura, foi a possibilidade de descobrirem formas que conduzam a uma melhor compreensão da superestrutura do gênero em estudo.

**Tabela 10 – Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia**

Sujeitos	Pontuação	% da pontuação possível
S1	12	85,7
S2	14	100,0
S3	7	50,0
S4	10	71,4
S5	4	28,6
S6	8	57,1
S7	8	57,1
S8	7	50,0
S9	8	57,1
S10	9	64,3
S11	5	35,7
S12	11	78,6
S13	7	50,0
S14	9	64,3
S15	8	57,1
S16	9	64,3
S17	10	71,4
S18	10	71,4
S19	5	35,7
S20	4	28,6
S21	5	35,7
S22	10	71,4
S23	7	50,0
S24	6	42,9
S25	9	64,3
S26	8	57,1
S27	7	50,0
S28	10	71,4
S29	4	28,6
S30	14	100,0
Total	245	58,3

Fonte: Lorí Viali (2006).

De acordo com os critérios estabelecidos, o nível de consciência lingüística dos sujeitos variou de um mínimo de 4 (28,6%) pontos a um máximo de 14 (100%) pontos ao identificarem as marcas da moldura da superestrutura na forma representativa da moldura. O valor médio ficou em 8,2 pontos ou, considerando-se os valores percentualmente, o percentual médio foi de 58,3%, conforme figura 10.

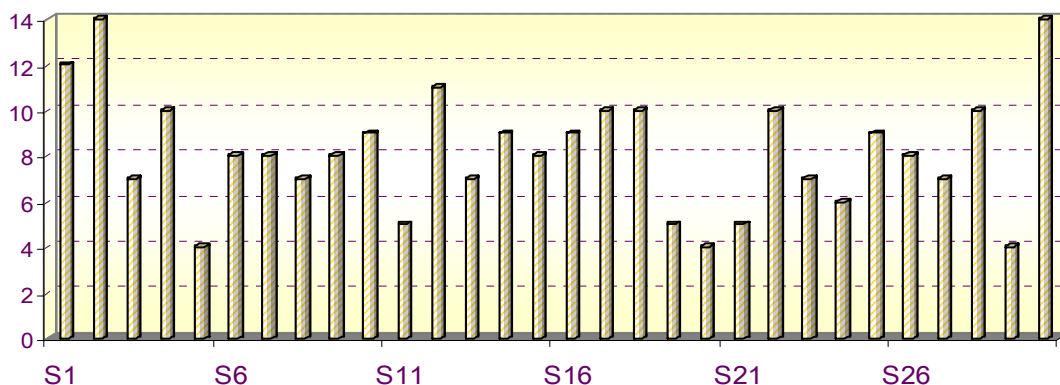


Figura 10 – Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia

Fonte: Lorí Viali (2006).

Também no decorrer da leitura da moldura do texto/fonte (notícia), a classificação do grupo, na escala de consciência lingüística, como apresentando consciência plena e pré-consciência, foi fator determinante para os altos percentuais alcançados pelos sujeitos no reconhecimento de algumas marcas presentes na moldura da superestrutura da notícia (dados de identificação do jornal com 83,3%, corpo da notícia com 90,0%, imagem com legenda com 86,7%). A consciência lingüística era percebida quando, por exemplo, surgiam verbalizações como “é um texto jornalístico porque contém todos os aspectos necessários que uma notícia tem que ter em suas folhas; não é um texto comum”. Nesse momento, evidenciava-se claramente como o *input* era processado pelo sujeito da pesquisa, através da consciência lingüística.

Durante a terceira situação da pesquisa, ou seja, a produção de uma notícia pelos sujeitos, foi possível constatar a correlação entre leitura e escritura porque verificamos um alto percentual na utilização das marcas da moldura da superestrutura. Três marcas, em especial, obtiveram o percentual máximo: manchete, corpo da notícia e imagem com legenda. Os dados de identificação do jornal receberam 76,7% e o *lead* atingiu 83,3%. O nome e o e-mail do jornalista alcançaram respectivamente 40% e 50%. Pelos percentuais dessas marcas, concluímos que os sujeitos da pesquisa têm a consciência lingüística do conjunto de marcas que constituem a forma convencional da notícia e são capazes de ativá-la no momento da escritura.

## 6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são discutidos os principais aspectos dos resultados deste estudo. São apresentadas algumas razões possíveis e plausíveis que justificam os dados obtidos nesta pesquisa. Inicia-se esta discussão com a abordagem dos principais aspectos cognitivos que estão envolvidos na leitura e que, de certa forma, influenciaram a identificação, o reconhecimento e a produção do gênero notícia, apontados pelos dados estatísticos da pesquisa. Logo a seguir, comentam-se os fatos mais relevantes referentes à consciência lingüística dos sujeitos da pesquisa e suas implicações no desempenho como leitores e produtores de notícia. Em seguida, avaliam-se alguns fatores sociocomunicativos que influenciaram o estudo em questão.

### 6.1 ASPECTOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NA LEITURA

Os coeficientes de associação, levantados estatisticamente, entre as três situações da pesquisa – leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, leitura da moldura do texto/fonte e produção de uma notícia - levam-nos a indicar que aspectos cognitivos são considerados e confirmam o índice de certa regularidade presente nessa situação. De acordo com os dados estatísticos, há uma associação média entre a tabela 1 (forma representativa da moldura da superestrutura da notícia) e a tabela 2 (texto/fonte); uma alta associação entre a tabela 2 (texto/fonte) e a tabela 3 (produção da notícia) e um coeficiente menor de associação, mas ainda assim de grau médio, entre a tabela 1 (forma representativa da moldura da superestrutura da notícia) e a tabela 3 (produção de notícia). Da mesma forma, o índice de coincidência na identificação de marcas da moldura por um mesmo sujeito entre duas situações também confirma uma regularidade, pois as marcas mais e menos destacadas (imagem com legenda e nome do jornalista) são coincidentes nas três situações.



Iniciamos os pressupostos teóricos desta pesquisa tratando da concepção de texto e de forma representativa da moldura, destacando entre os teóricos estudados Van Dijk (1977) com a noção de superestrutura. Neste momento, torna-se extremamente oportuno voltarmos a esse conceito, pois representa o primeiro passo para o entendimento da leitura como processo cognitivo diante do que nos propusemos: analisar as marcas da moldura da superestrutura da notícia. Dessa forma, as coincidências estatísticas apontadas no parágrafo anterior confirmam a visão de Van Dijk, da década de 70, em que o conceito de superestrutura textual foi desenvolvido como um esquema cognitivo que encerraria os elementos essenciais da caracterização de um texto, pois os sujeitos confirmaram a existência de uma moldura da superestrutura do gênero notícia através das coincidências apresentadas.

A idéia da superestrutura também nos remete a outros aspectos cognitivos da leitura: o papel da memória e o conhecimento prévio. Essa identidade de texto, organizada a partir de determinadas marcas ou esquemas textuais na memória dos sujeitos da pesquisa, foi ativada no momento da leitura da forma representativa da moldura da superestrutura e, também, durante a produção da notícia. Pelos dados estatísticos apresentados, fica-nos a certeza de que a ativação da moldura da superestrutura representou um facilitador e um organizador para os sujeitos da pesquisa, porque recordaram marcas importantes e as utilizaram no momento de suas produções. A idéia de recordação leva-nos às considerações teóricas de Poersch (2001) sobre o paradigma cognitivo baseado nos achados da neurociência conexionista. Cabe, aqui, retornarmos aos índices de coeficientes de associação entre as três situações da pesquisa, pois acreditamos que os resultados obtidos estejam ligados, também, a esses dois fatores: o papel da memória e, principalmente, a referência de Poersch (2001) a respeito do conexionismo, cuja idéia central é de que o cérebro processa informações usando redes neuronais. Assim, compreendem-se os índices apresentados nas referidas associações: o maior índice foi justamente entre a análise do texto/fonte e da produção da notícia, pois os sujeitos já haviam passado pela experiência de analisarem a forma representativa da moldura da superestrutura da notícia e compará-la com o texto/fonte, facilitando a ativação da memória e o reforço das sinapses. Como a aplicação dos instrumentos obedeceu a uma ordem (forma representativa da moldura, moldura do texto/fonte e produção de notícia), cada sujeito pôde identificar ou reconhecer determinadas marcas da moldura da superestrutura, apercebendo-se do papel da memória

de longo prazo, guardando e recordando, estabelecendo inter-relacionamentos de dados, conforme apontou Smith (1989); fazendo parte da sua “armação sustentadora” do gênero, como denominou Kleiman (2000).

Não podemos, contudo, deixar de mencionar o papel significativo do conhecimento prévio nesse momento, pois, se os sujeitos não possuísem o conhecimento pertinente, não teriam condições de identificar ou reconhecer a moldura da superestrutura da notícia. Dessa forma, conforme aponta Kleiman (1999), o sujeito da pesquisa utilizou, no decorrer de sua leitura, o que ele já sabia em relação ao conhecimento lingüístico, ao conhecimento textual e ao conhecimento de mundo relativos ao gênero notícia, como constatamos na seguinte verbalização: “tem várias coisas, coisas técnicas, coisas entre parênteses, porque pra ser um texto jornalístico tu não pode escrever tudo que tu quer, se não fica muito grande”. Também os conhecimentos paralingüísticos, descritos por Camps e Colomer (2002), foram ativados e utilizados como facilitadores na organização das informações recebidas através das marcas da moldura da superestrutura da notícia como, por exemplo, a distribuição do corpo da notícia em colunas. Nesse momento, os sujeitos reconheceram essa convenção como um elemento tipográfico determinante do gênero em estudo: “a maneira de como o texto é feito. Ele não ocupa toda a página. Ele é um texto estreito”.

É interessante percebermos que os sujeitos da pesquisa, ao sentirem-se desafiados com a leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, buscaram estratégias cognitivas para resolver esse desafio, demonstrando tranqüilidade no momento em que necessitaram valer-se de outras estratégias no percurso de suas leituras, pensando, descobrindo pistas e novos caminhos. Isso confirma a proposição de Kato (1999) de que as estratégias metacognitivas (conscientes) ocorrem, por exemplo, quando o leitor sente alguma falha em sua compreensão e, da mesma forma, de Solé (1998) ao referir-se à idéia de que o que caracteriza a mentalidade estratégica do leitor é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções.

Por ocasião da leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, exigiu-se dos sujeitos uma estreita relação entre os dois tipos de informação – visual e não-visual – apontados por Smith (1999) a ponto de tornarem-se complementares. O mesmo autor, diante dessa situação, aponta que o cérebro necessita de um tempo para o processamento da informação e esse tempo está relacionado ao número de alternativas que

o cérebro tem para escolher diante de determinada informação. Dessa forma, os sujeitos que demonstraram possuir mais informação não-visual a respeito do gênero notícia tiveram maior rapidez na identificação das marcas da moldura da superestrutura; aqueles que necessitaram mais da informação visual, baseada na decodificação, levaram mais tempo e, algumas vezes, não chegaram a identificar certas marcas.

O contrato cooperativo, apresentado por Smith (1983), vem, no nosso entendimento, a ratificar o empreendimento que os sujeitos da pesquisa se dispuseram a realizar durante a análise dos instrumentos, pois tiveram de encontrar as pistas presentes na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia para chegar ao texto/fonte, da mesma forma que se preocuparam em utilizar determinadas marcas dessa moldura da superestrutura ao produzirem suas notícias, uma vez que seriam lidas por outros leitores e estariam inseridas no gênero textual em estudo.

## 6.2 INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA LINGÜÍSTICA NA LEITURA E NA ESCRITURA

Em relação à influência da consciência lingüística na leitura e na escrita constatamos, de acordo com Poersch (1998), que o processo de conscientização constitui um *continuum*, que vai do totalmente inconsciente, passa por níveis que denotam pré-consciência, um simples dar-se conta e chega ao nível da consciência plena, tendo a possibilidade de explicitar e monitorar determinada atividade.

Os sujeitos da pesquisa demonstraram um nível médio (58,3%) de consciência lingüística ao se depararem com o desafio de identificação do gênero textual através da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia. Esse fato vem a corroborar a explicitação acima, de Poersch, pois tivemos sujeitos que se encontravam nos três níveis: alguns não identificaram as marcas, portanto foram inconsistentes; outros chegaram ao nível de pré-consciência, tendo a sensibilidade de dar-se conta das marcas, mas não de falar a respeito das mesmas; também houve aqueles que demonstraram consciência plena, identificando e justificando o porquê de cada marca.

Kato (1999) e Kleiman (2000) também colaboram para o entendimento da questão levantada anteriormente ao se referirem às estratégias de processamento da leitura: cognitivas (inconscientes) e metacognitivas (conscientes). Novamente os sujeitos da pesquisa demonstraram a flexibilidade necessária entre agir de forma inconsciente para atingir o objetivo de identificar as marcas do gênero notícia e realizar operações conscientes com o mesmo objetivo em mente.

Dessa forma, no que se refere ao nível de consciência lingüística do grupo, as justificativas apresentadas nos protocolos verbais, como instrumento posterior à análise da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia e como instrumento posterior à análise da moldura do texto/fonte, revelam claramente a percepção que os sujeitos têm das marcas identificadoras do gênero notícia. Como o índice coloca os sujeitos entre o nível de consciência plena e pré-consciência, fica-nos, como pesquisadores da língua e como profissionais de língua materna, a responsabilidade de oportunizar aos alunos atividades que propiciem o uso de estratégias, de previsões, enfim, de construção de hipóteses que possam ser confirmadas meta e cognitivamente. É necessário termos a clareza de que a variável da consciência lingüística mostrou-se constante no grupo de sujeitos; portanto, quando houve falha na identificação de determinada marca, outros fatores, como o conhecimento prévio ou a falta de habilidade para relacionar os fatos entre si, interferiram nesse reconhecimento.

Esse nível de consciência lingüística representativo do grupo da pesquisa atendeu à expectativa levantada pelas hipóteses de pesquisa, demonstrando ser esse o caminho para o ensino da leitura integrado com a escrita. Apesar da complexidade, pelas exigências para o processamento adequado da leitura e da escrita, os sujeitos mais conscientes lingüisticamente foram aqueles que se destacaram como leitores maduros e como produtores conscientes e criativos.

### 6.3 INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIOCOMUNICATIVOS NA LEITURA E NA ESCRITURA

Não poderíamos deixar de abordar questões sociocomunicativas, primeiramente, pelo fato de acreditarmos, assim como Kato (1999), que texto é uma unidade funcional, isto é, uma unidade de comunicação. A autora define que o modelo de leitura advindo dessa concepção é aquele que considera a leitura como um ato de reconstrução dos processos de sua produção. Nessa perspectiva, ao lerem o texto/fonte, os sujeitos da pesquisa precisaram pensar no processo de produção daquela notícia e, necessariamente, isso passou pela análise das marcas que foram consideradas significativas na identificação do gênero. Quando um aluno verbaliza *Isso é pro leigo saber o que está dizendo* ou *É pra esclarecer o que virá depois com detalhes*, está explicitando claramente que reconhece que houve uma preocupação funcional no momento da produção da notícia. Por estarmos tratando de um modelo esquemático representativo de um gênero textual, a situação comunicativa de produção e recepção do texto é sempre levada em consideração, como afirma Marcuschi (2005), pois os alunos tiveram de integrar os critérios de ação prática, de circulação sócio-histórica, de funcionalidade, de conteúdo temático e de composicionalidade para chegarem à identificação e à utilização da moldura da superestrutura da notícia. Essa integração foi possível porque, conforme exposto no item anterior, o universo dos sujeitos possui um bom nível de consciência lingüística (58,3%), o que pode ser visto como um facilitador: a superestrutura do gênero notícia pôde ser ativada mediante as inter-relações estabelecidas entre todos os fatores mencionados.

A concepção de Orlandi (1999) a respeito da leitura de um texto, apresentada no capítulo 1 desta dissertação, segundo a qual não lemos os mesmos gêneros da mesma forma, também merece destaque neste momento. Os procedimentos adotados pelos sujeitos ao produzirem suas notícias explicitam essa situação, no momento em que houve uma preocupação real quanto à diagramação da notícia no laboratório de informática: “preciso colocar em colunas, pra ficar mais claro”, “a imagem acompanha o texto e diz alguma coisa”. Esses exemplos tornam-se significativos porque sabemos que outros gêneros também apresentam a complementaridade entre texto verbal e não-verbal, no entanto, para

a superestrutura da notícia, essas marcas são características prévias e determinantes para o gênero e, conseqüentemente, para o tipo de leitura.

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa demonstraram que a leitura depende de uma série de fatores lingüísticos e extralingüísticos, sendo algo muito mais complexo que a decifração de um suposto sentido literal. Todo conhecimento de mundo dos sujeitos, de situação sociocomunicativa, esteve presente nos procedimentos adotados no decorrer da pesquisa, seja no processamento da leitura ou no processamento da escritura.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo principal verificar a relação entre leitura e escritura no que se refere à identificação e à utilização de marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia. Além disso, propôs-se a investigar o nível de consciência lingüística do grupo por ocasião da identificação das marcas presentes na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, já que a consciência lingüística significou fator determinante nessa identificação da composicionalidade do gênero em estudo, conforme Anexo F.

O suporte teórico foi baseado principalmente em obras de autores como Van Dijk (1977), Orlandi (1999), Smith (1989/1999), Kato (1999), Travaglia e Koch (2000), Solé (1998), Kleiman e Moraes (1999), Kleiman (2000), Camps e Colomer (2002), Marcuschi (2005) e Poersch (1998/2001), que examinam, pertinentemente, os diferentes aspectos envolvidos no processamento da leitura e da escritura e na configuração da superestrutura da notícia, além das questões relacionadas à consciência lingüística, que também são abordadas pelos referidos autores.

Os instrumentos utilizados foram elaborados com o objetivo de investigar de que modo o conhecimento das marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia revela-se na leitura e na escritura. Dessa forma, a natureza dos instrumentos, assim como a seqüência adotada na aplicação dos mesmos, visou a possibilitar esse conhecimento. A forma representativa da moldura da superestrutura foi a armação sustentadora do gênero, compreendendo todas as marcas necessárias e presentes no texto/fonte como determinantes de uma notícia (dados de identificação do jornal, manchete, nome do jornalista, *lead*, corpo da notícia, imagem com legenda e e-mail do jornalista ). As entrevistas individuais tiveram finalidades bastante específicas: coletar os dados necessários para mensurar a consciência lingüística do grupo ao identificar as marcas da forma representativa da moldura da superestrutura e verificar quais marcas seriam reconhecidas na moldura do texto/fonte, tratando-se do gênero notícia.

Os resultados validaram as hipóteses levantadas no início da pesquisa, mostrando uma correlação entre os dois processos estudados, ou seja, leitura e escrita, pois observamos que os sujeitos da pesquisa utilizaram as marcas da moldura da superestrutura identificadas no decorrer da leitura no momento da escrita, demonstrando uma associação média de 0,76 (em relação à forma representativa da moldura e ao texto/fonte), uma alta associação 0,93 (em relação ao texto/fonte e à produção da notícia) e uma associação média 0,73 (em relação à forma representativa da moldura e à produção da notícia).

A mensuração do nível de consciência lingüística (58,3%) do grupo de sujeitos foi outro indicativo importante na pesquisa, porque representou um nível de consciência entre o estágio de consciência plena e pré-consciência, sinalizando que o caminho para o ensino de língua materna, em especial para o ensino de leitura e de escrita, deverá prever procedimentos que propiciem esse pensar a respeito da linguagem, através de atividades de leitura e de escrita que sejam significativas.

Em relação ao grupo de sujeitos, o gênero textual trabalhado (notícia) já era de conhecimento do universo dos alunos envolvidos na pesquisa, visto fazer parte do conjunto de textos do seu cotidiano escolar. Há trabalho de leitura e de escrita desenvolvido a partir das mais variadas notícias de interesse da faixa etária dos sujeitos, o qual está embasado na concepção teórica presente no núcleo comum do conhecimento da escola em que estudam. Norteadas pela análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a referida escola preocupou-se com a organização do eixo de produção textual, diversificando os gêneros trabalhados nas diferentes séries do Ensino Fundamental e Médio. Na 6ª série, dentro dessa diversidade, uma das ênfases está na leitura e na produção de notícias.

Analisando-se os resultados obtidos, a forma de pensar dos sujeitos, através das suas verbalizações, constitui-se a certeza de que muitos aspectos estão envolvidos na leitura e na escrita de textos. Uma das conclusões possíveis, mediante esses resultados, é a necessidade de um trabalho sistemático com gêneros textuais, sendo prioridade revisitarmos as nossas concepções de leitura e de escrita, pois, por muito tempo, acreditou-se que o professor deveria trabalhar com as idéias, ou seja, com o assunto do texto a ser lido ou produzido pelo estudante, deixando de analisar a moldura da superestrutura de cada gênero textual. Solicitava-se ao aluno que escrevesse uma notícia, só



para citar um exemplo, e o estudante sabia o que dizer, mas não como fazê-lo, uma vez que não havia sido trabalhada a moldura da superestrutura desse gênero. Não podemos esquecer que um texto é um todo significativo que comunica algo ao leitor, que interage com ele no momento da leitura e da construção de sentido; do mesmo modo, devemos ter clareza de que todas as marcas (pistas) presentes em um texto são importantes e complementares para a compreensão do mesmo.

É necessário, conforme afirma Smith, na sua obra “Compreendendo a Leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler”, acreditarmos que o tipo de mudança que fará diferença nas escolas não virá com melhores teorias ou com melhores materiais, ou mesmo com professores melhor informados, mas somente com os indivíduos assumindo uma ação em direção à mudança. O “Clube de Alfabetização”, tão bem delimitado pelo referido autor, já representa, na sua concepção, um início promissor para essa mudança, se encararmos a junção necessária entre o “ler como escritor e o escrever como leitor”, inter-relacionando os dois processos que, infelizmente, ainda encontram-se dissociados no âmbito escolar.

É importante, ainda, mencionar que a presente pesquisa não esgota o assunto abordado, dada a complexidade dos processos aqui envolvidos: leitura e escritura. Serve, no entanto, de referência para que novos estudos a respeito da relação entre leitura e escritura, no que se refere à identificação e à utilização de marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia, sejam realizados, aprofundando outros aspectos do tema, como, por exemplo, as relações entre a microestrutura, a macroestrutura e a superestrutura. Igualmente, poderá servir de referência para estudos de outros gêneros textuais, uma vez que haverá tantas superestruturas quanto gêneros textuais circundantes em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da Identidade de textos**. Florianópolis: Insular, 2002.

BORTOLI, Lúcia Helena de. **Leitura: os nós da compreensão**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BROWN, A. L. Metacognitive Development and reading. In: SPIRO, J.; BRUCE, B.; BREWER, W. (Eds.). **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey: Hillsdale, 1980.

COLOMER, T. e CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. São Paulo: Artmed Editora, 2002.

DIJK, T. Van **Gramáticas textuais e estruturas narrativas**. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. V. **Linguística textual: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na leitura: um modelo psicolinguístico transacional. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 26, n. 4, 1991.

KATO, Mary. **A concepção da escrita pela criança** (Org.). 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, Ângela; MORAES, Sílvia. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6. ed. Campinas: Pontes, 1999.

KOCH, Ingedore G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1998.

LOPES-ROSSI, Maria A. G. A produção de texto escrito na escola a partir de gêneros discursivos. In: SILVA, E. R. da. (Org.). **Texto e ensino**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Recife, UFPE/ Mestrado em Letras e Linguística, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In PAIVA, Ângela et al, **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. São Paulo: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

ORLANDI, Eni P. (Org.). **A leitura e os leitores**. São Paulo: Pontes, 1998.

PAIVA, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

POERSCH, José M. et al. Contribuições do paradigma conexcionista na obtenção do conhecimento lingüístico. In: LAMPRECHT, Regina R., **Anais do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

POERSCH, José M. Implicações da consciência lingüística no ensino-aprendizagem da linguagem. In: **Actas do 5º Congresso Internacional de Psicolingüística Aplicada**. Porto Alegre: ISAPL, 1998.

\_\_\_\_\_. Como pode a psicolingüística tornar-se arte? In: POERSCH, José M. (Org.). **Psicolingüística**: ciência e arte. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. Por um nível metaplícito na construção do sentido textual. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 86, 1991.

\_\_\_\_\_. Novas direções nas pesquisas sobre a associação leitura/escritura: à guisa de apresentação. **Letras de Hoje**: Porto Alegre, v. 28, n. 4, dez. 1993.

\_\_\_\_\_. A leitura como fonte de saber lingüístico: processos cognitivos. **Letras de Hoje**: Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 401-407, set. 2001.

POERSCH, José M. A succession of reading and writing activities. Psycholinguistics as a multidisciplinary connected science. Proceedings of the 4th ISAPL International Congress, p. 23-27, jun.1994. In: **Contento, Cesena**: II Ponte Vecchio, p. 66-70,1996.

POERSCH, José M.; AMARAL, Marisa Porto do. Como as categorias textuais se relacionam com a compreensão em leitura. **Veritas**, v. 35, n. 1333, 1989.

POERSCH, José M.; MUNEROLI, Alda Nivete Oliveira. O leitor como intérprete das pistas que o escritor insere no texto: a leitura oral expressiva. **Letras de Hoje**: Porto Alegre, v. 28, n. 94, p. 9-24, dez.1993.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Irmão José Otão. **Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações**. Porto Alegre, dez. 2005. Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca>. Acesso em 20 nov. 2006.

ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC: Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROSSA, Adriana; ROSSA, Carlos. (Orgs.). **Rumo à psicolinguística conexionalista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Tradução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

\_\_\_\_\_. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

\_\_\_\_\_. Reading like a writer. **Language arts** (Urbana: National Council of Teachers of English), vol. 60, n° 5, p. 627-643, maio de 1983.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TEBEROSKY, Ana et al. **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; KOCH, Ingedore G. V. **Texto e coerência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gramática ensino plural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VIGOSTKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2005.

ANEXO A – Forma representativa da moldura da superestrutura da notícia

*NN NNNN NNNN > NNNNNNN / NN / NNNNNNN / NNNN*

**Nnnnnnnnn**

**N nnnnn Nnnnnn nn nnnnn nnnnnnnnnnn**

Nnnnnnn Nnnnnn

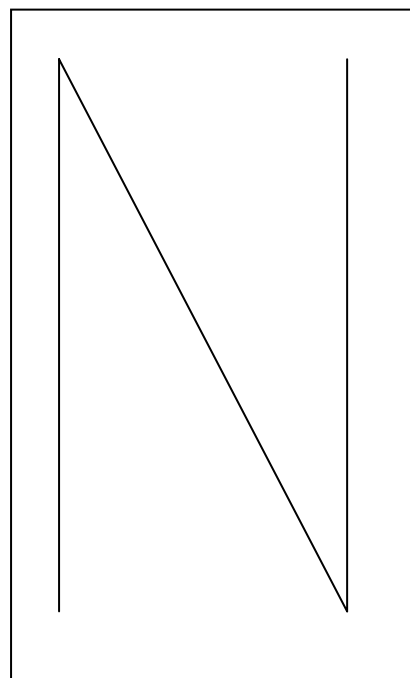
**N** nnnnnnnnn nn nnnnn nnnnnnn nn  
Nnnn nn Nnnnnnn: nnnn nnnnnnn nn-  
nnnnnn nn nnnnnnnnnnnnnnn nn nn nn  
nnn, nnnnnnn nn nnnnnnnnn nn nnnnn  
nn nnnnnnnnnnn n nnnnnnn nnnnnnn.

Nnn Nnnnnnn Nnnn n Nnnnn Nnnn  
nnn nnnnn, nn nn nn nnnnnnnnn nn  
nnnn: nnnn nn nn nnnnnnnnnnn nnnnn  
nnnnnnnnnn nnnn nnnnnnnnn nn nnnn  
Nnnn Nnnn.

**N** nnnnnnnnnnnnn nn n nnnnnnn nn  
nn nnnnn nn nnnnnnnnnnnnnnn, n  
nnnnnn nnnnnnn n nnnnnnn nnnnn nn, nn  
nnn nnnnn nn nnnnnnnnnnnnnnn. Nnn  
nnnnnnnn nn nn nnnnn nn nn nnnn nnnn,  
nnnn nn nnnnnnnnn nn nn Nnnnn Nnnnn,  
nnnnnn – n nnnnn! Nnnn nnnnn nnnnn.

Nnnnnnn n nnn.nnnnnnn.nnn nn nn n  
Nnnnn nn NNN: “nn nnnnn” nn nnnnnnn  
nnnn (nnnn nnnnn). Nnnnnnn nn nnnnn,  
nnnnnn nnnn nnnn nn nn, nnnnn.

- N nnnnnnnnn nn nnnnn nn nnnnn n  
nnnnnn nnnn nn nn nnnnn. Nnnnnnn nn  
nnnnnnnn nn nn- nnnn nnnnnnn nn nnnnn  
nnnnnn NNNNN, Nnnnnnnnn Nnnnn.



Nnnnn (N) n Nnnnn, nnnnnnnnn nn nnnnn

Nnnnnnn nn nnnn *Nnnnn Nnnnnnnnn* nn  
nnnn nnnnnnnnn nn nn n nnnnn nnnnnnn, nn  
Nnnnnnn nnnnnnn nn nn nn Nnnnnnn nn  
Nnnnnnn nn nn nnnnnnnnnnn, nnnnn nnnnnnnnn-  
nnnn nnnnnnn nn nnnnnnn nn nnnnnnn nn.

- Nnnnnnn nnnnnnnn nn nn nnnnnnnnnnn  
nnnn nn nnnnn n nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnn.

ANEXO B – Entrevista para verificação da consciência lingüística do aluno em relação a identificação das marcas na forma representativa da moldura da notícia

Entrevista Sujeito 1

P – Olhando este material aqui, tu consideras que isto é um texto?

S1 – Na verdade é uma reportagem de jornal, uma entrevista por causa da estrutura. Dentro dessa reportagem tem os aspectos que a gente pode dizer que é um texto. Tem como e quando, tem os capítulos, mas não é um texto convencional.

P – Não é um texto convencional, mas o que está faltando para ser um texto convencional?

S1 – Não sei se está faltando. É que um texto convencional é uma história, tem uma estrutura diferenciada. Aqui tem uma manchete, que a gente vê no jornal, tem uma legenda, margem e não é um texto grande. São pequenos parágrafos que indicam uma coisa mais resumida.

P – Quer dizer que isso aqui representa uma estrutura ?

S1 – Isso, como se fosse uma folha de jornal por exemplo. Aqui tem frases, aqui é como se fosse uma introdução (apontando para as marcas presentes na moldura do texto).

P – Certo, mas antes de entrar nos aspectos que estão te chamando a atenção do por que isso representa uma folha de jornal, preciso te fazer uma outra pergunta. Tu conseguirias ler esse material? Para saber do que trata essa folha de jornal?

S1 – Do jeito que tá? Não.

P – Então o que está faltando para ser um texto?

S1 – Tá faltando as outras letras pra identificar mais a estrutura. O texto tem palavras e daí tu vai formando as frases e quando tu junta tudo forma um texto.

P – Bem tu já conseguiste me dizer que isso não é um texto mas representa uma estrutura de um texto. Também conseguiste me dizer que é a estrutura de um texto...(neste momento o sujeito entrevistado completa a frase)

S1 – Jornalístico.

P – Agora aponta no material que marcas, o que tu encontras aí para me dizer que isso é um texto de jornal.

S1 – Primeiro aqui tem uma foto e vem com a legenda embaixo.

P – Por que aqui é uma foto?

S1 – Porque quando a gente lê jornal sempre tem uma forma parecida com essa folha. E as imagens sempre vêm com uma legenda explicando o que é, vem dizendo o assunto do texto.

P – E o que mais?

S1 – Aqui tem o nome do jornalista que escreveu, um e-mail. Nos jornais tem que ter o nome pra algum contato. Se tu quer mandar alguma sugestão ou crítica pro jornal daí tem como se comunicar.

P – E o que mais tem aqui pra dizer que isso é um e-mail?

S1 – Tem o arroba.

P – Que outra marca consideras importante?

S1 – Tem uma manchete com um título e um subtítulo que normalmente tu não encontra num texto convencional. Mas numa reportagem jornalística tu sempre encontra. Tem um título e o subtítulo e a manchete mais em cima.

P – E a manchete tem alguma outra questão que te chamas a atenção?

S1- Normalmente tá em negrito, vem com letra maiúscula. É uma coisa que chama bastante a atenção do leitor.

P – Aponta então onde estão o título e o subtítulo, e o que são estas marcas aqui (referindo-se aos dados de identificação da página- data,número da página,ano, nome do jornal)?

S1 – É tipo uma apresentação. Tá dizendo o nome do jornal, a data o número da página.

P – São alguns dados do jornal?

S1 – Sim, são os dados mais específicos do jornal.

P – E dentro do texto tem alguma outra marca que tu achas que tem alguma semelhança?

S1 – Acho que está bem dividido em vários parágrafos, por assunto. Tudo trata do mesmo assunto mas dentro do mesmo assunto tu pode buscar sub-assuntos. Aqui em negrito também pode ser um fato que aconteceu que chame muita a atenção ou também uma apresentação ou introdução sobre um assunto. Pro leitor, pro leigo, pro leitor leigo que quando pega um jornal quer saber do que está falando.

P – Então esse texto aqui em negrito seria como um resumo do que será tratado depois?

S1 – É um resumo do que trata a reportagem, a notícia, no caso.

P – E o texto principal da notícia estaria onde aqui nesse material?

S1 – O texto seria embaixo do resumo e da imagem. É a parte mais técnica do assunto. Aqui é o resumo pro leigo ler, como uma preparação e depois vem a notícia.

P – Mesmo não tendo palavras aqui, tu consegues identificar essa estrutura como sendo um jornal?

S1 – Também porque o jornal é um meio de informação que muitas pessoas lêem, eu leio às vezes. E é muito comum os aspectos como manchete, matérias com fotos, os sinais de pontuação, algumas expressões entre aspas, parênteses, letras maiúsculas, palavras sublinhadas também. Tudo são coisas necessárias no jornal. Os dados específicos do jornal.

### Entrevista Sujeito 2

P – Vou pedir que tu analises este material. Tu consideras que isto é um texto ?

S2 – Depende. Eu não vejo nenhum sentido aqui, mas eu acho que na língua dos “enes” seria um texto.

P – Então se não tem sentido é por que está faltando alguma coisa pra que desse sentido pro texto, o que seria?

S2 – Palavras, frases. Mas isso tem toda a organização de um texto.

P – Por que isso tem toda a organização de um texto?

S2 – As frases são formadas, tem os parágrafos bem formados e isso parece uma notícia de jornal também.

P – E por que isso parece uma notícia de jornal? Tu falaste que isso não é um texto porque estão faltando palavras. Tenta apontar neste material que pistas, que marcas te levam a identificar que isso é uma notícia de jornal.

S2 – O título, o olho do texto( tipo um resumo), tem uma imagem e o resto do texto depois do olho. E aqui é parecido com as folhas que tem no jornal com o número da página, geralmente tem no alto.

P – Então onde está o título? (neste momento o sujeito aponta a manchete) E o que te chama a atenção pra dizer que ali é o título?

S2 – Tá em negrito e bem grande.

P – Depois do título o que te chamou a atenção?

S2 – O nome da pessoa que escreveu o texto.

P – Como é que tu chegaste a essa conclusão?

S2 – É que geralmente nas notícias depois do título tem o nome da pessoa que escreveu.

P – E depois do nome da pessoa que escreveu ... ( a pesquisadora é interrompida pela verbalização imediata do sujeito).

S2 – Vem o olho da notícia.

P – O que vem a ser o olho da notícia pra ti?



S2 – É a parte que mostra, mais ou menos, como a notícia vai ser ou os passos.

P- Então tem a manchete, o nome, o olho...( mais uma vez o sujeito completa a proposição).

S2 – E depois o texto. O olho geralmente vem em negrito e depois começa o texto.

P – Então a diferença é que o olho está em negrito e o texto não. Existe alguma diferença mais?

S2 – Não, tá organizado em parágrafos igual, só que o texto começa com uma letra maior. (chamando a atenção do N que inicia o corpo da notícia).

P – Depois do texto o que aparece mais?

S2 – Tem a imagem e um e-mail de quem escreveu.(apontando para as duas marcas).

P- Por que ali te leva a pensar que é uma imagem?

S2 – Geralmente as imagens estão num quadro e embaixo tem uma descrição da imagem.

P- E sobre o e-mail? O que o identifica?

S2 – O arroba.

P- E na parte de cima o que tinhas identificado?

S2 – O número da folha, aqui como se fosse o caderno, tipo economia, gente, mundo, seria a parte do jornal em que se encontra a notícia.

P- Mais alguma pista que identifica este material como sendo uma notícia?

S2 – Aqui tem a fala de uma pessoa, de um entrevistado(observando o corpo da notícia).

P- Por quê ?

S2 – Tem um travessão que identifica uma fala e tem um outro traço que mostra quem seria falando.

P- Bom, no início da nossa conversa tu falaste que poderia ser, na linguagem dos “enes”, um texto, mas não é. Identificaste toda a organização da página como se fosse uma notícia. Tu achas que é importante essa organização pra poder identificar ?

S2 – Sim, se não fica tudo confuso e não conseguiríamos saber o que é.

P- Tem sentido então estas marcas para identificar que é uma notícia?

S2 – Sim.

P – Por que? Tu achas que em outros textos seriam outros tipos de marcas? Eu não poderia dizer que isso aqui é um poema ou uma letra de música?

S2 – Não, porque tem marcas bem específicas da notícia.

### Entrevista Sujeito 3

P – Vou pedir que tu analyses este material. Tu consideras que isto é um texto ?

S3 – Ele representa....não, ele é um texto.

P- Por que ele é um texto?

S3 – Ele tem parágrafos definidos, tem letras maiúsculas e minúsculas e pontuação.

P- E tu conseguirias ler o que está escrito aí?

S3- Não porque tá tudo com “enes”. Como se estivesse decodificado.

P- Parece um código, é isso? Então se tu não consegues ler, tu achas que ele é realmente um texto?

S3 – Talvez.... eu acho que mudei de idéia. Ele representa um texto.

P- Mas por que tu mudaste de idéia?

S3- É que olhando bem ele tem letras, no caso o “ene”, que tá representando letras que seriam mesmo o texto.

P – Daí tu poderias ler? É isso? E então que texto ele poderia estar representando?

S3- Pode ser de revista ou de jornal. Acho que é mais de jornal porque lá em cima podia ser data, um título, aqui tem uma figura e tem uma legenda.

P- Vamos tentar ver se é revista ou jornal. Qual é a primeira marca, a primeira pista que te chama a atenção aqui?

S3- Acho que são três coisas. É a data em cima, porque em livro não tem muito a data. Aqui em negrito seria o olho.

P- O que seria este olho?

S3- Seria um resumo do texto e aparece mais em jornal do que em revista. E uma imagem com legenda embaixo e aparece em jornais geralmente.

P- E por que isso tu identificaste como imagem? (apontando para a marca no texto)

S3- É bem grande e tem uma legenda pra explicar o que é a imagem.

P- Então os três aspectos são a data e nome, depois o olho e a imagem. E agora olhando o restante desta representação o que mais te chama a atenção?

S3- Ele indica aqui embaixo o e-mail pra entrar em contato.

P- Que marca aparece pra identificar que seja um e-mail ?

S3- O arroba, o ponto e três “enes” e depois mais um ponto e dois “enes”. Se fosse uma frase teria que ter o ponto e letra maiúscula. Poderia ser um site mas acho que é o e-mail de contato.

P- Então aponta todas as pistas, marcas que tu conseguiu reconhecer.

S3- O dia e a data aqui em cima, o olho, a imagem, o site aqui dentro(neste momento chamou a atenção do sujeito uma marca que encontra-se no corpo da notícia) do texto e o e-mail.

#### Entrevista Sujeito 4

P- Analisando este material, podemos dizer que ele é um texto?

S4- Acho que é uma representação de um texto.

P- Por quê?

S4- Porque é a mesma coisa de um jornal. Só que aqui substituíram as palavras pelos “enes”.

P- E o que te chamou a atenção para dizer que isso é um texto jornalístico? Quais são as marcas?

S4- A imagem. Aqui a legenda e o e-mail embaixo.

P- Por que representa um e-mail?

S4- Tem o arroba.

P- E por que isso aqui é uma imagem?

S4- Não imagino outra coisa pra ser nesse quadrado com um “ene” grande e com uma legenda embaixo. Aqui em cima é uma data.

P- Aponta onde é a data.

S4- Aqui tem a data, aqui é a manchete. Pra mim isso aqui é um texto.

P- Aqui é data...(antes de ser questionado a respeito dos demais dados, o sujeito completa)

S4- O mês, a página.

P- E a manchete é aqui por quê?

S4- Porque tá em negrito.

P- A manchete está sempre destacada?

S4- Tá sempre destacada, maior assim.

P- Bom então apontaste a data, a manchete, a imagem , a legenda e o e-mail. Tem mais alguma coisa que tu identifica...(antes de concluir, há nova interrupção).

S4 – A distribuição das palavras também chama a atenção, como se fosse uma entrevista pelo travessão. Chama muito a atenção porque parece alguém falando (neste momento está analisando o corpo da notícia). A distribuição dos parágrafos em colunas.

P- E esta parte que está em negrito aqui? (apontando para o olho)

S4- Eu não saberia dizer. Não sei se é mais para explicar a manchete. Pra dar mais detalhes.

#### Entrevista Sujeito 5

P – Analisando este material, podemos afirmar que ele é um texto?

S5- Pra mim representa um texto porque só tem aí escrito “ene”.

P- E pra ser um texto teria que ter o quê?

S5- Palavras diferentes.

P- Se isso pode representar um texto, qual texto ele poderia ser?

S5- Parece uma manchete de jornal. Uma página de um jornal

P- Partindo então da idéia de que isso poderia ser uma página de jornal, que marcas nós podemos apontar ? O que te chama a atenção?

S5- Tem a foto, o título, aqui estaria a data, o título.

P- E por que ali parece ser uma foto?

S5- Esse “ene” grande só encaixa se for uma foto.

P- E aqui por que poderia ser a data, a página do jornal?

S5- Pelo lugar.

P- Existe então um lugar específico pra isso?

S5- Sim.

P- E a manchete?

S5- Parece um título porque tá separado e tem uma letra maior. Tá em negrito.

P- E o que mais identifica esta representação como uma página de jornal?

S5- Só percebo isso.

# Economia

## A mania Google de fazer dinheiro

RODRIGO MÜZELL

**A história já virou chavão no Vale do Silício: dois amigos peritos em computadores têm uma idéia, formam uma empresa de tecnologia na faculdade e ficam ricos.**

Com Sergey Brin e Larry Page foi assim, mas com uma ligeira diferença: eles não só ficaram ricos como hoje dirigem uma empresa mais valiosa do que a Coca-Cola.

Valorizada com o anúncio de lucros no terceiro trimestre, a empresa passou a valer mais de US\$ 100 bilhões na semana passada. O número a deixa entre as 20 maiores companhias dos Estados Unidos, olhando de cima a concorrência – o Yahoo! vale praticamente a metade.

Acessar o [www.google.com](http://www.google.com) já virou até verbo nos EUA: “to google” (ou “googlar”). Criada em 1998, a tecnologia de Brin e Page mudou a busca de informações nos bilhões de sites da rede, classificando as páginas por ordem de importância.

– O sucesso no mercado se deve à qualidade da busca. Rápido, fácil e confiável – diz a coordenadora de Gestão em Tecnologia da Informação da Faculdade de Administração da PUCRS, Elisabeth Abdala.



Brin (E) e Page, fundadores do site

Autor do livro *The Search*, no qual analisa a trajetória do Google e de outros buscadores, o professor de Jornalismo da Universidade de Berkeley John Battelle lembra que o sistema chegou em uma época em que os grandes portais davam pouca importância à busca na rede.

– O Google se focou na experiência do usuário e foi recompensado com sua lealdade – diz Battelle, um dos fundadores da revista *Wired*.

## ANEXO D – Entrevista para verificação do reconhecimento das marcas presentes na moldura do texto/fonte

### Entrevista Sujeito 1

P- Este material é um texto ?

S1- É um texto, mas é um texto jornalístico porque contém todos os aspectos necessários que uma reportagem de jornal tem que ter em suas folhas. Não é um texto comum.

P- E quais são as marcas que tu observas neste material para dizeres que é um texto jornalístico?

S1- São várias marcas. Tem a manchete, o assunto, dados gerais – o nome, o jornal, a data, página -, a foto com uma legenda – porque toda foto tem que ter uma legenda senão fica no meio de tudo e ninguém sabe o que é – tem o e-mail do jornalista que construiu toda a reportagem, tem uma parte em negrito que tá destacada como se fosse uma introdução – já que tem muitos leigos que lêem jornal, até a maioria, dependendo do assunto – do que vai ser tratado na notícia.

P- Será que lendo essa introdução tu já saberias qual é o assunto da reportagem?

S1- Não, diz tudo o que a reportagem quer mostrar mas, por exemplo, se eu fosse falar pra uma pessoa sobre a internet pra alguém que nunca entrou na internet – que é uma coisa rara atualmente – daí tu explica que a história tal. . . uma breve história. Pra depois falar em detalhes do google. Falar tecnicamente, dar mais datas e outras coisas mais.

P- Mais alguma marca para destacar?

S1- Tem o nome do jornalista, e tem várias coisas entre aspas, coisas técnicas, coisas entre parênteses, porque pra ser um texto jornalístico tu não pode escrever tudo o que tu quer, senão fica muito grande. Tem que ser uma coisa objetiva e ao mesmo tempo uma coisa construtiva, ou seja, que tenha o material necessário, mas não pode ser uma coisa cansativa.

P- Lembras que no outro dia tu fizeste a análise de um material que, segundo a tua análise, representava um texto? Comparando agora estes dois materiais, há semelhanças entre eles?

S1- Tem semelhança mas não na forma que tá escrita assim, é evidente que aqui tá só com letras “enes”. Tá na estrutura de uma reportagem. Então a semelhança que já é notável, mesmo não tendo o conteúdo inserido, é de estrutura. Eu tenho os mesmos aspectos que são a foto, manchete, os dados gerais, a introdução, a estrutura que marca mais assim. No texto tem aspas, parênteses, essas marcas que já apontei antes.

### Entrevista Sujeito 2

P- Este material é um texto ?

S2- É um texto.

P- E por quê? Que tipo de texto é?

S2- Uma notícia.

P- E que marcas aparecem neste material pra dizer que é uma notícia?

S2- A página, o olho, o e-mail da pessoa que escreveu, uma imagem – que nem sempre aparece – daí tem a descrição da imagem, o texto com parágrafos, o título, o caderno do qual é a notícia e o nome do jornal.

P- Tu conseguirias me dizer do que fala esta notícia?

S2- Sobre o google.

P- Mais alguma marca nessa notícia?

S2- O nome de quem escreveu e quando o entrevistado fala tem o travessão.

P- Lembras que no outro dia tu fizeste a análise de um material que, segundo a tua análise, representava um texto? Comparando agora estes dois materiais, há semelhanças entre eles?

S2- A imagem é semelhante, a página, a seção, o título, o nome do autor, o e-mail do autor, o travessão que aparece nas duas, o olho da notícia.

P- E quais são as diferenças que aparecem nesses materiais?

S2- Só vejo que este aqui tá escrito só com “ene”.

P- Então esta poderia ser a representação da notícia que tu leste hoje?

S2- Sim.

P- Mais alguma marca que tu observas nos dois materiais?

S2- Os dois têm parágrafos, e nos dois, o texto começa com uma letra maior do que no resto.

### Entrevista Sujeito 3

P- Este material é um texto ?

S3- Acho que sim.

P- Por quê?

S3- Ele tem parágrafos definidos, tem letras, frases e acho que isso é que caracteriza um texto. Tem letra maiúscula e minúscula e a pontuação.

P- E tu saberias me dizer do que fala este texto?

S3- É de um jornal, tá escrito em cima Zero Hora. E acho que fala do google. Eu vi no título aqui.

P- Se é uma notícia, então aponta as marcas no material.

S3- Acho que no jornal tem lá a data, o nome do jornal em cima, o caderno que no caso é economia e depois vem aqui o site, geralmente se põe o site dentro do texto, e lá embaixo tem o e-mail pra contato. Também uma imagem com legenda aqui.

P- E essa imagem estaria relacionada com o quê?

S3- Pela legenda diz que são os fundadores do google.

P- Mais alguma marca neste material?

S3- Tem olho e em cima o nome do escritor.

P- Lembras que no outro dia tu fizeste a análise de um material que, segundo a tua análise, representava um texto? Comparando agora estes dois materiais, há semelhanças entre eles?

S3- Acho que os dois são de notícia de jornal também, tem lá em cima o número da página, a data, o caderno do jornal, o título, o olho da notícia que é uma outra marca que mostra que é uma notícia, a imagem com legenda, o site nas duas páginas.

P- E tem alguma diferença entre os materiais?

S3- Acho que este aqui representaria um texto porque tem só “ene” no lugar das letras e esse é um texto porque tá com palavras e frases.

#### Entrevista Sujeito 4

P- Este material é um texto ?

S4- É uma reportagem de jornal. É um texto.

P- E quais são as marcas que aparecem no material que caracterizam que este é um texto de jornal?

S4- A Zero Hora, tem o caderno que é de economia, a manchete, aqui tipo explicando a matéria e embaixo com mais detalhes, a foto, a legenda e o e-mail aqui.

P- Consegues identificar de quem é esse e-mail?

S4- É do repórter.

P- Mais alguma marca que te chama a atenção?

S4- Tem a foto, o número da página e a data.



P- Lembras que no outro dia tu fizeste a análise de um material que, segundo a tua análise, representava um texto? Comparando agora estes dois materiais, há semelhanças entre eles?

S4- As letras aqui. Tipo esse “ene” do cantinho é o número da página, esses outros dois aqui são do dia 20, aqui é domingo, a manchete, o nome do repórter, a resenha, os detalhes, o e-mail, a foto e a legenda.

P- E o que difere entre estes textos?

S4- Aqui não aparece as letras, eu não consigo ler as coisas. Só tem os “enes” então não tem como saber exatamente a notícia.

#### Entrevista Sujeito 5

P- Este material é um texto ?

S5- Um texto de jornal.

P- E quais são as marcas que aparecem no material que caracterizam que este é um texto de jornal?

S5- Tem o título, tem a foto, tem ali em cima mostrando que é a Zero Hora então eu tenho certeza que é um texto de jornal.

P- Mais alguma marca que te chama a atenção?

S5- A maneira de como o texto é feito. Ele não ocupa toda a página. Ele é um texto estreito.

P- Lembras que no outro dia tu fizeste a análise de um material que, segundo a tua análise, representava um texto? Comparando agora estes dois materiais, há semelhanças entre eles?

S5- São iguais. Só que um tá escrito com “ene” e o outro tá a notícia.

P- E o que aparece de igual entre eles?

S5- Tem o número da página, tem a Zero Hora, aqui sobre o que é a reportagem, o título e a foto.

ANEXO E – Produção de uma notícia para verificação das marcas da moldura da superestrutura da notícia utilizadas pelos sujeitos

Esporte

## É Campeão!

Nada mais impede o Inter



Fernandão (esquerda) Comemora gol com Rentería

**O Internacional empatou ontem com o atual campeão mundial, o São Paulo, com gols de Fernandão e Tinga para o Colorado, e Fabão e Lenílson para O São Paulo. Tornou-se campeão da Copa Toyota Libertadores.**

Ontem, foi um dia que será lembrado para sempre, pois a emoção de 57.554 torcedores, mostrando naquele momento a única coisa que importava: o Internacional Como diz o grito da torcida alvi-rubra *nada podia separá-los*.

Após a consagração do jogador Rafael Sobis no Morumbi,

marcando dois gols para o Internacional, bastava o Colorado empatar aqui no Rio Grande. Ninguém dormiu naquela noite, tudo estava bom demais para ser verdade, pela primeira vez o Internacional era o melhor da América e iriam a busca do Campeonato Mundial. Os gremistas tentaram “secar”, mas veio aquela massa colorada gritando “INTER... INTER... NÓS SOMOS CAMPEÕES DA AMÉRICA!”.

Que Colorado que nunca sofreu uma brincadeira “Eu sou campeão da América e você não”? Então hoje, colorados, é dia de rir, de brincar, de gritar, de chorar de emoção. Agora o Internacional é o melhor.

# Cultura

## O Elefante de 15 anos

No dia 25, quarta-feira, o teatro de bonecos da companhia Caixa do Elefante realizou em Porto Alegre um de seus mais famosos shows, “O Cavaleiro da Mão de Fogo”. Neste ano, a companhia completa 15 anos e está comemorando com uma turnê pelo Rio Grande do Sul.

André J. Roithmann

Desde quando foi fundada, em 1991, a companhia de teatro de bonecos Caixa do Elefante vem participando de festivais de teatro nacionais e internacionais. Também, esse ano, por exemplo, eles acabaram de voltar do Canadá. E como uma companhia destas não se contenta com uma pequena festinha de aniversário, eles programaram uma grande turnê por todo o estado, exibindo seus maiores e mais famosos espetáculos.

Entre estes espetáculos está a peça “O Cavaleiro da Mão de Fogo”, que é nada mais nada menos do que uma clássica história medieval com cavaleiros e dragões. A história, escrita por Mario Pirata é baseada em uma obra de Javier Villafañe, foi exibida nesta quarta-feira em Porto Alegre no Teatro de São Pedro,. o evento foi gratuito, com doação espontânea de material escolar.

Mas é claro que nenhuma peça da companhia está completa sem o cachorro Abelardo, que sempre anima a platéia e já foi apresentador do Festival de Bonecos de Canela.



[andré@elefante.com.br](mailto:andré@elefante.com.br)

1

# ESPORTES

zero hora &gt;outubro&gt; 31/10/2006

## INTER É CAMPEÃO BRASILEIRO 2006

Depois de muita luta, INTERNACIONAL é campeão brasileiro 2006. Grêmio ficou fora da zona de classificação para libertadores 2007, em 6º lugar, Corinthians rebaixado para a segunda divisão junto com Fortaleza, São Caetano e Santa Cruz. O INTER, não podemos negar, que teve sorte: Lenilson, Junior e Mineiro lesionados.



Internacional contou com a ajuda da sorte. São Paulo depois da 31ª rodada só perdeu jogos e jogadores e o Inter ganhou todos jogos. Fernandão, Fabinho, Wellington Monteiro e Fabian Vargas se recuperaram na 32ª rodada de suas lesões. A alegria foi tão grande que quem estava lá via jovens torcedores gritando muito, torcidas animadas e crianças com boné e bandeiras do Inter. Depois dessa vitória do campeonato Inter poderá esquecer do ano passado que foi injustiçado pelo STJD novamente.

Entrevista com Abel Braga:

-- Abel, você pensou em sair ou continuar no inter?

-Eu realmente disse que sairia do Inter se ficasse mais um ano sem poder treinar meu time na área técnica, mas falei isso da boca pra fora, pois Inter é o meu time, com esse time fui campeão da libertadores.

--Você acha que o Inter mereceu ser Campeão?

-- Sim, o Inter mereceu ser campeão, com certeza conquistamos esse campeonato com muita luta.

[rodrigopettini@gmail.com](mailto:rodrigopettini@gmail.com)

# Grêmio ganha o mundo

Francisco Duarte

**O Grêmio ganha o mundial**  
**Inter Clubes após conquistar uma vitória sobre o time do Hamburgo da Alemanha.**

**O jogo foi realizado no Estádio de Yokohama no Japão com uma vitória de 2 a 1 para o Grêmio de virada.**

As duas equipes se encontraram para uma disputa acirrada, e o time brasileiro se deu melhor com dois belos gols do craque Renato Portaluppi (Renato Gaúcho). Após esta partida ele foi convocado para a seleção que fez uma ótima dupla junto ao grande jogador Falcão do . Além deles, destacou-se um estrangeiro, o Uruguaio Hugo de Leon, que já teve seu nome citado na lista da seleção de seu país. Além disto o jogador foi técnico do time no início do ano de 2005, tendo uma péssima seqüência de derrotas na série B do Brasileiro, por isso foi demitido.

Após voltar do Japão o time fez uma bela carreata passando por muitas ruas da cidade de Porto Alegre. Entre as ruas se destacou a passagem pela avenida Goeth com um milhão de torcedores gritando apaixonadamente pelo clube que amam. Imprensa esportiva de mais de trinta países estava lá fazendo a cobertura.

Com este feito histórico o clube pegou a mania de cada vez que o time entrava em sua casa (o Estádio Olímpico) os torcedores cantavam o nome do craque Renato Portaluppi.



20 Porto Alegre 04 de outubro //Jornal Notícia//

## REBELDIA NO PALCO

**Show da banda mexicana RBD lotou Gigantinho em Porto Alegre e levou milhares de fãs a loucura. A banda RBD surgiu dentro da Telenovela mexicana Rebelde em 2004 e ninguém imaginava o tamanho do sucesso da banda que encantava cada vez mais crianças e adolescentes “Rebeldes”**

Maite, Christian, Dulce Maria, Christopher, Alfonso e Anahí atuavam na trama da novela como seis adolescentes de um colégio interno que se uniram para realizar um sonho, formaram uma banda.

Como em um piscar de olhos a banda saiu da novela e ontem de noite levou milhares de fãs gaúchos ao Gigantinho.

E estes começaram a chegar bem cedo na fila, muita gente chegou três dias antes.

Maria Cristina levou as três filhas no show:

- Eu realmente estou muito emocionada com a felicidade das minhas filhas porque elas estão realizando um sonho e eu fico muito feliz.

Como os ingressos evaporaram de um dia para o outro foi marcado um outro show para hoje.

Lívia não conseguiu ir no show ontem e já está na fila de hoje:

- Eu amo o RBD e minha amiga disse que o show é emocionante milhares de pessoas cantando junto!

Os ingressos custam:

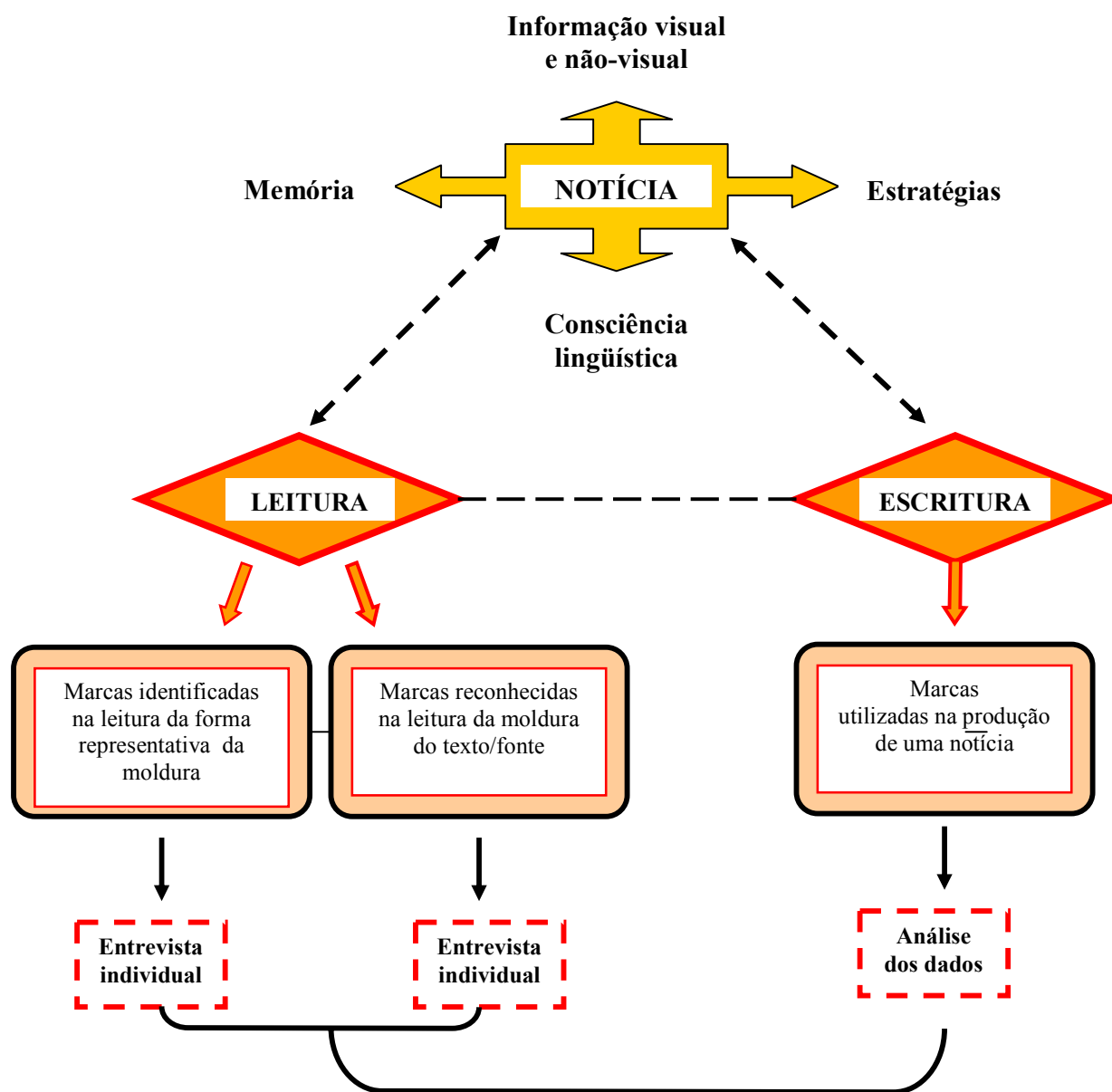
R\$ 200 - Cadeira

R\$ 130 – Pista

R\$ 80 – Arquibancada



## ANEXO F- Esquema da pesquisa



## **CURRICULUM VITAE**

### **1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome: Cláudia Belmonte Rahal

Naturalidade: Porto Alegre- RS

E-mail: [cbrahal@terra.com.br](mailto:cbrahal@terra.com.br)

### **2. FORMAÇÃO ACADÊMICA**

#### **2.1 Graduação:**

Licenciatura em Letras-Habilitação em português e espanhol com respectivas literaturas (1º e 2º graus). PUCRS, 1988.

#### **2.2 Pós-graduação:**

Curso de Especialização em Leitura e Produção Textual. UNILASALLE, 2001.

### **3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

Professora e Coordenadora de Língua Portuguesa. Colégio Monteiro Lobato, 1998 – atual.

Professora do Curso de Letras. Centro Universitário IPA, 2005- atual

Professora da Equipe de Corretores do Vestibular. Centro Universitário IPA, 2005- atual.